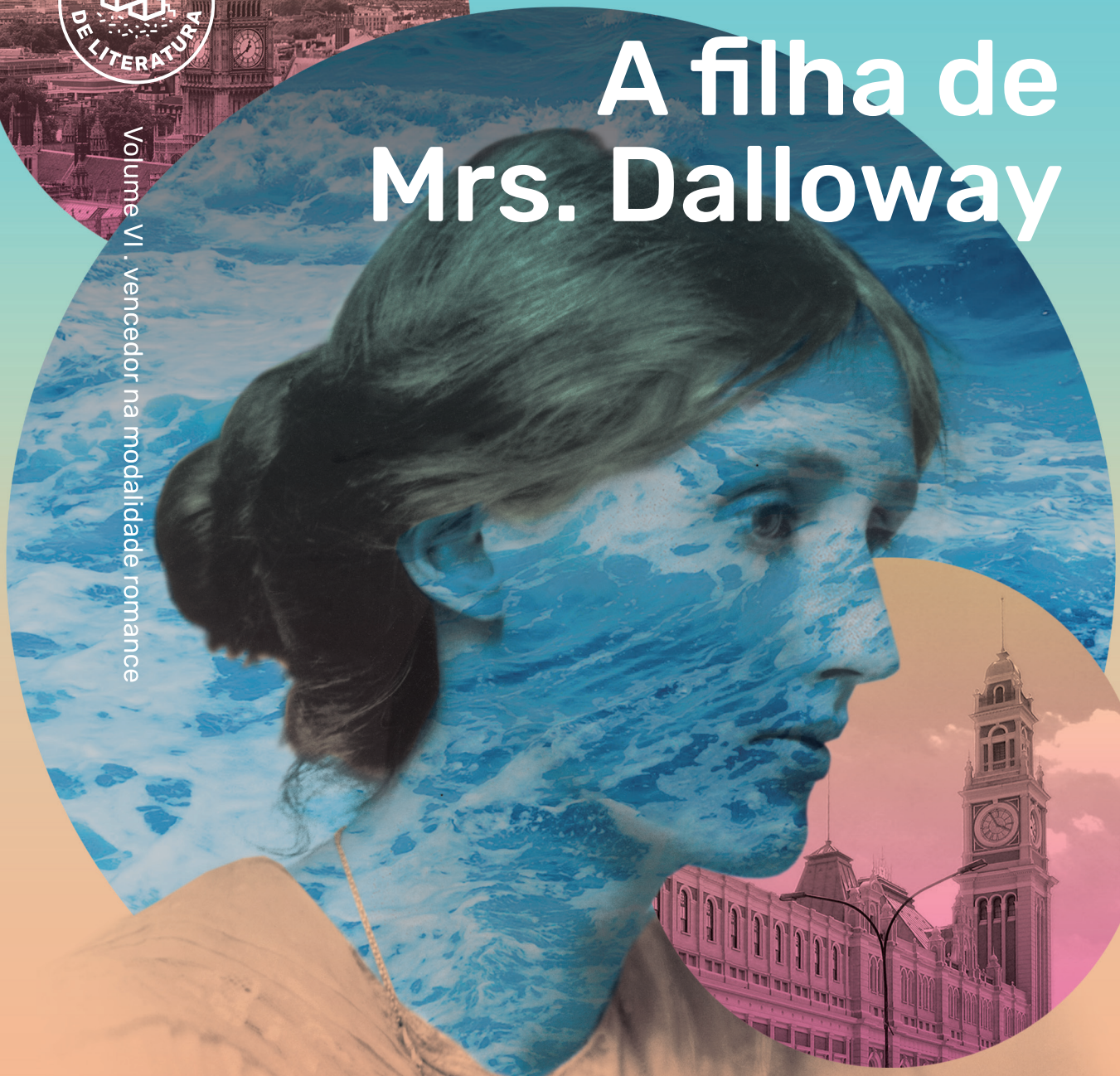
4º PRÊMIO UFES DE LITERATURA

Vanessa Maranha

A filha de Mrs. Dalloway

Volume VI . vencedor na modalidade romance



EDUFES

Volume VI . vencedor na modalidade romance

Vanessa Maranha

A filha de Mrs. Dalloway

EDUFES
Vitória, 2021

Universidade Federal
do Espírito Santo

Reitor
Paulo Sergio de Paula Vargas

Vice-reitor
Roney Pignaton da Silva

Chefe de Gabinete
Zenólia Christina Campos Figueiredo

EDUFES
EDITORA

Editora Universitária – Edufes

Filiada à Associação Brasileira
das Editoras Universitárias (Abeu)

Av. Fernando Ferrari, 514
Campus de Goiabeiras
Vitória – ES · Brasil
CEP 29075-910

+55 (27) 4009-7852
edufes@ufes.br
www.edufes.ufes.br

Diretor da Edufes
Wilberth Salgueiro

Conselho Editorial
Carlos Roberto Vallim, Eliana Zandonade, Eneida Maria Souza Mendonça, Fátima Maria Silva, Graziela Baptista Vidaurre, Isabella Vilhena Freire Martins, José André Lourenço, Marcelo Eduardo Vieira Segatto, Marcos Vogel, Margarete Sacht Góes, Rogério Borges de Oliveira, Sandra Soares Della Fonte, Sérgio da Fonseca Amaral

Secretaria do Conselho Editorial
Douglas Salomão

Administrativo
Josias Bravim
Washington Romão dos Santos

Seção de Edição e Revisão de Textos
Fernanda Scopel, George Vianna, Jussara Rodrigues, Roberta Estefânia Soares

Seção de Design
Ana Elisa Poubel, Juliana Braga, Samira Bolonha Gomes, Willi Piske Jr.

Seção de Livraria e Comercialização
Adriani Raimondi, Dominique Piazzarollo, Marcos de Alarcão, Maria Augusta Postinghel, Maria de Lourdes Zampier

Este trabalho atende às determinações do Repositório Institucional do Sistema Integrado de Bibliotecas da Ufes e está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

Para ver uma cópia desta licença, visite http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

Preparação de texto
Jussara Rodrigues

Projeto gráfico
Juliana Braga

Diagramação
Samira Bolonha Gomes

Capa
Willi Piske Jr.

Revisão de texto
Fernanda Scopel

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

M311f

Maranha, Vanessa, 1972-
A Filha de Mrs. Dalloway [recurso eletrônico] / Vanessa Maranha. - Dados eletrônicos. - Vitória : EDUFES, 2021.
166 p. – (4º Prêmio Ufes de Literatura ; v. 6)

ISBN: 978-65-88077-17-7
Também publicado em formato impresso.
Modo de acesso: http://repositorio.ufes.br/handle/10/774/

1. Literatura brasileira. 2. Ficção brasileira. I. Título. II. Série.

CDU: 821.134.3(81)-3

Elaborado por Perla Rodrigues Lôbo – CRB-6 ES-000527/O

Esta obra foi composta com
as famílias tipográficas PT Sans e PT Serif.

Literatura e universidade

A iniciativa de produzir textos literários é um gesto de criação artística movido pela força inventiva da sensibilidade, do conhecimento, de técnicas e vivências de cada autor. Nesse universo de criatividade, o Prêmio Ufes de Literatura torna-se uma ação importante consolidada na Universidade Federal do Espírito Santo. É uma ferramenta que impulsiona a criação literária e estimula a produção de textos em diferentes faixas: poesia, conto, crônica, romance, dramaturgia, literatura infantil e literatura juvenil. Em sua quarta edição, o Prêmio é referência para escritores veteranos e iniciantes da produção literária, contemplando públicos diversos, de todas as idades – de crianças a octogenários.

Para além do universo regional, o Prêmio atrai a atenção de participantes de muitos lugares. Em sua atual edição, alcançou o recorde de participações – 683 originais inscritos. Enviaram seus trabalhos escritores de 24 estados brasileiros e de nove países de quatro continentes. Vale o registro de que a nossa Universidade sediou as edições mais recentes da Feira Literária Capixaba, apontando para uma consistente política cultural que valoriza a produção regional e estimula a formação de novos leitores. Com o Prêmio Ufes de Literatura, a Universidade reafirma suas potencialidades para também fomentar a produção literária.

O concurso é organizado pela Edufes, que em sua produtiva trajetória de 24 anos possibilita maior visibilidade à produção acadêmica da Universidade e oferece fundamental contribuição para o compartilhamento do saber. Após terem a qualidade de seus trabalhos reconhecida e aceita em um concurso de

tamanha dimensão, creio que todos os participantes desta edição do Prêmio estão plenamente motivados a dar continuidade ao ofício da produção literária. A comunidade universitária, certamente, sente-se orgulhosa pelo trabalho de excelência desenvolvido pela competente e criativa equipe da Editora da Ufes. Parabéns a todos os participantes do Prêmio, aos escritores vencedores e, especialmente, à Edufes e às comissões julgadoras e de organização pela bem-sucedida realização.

Reinaldo Centoducatte
Reitor

Literatura e resistência

Em todo concurso de literatura, a vencedora sempre é a própria literatura. Hoje, e desde há algum tempo, com o mundo cada vez mais veloz, difícil se faz concorrer com a sedução das obras e tecnologias audiovisuais. A lida com a palavra – base, não excludente nem exclusiva, da arte literária – pede uma dedicação de tempo e atenção ao objeto, tempo que poucos querem ofertar ao livro. Também por isso se diz que escrever literatura (e ler literatura!) se assemelha a um gesto de resistência.

A Editora da Ufes deseja colaborar com tal gesto, realizando, oportunamente, este Prêmio de Literatura, agora na quarta edição. Tendo no horizonte que autores como Carlos Drummond de Andrade e Guimarães Rosa, para citar dois clássicos apenas, ainda desconhecidos concorreram a prêmios literários (e ganharam), a Edufes se sente imensamente feliz em estender suas ações no sentido de dar visibilidade a autores estreantes ou veteranos que (feito Drummond e Rosa) se dispuseram a participar do IV Prêmio Ufes de Literatura – 2019/2020.

É necessário destacar alguns aspectos fundamentais do Prêmio, sobretudo o fato de ter havido uma procura realmente bastante expressiva em todas as modalidades. Foram 683 originais inscritos nas seis categorias: 213 em Poesia, 156 em Contos e crônicas, 140 em Romance, 79 em Literatura infantil, 56 em Dramaturgia e 39 em Literatura juvenil. Escolher um vencedor em cada categoria não foi, decerto, tarefa tranquila para as comissões julgadoras. A propósito, a composição das comissões, contando com professores de reconhecida excelência e com vasta experiência no campo da leitura e da

literatura, do ensino e da crítica, amplifica extraordinariamente a valorização do prêmio de cada um dos seis contemplados.

Concurso sem fronteiras (ou seja, não restrito a capixabas), houve inscrições de quase todos os estados do Brasil (24, exatamente), além de 23 inscrições vindas de vários países (Angola, Cabo Verde, Canadá, Estados Unidos, França, Inglaterra, Japão, Moçambique, Portugal). Os lugares onde residem os seis escritores contemplados dão bem a mostra da diversidade de que se reveste o Prêmio: Brasília (DF), Criciúma (SC), Franca (SP), Recife (PE), São Paulo (SP) e Tennessee (EUA). Outro dado relevante nos diz que houve participantes entre 9 e 84 anos que colocaram suas obras para a apreciação das comissões, sinal de que a literatura se parece àquela quadra de João Cabral em "Menino de engenho", de *A escola das facas*: "Menino, o gume de uma cana / cortou-me ao quase de cegar-me, / e uma cicatriz, que não guardo, / soube dentro de mim guardar-se." – os escritores sabem que a literatura é esta cicatriz, mais ou menos à vista, que atravessa a vida de quem com ela se avém.

Muito ainda se poderia dizer a respeito do Prêmio, ou de cada uma das obras, e de seus enredos e de suas técnicas etc., mas esse movimento agora pertence ao mundo dos leitores e, por extensão, dos críticos. Se, entre tantos, foram estes os livros escolhidos, isso significa que há gume e engenho de sobra em cada obra. Para usar uma linguagem um pouco mais despojada, nosso desejo é que, página a página, vocês curtam cada livro como se curte uma música, uma comida, uma paixão.

Para que um Prêmio desse porte se realize, é necessário todo um apoio institucional, que passa pelo Conselho Editorial e por várias instâncias da Universidade, em especial a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e a Reitoria – da qual a Editora é órgão suplementar. Mas, sem a cumplicidade, o envolvimento, a competência, o rigor e a alegria da equipe da Editora da Ufes,

decerto este Prêmio não teria o êxito que teve e que, agora, com os livros publicados, se estenderá a outros campos e espaços.

Agradeço, então, de modo sincero e comovido, aos colegas & servidores públicos da Edufes: Douglas, Josias, Tânia, Washington (setor administrativo); Fernanda, George, Jussara, Roberta (setor de revisão); Ana Elisa, Juliana, Samira, Willi (setor de *design*); e Adriani, Augusta, Delu, Dominique, Marcos (setor de comercialização): valeu, valeu mesmo!

Em tempos obscurantistas e regressivos, de agora ou outrora, ler é resistir, resistir é insistir: boa literatura a todos!

Wilberth Salgueiro
Diretor da Edufes

Comissões

Membros da Comissão Organizadora:
Douglas Salomão (Edufes)
Fernanda Scopel (Edufes)
Wilberth Salgueiro (Edufes)

Membros da Comissão Julgadora da modalidade Contos e crônicas:
Marcelo Ferraz de Paula (UFG)
Maria Fernanda Garbero (UFRRJ)
Rafaela Scardino (Ufes)

Membros da Comissão Julgadora da modalidade Dramaturgia:
Andréia Delmaschio (Ifes)
Leni Ribeiro Leite (Ufes)
Marcelo Paiva de Souza (UFPR)

Membros da Comissão Julgadora da modalidade Literatura infantil:
Gabriela Rodella (UFSB)
José Nicolau Gregorin Filho (USP)
Paulo Roberto Sodré (Ufes)

Membros da Comissão Julgadora da modalidade Literatura juvenil:
Benedito Antunes (Unesp)
Fabiane Verardi (UPF)
Maria Amélia Dalvi (Ufes)

Membros da Comissão Julgadora da modalidade Poesia:
Diana Junkes (UFSCar)
Raimundo Carvalho (Ufes)
Susana Souto Silva (Ufal)

Membros da Comissão Julgadora da modalidade Romance:
Fabíola Padilha (Ufes)
Flávio Martins Carneiro (Uerj)
Marcus Vinicius de Freitas (UFMG)

Premiados

Modalidade Contos e crônicas
Ruínas, de Lúcia Nascimento (São Paulo)

Modalidade Dramaturgia
Sentença, de Eduardo Aleixo Monteiro (Pernambuco)

Modalidade Literatura infantil
As cores de Tó, de Flávia Ribas (Distrito Federal)

Modalidade Literatura juvenil
As matrioskas, de Cristiane Dias (Santa Catarina)

Modalidade Poesia
Ucideia, de Felipe de Oliveira Fiuza (Estados Unidos)

Modalidade Romance
A filha de Mrs. Dalloway, de Vanessa Maranha (São Paulo)

Aos que renascem.

A duração interior é a vida contínua de uma memória que prolonga o passado no presente, seja porque o presente encerra distintamente a imagem incessantemente crescente do passado, seja, mais ainda, porque testemunha a carga sempre mais pesada que arrastamos atrás de nós à medida que envelhecemos. Sem essa sobrevivência do passado no presente, não haveria duração, mas somente instantaneidade.
Henri Bergson

I have a deeply hidden and inarticulate desire for something beyond the daily life.
Virginia Woolf

Uma família inglesa

Júlio Dinis que me perdoe a utilização de seu título, mas este aqui não é um romance; são apenas comentários mais ou menos descosidos a respeito de um romance, uma obra-prima da Vanessa Maranha, escritora laureada que justifica seus prêmios e os ratifica com a qualidade de literatura que nos oferece.

A filha de Mrs. Dalloway é a ficção emoldurando a ficção. A Virginia Woolf comparece não mais como autora, mas como personagem. É a irmã mais velha da Clarissa Dalloway e tia da protagonista do romance, a Elizabeth, filha de Clarissa. Esta, que comparecera como protagonista do romance *Mrs. Dalloway*, volta rediviva no livro da Vanessa. E dá à luz Elizabeth, quem nos ocupará por mais tempo.

Quando se quer definir um bom romance, entre outras coisas, deve-se destacar que põe em discussão vários aspectos da vida humana, quase sempre sem a necessidade de sugerir soluções acabadas. A lembrança dessa peculiaridade me veio da leitura deste *A filha de Mrs. Dalloway*.

Começando pelas emoções e sensações causadas por este livro, ocorre-me que durante a leitura me senti na praia, porque as cenas chegam como ondas que vêm, nos empolgam, nos cobrem, escondendo a paisagem, com força, às vezes furor, para então retornar tranquilamente ao mar por algum tempo. As ondas do discurso da Vanessa, em que pese a metáfora marítima, são de uma doçura inigualável para quem gosta das palavras.

Outra virtude deste romance é a escolha dos detalhes. São sempre importantes, descritos com extrema competência, o que resulta numa pintura palpável, quase material.

Mas, é claro, nada do que se diz acima seria possível sem uma das características desde sempre marcantes da Vanessa: a extensão de seu vocabulário. A extensão e a propriedade. Sua riqueza vocabular é extraordinária sem cair no exibicionismo daqueles que, como contam de Coelho Neto, não podem ouvir uma palavra desconhecida que não a utilizem em seu próximo texto. No texto da Vanessa Maranha, as palavras surpreendem pela exatidão com que são usadas, e isso nos mais variados campos do conhecimento.

E, falando de surpresa, não se pode esquecer o *ostraniene* dos formalistas russos, que introduziram nos estudos literários este conceito do estranhamento. Sem ele, o texto pode tornar-se enfadonho, insosso, apenas informativo, quando informa. Esta é uma das mais altas virtudes da Vanessa, que a cada passo nos assusta ao conceber uma combinação totalmente estranha que tem como objetivo dar maior vigor à sua literatura. O escritor literário é um inventor de linguagem. Em seu famoso texto "Instinto da nacionalidade", o Bruxo do Cosme Velho pontifica que o escritor de literatura tem de ser permeável à língua de seu povo, mas a língua que devolve tem de ser melhor do que a recebida, por isso é escritor. A Vanessa, nesse sentido, é uma autora machadiana.

Se descermos um pouco mais nos códigos usados pela escritora, podemos filiá-la à corrente literária para a qual mais importantes do que o visível são os movimentos da alma, os valores, enfim, a mais profunda humanidade. E isso a Vanessa explora com suas personagens, incluindo-se aí a autora/personagem Virginia Woolf.

Tem este livro como base de sua criação o ambiente londrino em que viveu Mrs. Dalloway — festas, saraus, regados a bebidas e discussões —, o ambiente londrino tanto da Clarissa quanto de sua irmã, Virginia Woolf, e também São Paulo, onde John é feito cônsul da Grã-Bretanha e Elizabeth, sua esposa, acha que vai morrer de tédio.

Nas três personagens femininas que conduzem a história, vamos encontrar conflitos em que elas se debatem em busca de uma justificação para estarem vivas, tentando dar algum sentido a suas vidas. Vida e morte estarão sempre presentes, pairando como dúvidas, como tentativas de chegar a um ponto de repouso, uma verdade que permita, enfim, que elas se mirem no espelho sem detestarem o que veem.

Questões como as levantadas pelas sufragistas acompanham essas mulheres, quando conseguem romper com as banalidades a que estão habituadas.

Enfim, um romance em cuja construção a autora demonstrou familiaridade com Londres e São Paulo e que, sem dúvida, demandou muitas horas de pesquisa. Um romance que o leitor de literatura não deve perder.

Menalton Braff, *escritor*

Agradecimentos

Minha gratidão ao Nelson Damasceno, que determinadamente, numa tarde de verão do início dos anos 2000, deixou na portaria do jornal onde eu então trabalhava um pacote com os livros *Mrs. Dalloway*, *Orlando* e *Ao farol*, apresentando-me assim Virginia Woolf, de quem, na época, eu ainda tinha medo. "Chega de tatear. Virginia Woolf, autora sem a qual o Modernismo não pode ser definido, lhe é essencial", dizia o bilhete que acompanhava os livros. Damasceno foi docente brilhante de letras e escritor em ascensão, brutalmente assassinado em sua casa, em 2001.

Meus agradecimentos à Universidade de Sussex e à Biblioteca Britânica pela disponibilização de cartas e documentos importantes para a pesquisa a distância desta construção ou visita ou, ainda, homenagem ficcional que parte de uma personagem elíptica e aparentemente periférica de Woolf para irradiar-se em fragmentação espaço-temporal (o tempo senão como uma linha de avanços e digressões), com personagens que podem tanto vagar pela pele de vitorianos tardios quanto pelas feridas de uma metropolitana contemporânea atravessada de solidão na multidão. Se *Mrs. Dalloway* é ficção, sua filha Elizabeth também se equilibra nas horas eternas — as de dentro — e pode tanto estar, em tempo/espaço, no entreguerras europeu quanto em Ibiza ou no Cantagalo, Rio. Aqui, Mrs. Dalloway é irmã de Virginia Woolf, seu *alter ego*.

Minha amizade e admiração à Sonia Machiavelli, que abriu as portas do suplemento literário de seu jornal para que eu pudesse me exercitar e me autorizar literariamente.

Minha sincera comoção pela boa vontade da amiga Lúcia Helena Maniglia Brigagão, que, vivendo uma parte do seu tempo na Inglaterra e outra no

Brasil, se dispôs a buscar e me entregar sinestesias e impressões de Monk's House, em Rodmell, no Reino Unido, última morada de Virginia Woolf. Agradeço também à amiga Maria Luíza Salomão por nossas trocas psicanalítico-literárias e pelos livros de ensaios sobre e de Woolf com os quais me presenteou ao longo de minha pesquisa.

Minha maior reverência pelo monumento Virginia Woolf e sua mirada brilhante, assertiva e profunda sobre o feminino, sua genialidade. Agradeço também a Michael Cunningham, que como autor demonstrou a possibilidade de abordar e recriar com atualidade o vasto e inesgotável universo de Virginia Woolf.

Agradeço à minha mãe, que me deu à luz. À minha filha Nina, por me tornar mãe. À Joelma Ospedal, uma amiga que a vida foi fazendo irmã.

Também ao impecável trabalho da revisora e preparadora de texto Jussara Rodrigues, que muito agregou à finalização deste trabalho.

E finalmente à música. Chico Science, Bilderbuch e Radiohead, com "Risoflora", "Eine Nacht in Manila" e "Weird fishes/Arpeggi", embalaram este livro de percurso sinuoso: como projeto, participou do *pitching* Amazon KDP na Flip 2017; depois, foi finalista no Prêmio de Incentivo à Publicação Literária, 100 Anos da Semana de Arte Moderna de 1922-2018, do extinto Ministério da Cultura; e, por fim, ganhador do IV Prêmio Ufes de Literatura 2019/2020, da Universidade Federal do Espírito Santo.

São Paulo, 11h50

A faixa azul do céu de outono que a enorme janela de vidro da sala de Ludmila Fleet filtrava dizia: você está presa.

Tem as chaves da porta ao alcance, mas ainda é prisão, prateada, mobiliada, referente de tudo quanto se queira ser ou compor pelas centenas de pequenos e grandes detalhes espalhados aqui e ali, espelhando-a ou forjando-lhe uma forma, mas continuando a ruminar: longe você não vai tanto.

Ter incomensurável céu e não haver asa.

A casa que quisera estava ali, essa casa a abraçava; o homem, seu marido, providenciara. Robert Fleet, colega da infância na escola dos consulados, ele filho do cônsul inglês, ela, do adito cultural libanês, já falecido, mãe não conhecera, morta no seu nascimento. O amor do costume. O amor do que fora sendo mesmo, conforme e esperado. Robert, os seus olhos anglo-saxões cinza-azulados eram um dia comum em Londres, pele rosada, a vida ordenada na previsibilidade.

Pensara que não iria por aí, sua geração já outra, mais livre, muito adiante das antepassadas, mas na vala comum do casamento caíra, dócil, sem pensar, do jeito mesmo que as coisas iam, seguindo vetor. Robert tão bom, gestor dos negócios paralelos do pai, o senhor cônsul John Fleet.

A semana anterior ao retorno, Elizabeth passara no Rio de Janeiro. Bicho que agoniza, ela estava à hora mais cintilante do dia, na impressão de que todos os olhos da rua pousavam repentinamente sobre seu corpo derrotado. A cabeça, sob os quarenta graus do Rio, fervilhava em pensamentos desencontrados, raiva, dor, queria atacar alguém, ora, fora traída e, de certa forma, abandonada pelo último amante. Era ela, naquele momento, cachorro morto desses

que se chutam sem piedade, a cabeça baixa e a cidade linda, mulata, quente e verde, pulsando viva, "apesar de mim, ao meu redor", pensou. Sentada num banco de concreto, tentava identificar: "É praça este lugar onde estou?".

A Cardeal Arcoverde — cotovelos espetados nas coxas, a cabeça entre as mãos tentando segurar os pensamentos e enquadrá-los nalguma lógica, perguntando que gesto, que palavra, que olhar tão poderoso de alguém — sempre assim, as coisas — para jogá-la em espasmos de morte, desvalida, plena rua zunindo em trânsito e maresia, já a Tonelero, trem descarrilado, os passos miúdos de gueixa perdida numa linha reta.

Andou muito, até sentir os pés ardidos, grãos mínimos de areia — a mais fina, essa que dizem, e ela acredita, vem dos ventos do Saara, e não dali mesmo — arranhando a vista, ela, um beduíno sedento, percorrendo a longa rota que não dará em lugar nenhum, só areia e sol, milhares de anos caminhados até voltar para Copacabana. Babilônia e Cantagalo, espectros ao fundo, uma visão tão *naïf* retorcida nas retinas, figurados como duas das coisas mais verdadeiras e irremediáveis do seu dia, teimando bravamente nas encostas de Copa. Subir, então, já que medrosa e sem nada, ao seu mirante particular feito em aço, concreto e vidro, ao seu camelo, o duplex da Atlântica, ela tão cheia de tudo e ainda assim miseravelmente encurvada fingindo que não vira nada, que o irrefreável contido naquele homem, ex-guarda-costas saindo de motelzinho ordinário no centro da cidade com duas loiras não lhe tocava tão fundo.

— Tu tem sessenta anos, queria o quê? — Podia vê-lo e ouvi-lo perguntando isso, voz debochada, acento cínico, ao se justificar. Gesto fatal, antes do fim, ele voltou atrás e se permitiu um último olhar.

Vê-la, enfim. Como se levantasse um véu pousado em seu rosto, enxergar em cheio a erosão dos anos naquela cara. Procurou a antiga simetria que ele próprio construíra nela com seu olhar e não havia nada. Sequer a sombra do

paraíso que seu sorriso parecera encerrar sempre. Era quase feia, ela, olheiras fundas a torná-la grave, coisa que jamais apreciara em mulher, seus olhos haviam antes tratado de apagar com a paixão. Mas nesse instante se despia dela, entendia que não a queria mais — aquele cheiro pele palavras, sua vida vadia e mesquinha.

"Pois é, eu queria o quê mesmo?", perguntou-se, resignada, sem resposta, sem expressão, tão caricatural, vendo-se refletida em vidraças de cristal, a insinuação, porém, de água fresca longínqua que ela beberia a longos goles de um cantil em couro repuxado de ovelha. Aproximou-se, escancarou a vidraça e ele estava lá. Azul-esverdeado, intenso, o ronco feroz e constante espumando ondas, populações inteiras de medusas e corais, conchinhas e peixinhos coloridos abaixo da linha turquesa. Os mosaicos sinuosos, ondulantes, em preto e branco do calçadão estereotipado e lindo. O vigor do Rio às duas da tarde.

Ajeitou-se melhor na cadeira cara, os pés descalços sobre mármore gelado e branco de fímbrias negras dando frescor ao corpo ainda tão vivo quanto aquela cidade. Observou a gente da praia, banhistas, atletas, estrangeiros avermelhados, ciclistas, o grande aparato de trabalhadores sobre extensa manta de areia amarelada — pessoas preparando lanches, sucos, *drinks*, abrindo cocos, lavando as mãos e o rosto, varrendo o entulho do meio-fio, ambulantes de toda natureza, carregadores de cadeiras de praia, salva-vidas, guardas em guaritas e a vida seguindo, apesar mesmo das robustas e absurdas pedras de rubi em lapidações retas que escolhera para servir de moldura ao espelho oblíquo, no outro lado da sala; apesar da cadeira e dos impressionistas valiosos do corredor; apesar dos sons encanados de metralhadora vindos de Belford Roxo e dos meninos encardidos e descalços assediando os passantes.

Vida lá embaixo que não se curvava e continuava diligente, acenando oásis de coqueiros e águas verdes para onde ela seguiu, num ímpeto que lhe

restaurasse o abandono, descendo escadas numa correria de adolescente. Queria molhar os pés, as pernas, mergulhar naquele mar verde-azulado, vasto, mas não infinito, íntimo desconhecido de tantos anos, a brisa descabelando os fios retintos, mar com cheiro exato — respirou fundo a maresia — de mulher que anda sozinha no deserto. No outro dia, Liz pensa "louca, estou louca" e atravessa a avenida Paulista. Há um motorista jovem e circunspecto à sua frente.

Os pensamentos zanzam rápido pela cabeça, como se fossem escoar da testa. As coisas têm um brilho. Por mais livre que se acredite, você já foi domado e pensa que não. Seja, esteja, siga, relaxe, não coma, entremeie-se no imperativo de uma felicidade feroz. Falta-lhe vastidão. Você bebe tinta e come cabeça de porco prensada em papelão hidratado, mas há o ácido ascórbico limpando a aparência de morte daquilo que é morte, os livores defumados, a textura macia em imagens brilhantes nas revistas e nos *outdoors*. Você come tudo o que de bonito há e que te come também, não vai ter fim.

O sol mastiga com gentileza e claridade a sua pele, a terra segue química de intervenções correndo pelas seivas atômicas nos tubérculos e folhinhas, em tempestades enzimáticas, e tudo se comendo também por dentro. Ao meio-dia. [e não se veem sombras ao meio-dia dentro de um sonho]. Ao meio-dia eu, Elizabeth Dalloway, levanto os olhos para o sol que incide pontiagudo nas minhas retinas e, visão consternada, cheia de manchas caleidoscópicas, vejo a florista despedaçar um vaso de buganvílias vermelhas — mais que sangue — numa calçada azul, de onde escorrem líquidas flores. Muito prazer, nenhum contentamento. Na rua, campanário platinado de carros, o Jaguar preto derrete sob o facho amarelo e grosso do sol e a sua potência simbólica não é mais. Ao meio-dia as coisas gritam, acometidas, pedindo

providências; chegou-se à exata metade desse tempo de vinte e quatro horas em que uma parte é imobilidade, outra, desespero.

O menino convulsiona, dia a pino, na praça de outras flores teimosamente arregaladas e ninguém ousa ver. Uma barricada de homens vestidos em ternos pretos todos iguais, as camisas no branco monótono de sempre, gravatas e sapatos quase idênticos, horrorosamente parecidos, todos, com John e Robert — o Jaguar não está mais lá e, sem essa delineação, eles se perdem, vão às bolas de gude que são gotas verde-azuladas naquela luminosidade. Uma rainha louca grita dentro de um navio fantasma no meio do Atlântico esmeralda, um navio de quatrocentos anos, mas o seu grito estará para sempre perdido no espaço, preso pelo anzol pendular do tempo, contornando consciências até penetrá-las.

A menina enquadrada numa janela de edifício, concreto, vidro e ferro, parece desiludida, é a menina que Liz fora descendo The Strand rumo à universidade, e ela pensa: *troika*, Maiakovski, constrói passado, há que se revolucionar, sem futuro, salvar-se ao menos em imaginação. O tempo escoa viscoso, o tempo que só depois de um pouco dá notícias de passagem, sua boca dentada, implacável, o tempo é a frontalidade mais invisível e abrasadora. Então o sol diz que.

Elizabeth, mãe de Robert, o traço forte, susto em paisagem monótona, era mulher de furores. Internada e desinternada em clínicas de repouso conforme recidivas e melhoras. O espalhafato quando estava por perto, brusquidão em cena. A vida caudalosa em alta voltagem era ela, grades nas janelas, chaves sumidas das portas, destempero personificado. Donde então desdobrava algum maior movimento nas vidas em redor, cotidianamente, na temperança que dilatava o tempo, os sentidos de Ludmila orbitavam pelas necessidades

do marido, jantares, festas, compras, reuniões, flores, as que sozinha sempre saía para buscar, um pequeno prazer, escolher e comprar flores.

Os dias se enfileiravam feito grande extensão desmontável, poucas variações entre uns e outros, era preferível não pensar. Suas horas neutras e infinitas, Ludmila as preenchia com pequenas coisas que adquiriam caráter épico: preparar um pudim ela mesma, buscar a roupa que mandara ajustar num ateliê de costura, andar sem a percepção de que o fazia em círculos pela casa de grandes vidraças era, tudo isso — enfim, quase nada —, impressão de movimento.

Indecisa sobre filhos, embora todos os esperassem e já cobrassem, não estava certa ainda de tê-los, o temor de construir para si novos feitores e a secretíssima pergunta quando algo fundo a ponteava agudo e pegajoso feito uma ventosa: será isso mesmo?

Hoje as cores pareciam mais intensas. Logo pela manhã Robert lhe avisara sobre a vinda da mãe, Elizabeth, "uma melhora considerável" — o que quer que isso significasse. Da última vez, a aludida evolução fora um estado de catatonia sem os já conhecidos espetáculos, o que, Ludmila suspeitava, talvez fosse o estado que mais agradasse ao sogro, nenhum rompante.

Para Ludmila, Elizabeth era a mãe que a vida lhe negara, normalmente afetiva e calorosa, embora inglesa, certas mesuras renitentes, de uma perspicácia cortante, admirável, pouco afeita à construção e manutenção das aparências, a mulher oceânica, visceral. Louca.

Quando, ao meio-dia e trinta, após os devaneios de Liz pela avenida Paulista — e Ludmila não soube —, o seu motorista tocou o interfone para anunciar chegada, pelos vidros do seu aquário viu a presença vermelho-afogueada à porta, seus olhos pouco ingleses, achinesados. Chegou numa bata coral, toda ela radiante, a pele muito clara. Vinha no seu melhor: enérgica,

farfalhante entre abraços e beijos e a voz em frases rápidas, embaralhando informações, quase sem respiração.

— Minha querida! Saudades de você! O que temos para o almoço? Que sol! A vida no infernal coração dessa cidade que eu aprendi a amar! Onde está Robert? Fazendo-se sempre rascunho do pai? Alguém pode? Alguém merece destino desses? Desculpe-me. Como está você?

Ludmila, uma eletricidade no corpo — Elizabeth era pródiga em acelerar qualquer ritmo —, já sabia, então instintivamente tentava se manter numa modulação mais refreada, ainda que afável, a conter tanto transbordamento. Era tamanha a frontalidade dessa sogra, afinal querida, afinal interessante, pouquíssimo britânica aqui.

Não eram jamais frontais assim as mulheres libanesas, Ludmila ponderava. Mais sorrateiras, delas não se poderia saber muito, exceto que atavicamente sobreviventes e insidiosas.

— Diga, querida, o que se faz ultimamente nesta casa?

O que se faz nesta casa? Pergunta que penetrou ressoando; afinal, o que de fato se fazia ali? Sempre essa incisão, Elizabeth, à sua revelia, incômoda. John, da vida ordenada e de ações pacatamente calculadas e determinadas, não podia tolerá-la quando maníaca assim.

"O que se faz nesta casa?", questão aparentemente simples, faria ruir todo um império se se desejasse mesmo dissecá-la.

Não lhe ofereceria, em desvio, um xerez, nem um Bourbon, Elizabeth fora alcoólatra.

— Posso mandar lhe preparar um suco de romãs, minha sogra? O almoço já sai.

Elizabeth meneou a cabeça, um traço de aflição sobre fundo de tristeza perpassava pelo seu olhar. Como se a qualquer momento, inadvertidamente,

bolha furta-cor que pudesse rebentar. Não se sabia em qual toque, mas fibra frágil que ao mínimo entusiasmo, por cuidadoso, se romperia.

Parecia adivinhar-lhe o pensamento, já aparentemente distanciada:

— Sísifo, carregando pedras. Quando estou quase no cimo da montanha, elas rolam todas e eu teimo em catá-las espalhadas, de novo em escalada.

Londres, 15h10

Como se à leve bruma naquela claridade sombreada do hemisfério norte — seus grandes olmos, florestas de eucaliptos, hidrângeas avassaladoras, a grama intensamente verde, o líquen e o musgo do tempo em resistência nos tijolos, tulipas de cores e texturas tão fortes — sobreviessem fadas, elfos, luminares.

Sempre sentia isso, uma alegria melancólica ou tristeza histriônica, quando retornava à Inglaterra da sua juventude. Vinte anos já vivendo no Brasil, retornava ao coração de Londres para cuidar do espólio da mãe, morta havia décadas, providência adiada ao limite. Chegara sozinha, John se bifurcara numa conferência sobre acordos climáticos na Bélgica.

Foi ao Regent's Park, sempre o mesmo, vegetação que parecia cintilar, vagou por Covent Garden, depois o Soho, deambulando, seu pendor para a errância, sem vontade alguma de avisar aos poucos amigos que estava por ali, não quis. Ensaiava reconhecimentos para a grande coragem de retornar à casa em que a presença da mãe ainda pairava nos objetos que inventariavam a vida. Não dormiria naquilo que lhe parecia um mausoléu. Alojara-se numa suíte em Grosvenor House, aleatória ou inconscientemente escolhida, a poucos passos de Ms. Doris Kilman, que ali nas redondezas perecia num lar para idosos pegado ao Hyde Park, ainda uma mãe viva, sua testa reluzente em formato de ovo, quem Elizabeth primeiro visitara, alheada Ms. Kilman, o Alzheimer a abraçara e carcomia em cheio e agora só falava alemão. Impropérios, ungida pelos santos todos da sua devoção, sem véu de civilização, ninguém a tocasse não, sempre a uma distância segura de pelo menos dois metros de todos, cada vez mais aérea e bruta. Para Ms. Kilman, as pessoas desse mundo carecem de força e profundidade, umas ventoinhas breves, seus

modos rasteiros. Ms. Kilman não filtrava. Para ela, Elizabeth palmilhara o odioso legado materno, duplicada em Clarissa, acovardada, infeliz. Não merecia mais mesura alguma de sua parte, isso ela deixava claro.

Virou-se de costas à visitante, essa traidora, que era quem, afinal — e Ms. Kilman não se dava conta disso —, a mantinha em conforto nessa reta final.

— Sigo desaparecendo, minha filha — murmurou, depois de minutos que pareceram séculos, numa espécie de trégua, quando Elizabeth, essa Clarissa detestável, rumava à porta.

A casa de Clarissa Dalloway, em Londres, era a última pendência ali. Única herdeira, havia muitos anos não regressava ao Reino Unido, teimava no Brasil, deixava ao contador as providências de burocracia e manutenção da propriedade. Mas, de volta à casa, não havia escapatória, era sua incumbência triar objetos, inventariar o legado concreto da mãe, dar-lhe finalmente um destino; nunca quisera ver as coisas da mãe, tampouco descobri-la traduzida por elas. Caminhar pela casa das portas de grandes gonzos, algumas sempre trancadas, jamais tivera acesso a todos os espaços ali, era revivificação que lancinava, atravessando todas as anestesias que o tempo lhe providenciara para amortecer as dores.

Sem outro jeito, seguiu para o quarto de vestir de Mrs. Dalloway. No imenso baú de nácar, cuja tampa Elizabeth levantou com cuidado, fazendo desprender um agudo rangido de dobradiças esfarelantes pela ferrugem, viu as caixas de acetato empilhadas, um tanto riscadas e embaçadas contendo os chapéus de Clarissa, grande parte deles confeccionada por Lucrezia Smith sob a recomendação expressa de que seus formatos não diminuíssem ainda mais a dimensão do rosto rosado, realçando-lhe as feições de passarinho, sem queixo. *Voilettes*, *casquettes*, *fascinators* com plumas e borboletas embalsamadas que, de velhas, certamente também se desfariam fora de suas redomas,

ao contato com o ar; os deslumbrantes e exóticos chapéus para o torneio de polo do Royal Ascot, o seu preferido trazia ramagem seca de baunilha de Madagascar com flores de orquídeas perfeitamente reproduzidas em cera, na recriação de um minúsculo ninho de beija-flor, ele empalhado, de um verde intensamente azulado, furta-cor.

Os célebres desfiles centenários de Ascot, as passagens por — ao olhar aqueles chapéus, vinham-lhe cheiros de estrebaria e perfumes franceses —, a realeza e a nobreza em gravitação, seus delicados binóculos e monóculos dourados; os *pince-nez* dos velhos, seus enormes olhos buscando foco, suas apostas, sua polidez ultrajada e agressiva, a hipocrisia dilatada nos exageros dos rapapés; o amor dos ingleses por seus cães, quadrúpedes de presteza afetiva, sua memória nenhuma para os rancores, insistentemente amorosos; de todo modo, sempre pensara que bastaria ali uma pequena faísca, qualquer bobagem fagulhando para aquela frágil civilização rachar e pôr à mostra a sua selvageria.

Suspirou e colocou as caixas de acetato de volta ao seu lugar. Ela os doaria a um museu de indumentária, eram primorosas as peças; imortalizaria assim a mãe, creditando-lhe a posse em descrições sobre a circunstância de cada chapéu. Lucrezia e sua marca latina inescapável, discrepante do acervo anterior, anódino. Os chapéus de Lucrezia tinham alma, uma alma visível. Foi às musselinas, os longos vestidos de festa da mãe aos quais, quando jovem, Elizabeth fora indiferente. Lembrou-se daqueles dias em que chegava com carregadores abarrotados de caixas, os "presentes para Liz", suas compras irrefletidas que variavam de joias arrematadas em leilões de antiquários a uma peculiar lira grega para a menina sem musicalidade.

Eram momentos em que a pele de Clarissa adquiria um tom menos translúcido, mais vívido, palpitando vida dentro, aqueles períodos de extrema

alegria e que Elizabeth sentia ameaçadores, o brilho intraduzível nos olhos da mãe, seu rosto afilado, tão arriscadas essas temporadas quanto os meses em que, embotada, se arrastava pelos ambientes daquela casa aflitiva, um tordo engaiolado, a vida perigosa, quase sempre.

Ms. Kilman, sempre encanecida às suas ondulações, foi quem esteve à mão, à precariedade. Ms. Kilman, sua capa impermeável verde, não tinha ambivalências, amava ou odiava, sem meios-tons. Uma devoção que então sufocava Elizabeth, na qual ela um pouco se salvava, contudo. Naquele tempo mesmo já sabia do seu ódio pelo que Clarissa representava, seu ressentimento de classes.

Sempre vivera no mínimo. Esse limite não conheceria nunca esta inglesa frívola! E o seu modo de responder à bile era pelo envenenamento sistemático, por doses milesimais, com sutil sarcasmo ao referir as pequenas excentricidades de Clarissa à sua filha, Elizabeth. Bem podia ser sua! A menina densa, esperta, em nada vã, boa seguidora. Sonhava para si a jovem moça que lhe seria arrimo na velhice, já passara dos quarenta, ninguém mais, nem mesmo os das hierarquias mais ralés, a cortejaria, o tempo já mostrando a devastação de que é capaz.

Ms. Kilman em verdade jamais fora cobiçada e, no fundo de si, embora sacralizasse todo o matrimônio, não desejaria um homem malcheiroso, gorduroso, despenteado e suado como eram os da sua classe. Não quereria um homem, enfim, sua profusão de pelos, mãos ásperas e mandos. Mr. Richard. Que cavalheiro! Quanta estirpe! Fraco, contudo, para a malemolência apoteótica de Clarissa, essa confusa de quem ele não tomara as rédeas como se devia então. Fermentava Ms. Kilman toda sorte de rancores e, quando divisava perigo, capturava a menina pela mão para juntas seguirem ao escuro, quarto fechado em oração, êxtase religioso que anestesia a sensibilidade.

Sua mãe, fecunda de farsa, sempre sentira e isso lhe vinha de forma aguda, ao vagar por aqueles ambientes. Na mente, eterna, a célebre festa dos Dalloway naquele dia de junho em que Peter Walsh retornara da Índia e Septimus irrompera à morte. Peter, um reclamão, um mal-humorado, aplicando-se em diminuir ou agigantar todos — tornados personagens nas dimensões que bem lhe aprouvessem —, porque era um fragmentado, seus ossos de vidro, um fracassado.

Só ela, Elizabeth, livre temporariamente da suave tirania de Ms. Kilman, que a esse tempo já a enlaçara feito um polvo, vira a mãe, noite alta, afundar-se nos adentros do entouceirado labirinto de folhas do jardim, puxada pelas mãos de Peter, reivindicando o momento que Mr. Richard Dalloway a roubara de si.

Nove meses depois, veio a criança sua irmã. Tão Walsh nos traços que, no momento mesmo em que Richard teve Matilda nos braços, soube não ser sua filha. A filha da filha do engano. Então, foi implacável. De bom e tranquilo, o marido apaixonado por Clarissa, sempre desejoso e titubeante entre mandar-lhe ou não flores, converteu-se num algoz sofisticado, transformou a casa de Westminster, até então reduto de algumas das melhores recepções londrinas, numa masmorra de invisibilidade, espalhando a notícia de que Clarissa contraíra hanseníase e precisava ser removida a um leprosário, a casa em quarentena repelindo quaisquer visitas de cortesia, e que a filha pequena, embora não houvesse herdado o mal da mãe, era convulsa, epiléptica, desde os primeiros minutos do nascimento.

Em cárcere discreto e refinado viveram as duas por cinco anos, os empregados em pactos contratuais de sigilo e discrição, até fenecer a secura do coração precocemente envelhecido de Mr. Dalloway. Matilda, no claustro, era uma boneca, não se desenvolvera bem, a ausência de sol lhe trouxera

transtornos leves de ser eterna criança enlaçada à mãe, e aos cinco anos morreria de escarlatina.

Tão arredada, Clarissa perdera nessa meia década todo o traquejo social, escondida sob o marido, jamais poderia alguma vez se retomar naquela que uma vez fora, ainda que, após o féretro secreto da pequena Matilda, toda a Londres já soubesse de uma suposta cura da doença que sequer existira e, portanto, não deixara rastro.

A casa ordenada. Liz sentia voltar trinta anos no tempo e as mesmas coisas exatamente iguais ali, como se, preso num vácuo, o tempo não houvesse progredido, exceto pela sua insidiosa ruína. A sala de estar com os mesmos estofados, já desbotados e visivelmente encardidos, a parede florida e emoldurada de gesso branco.

O piano de teclas amareladas, as cristaleiras opulentas, o serviço de chá disposto como se a qualquer instante aquela casa voltasse a respirar e pulsar com os mesmos personagens, nunca vibrantes, exceto nas fases em que a mãe era atingida por euforias extremas e exclamativas que duravam até duas semanas para, na sequência, atirarem-na em embotamento, um total alheamento de tudo ao redor.

Lembrava-se mais de Clarissa nesse feitio, distanciada, o mundo lhe correndo ao largo, fora do palco, derrotada pela vida doméstica, sentada na poltrona ao lado da pequena mesa de chá individual, o olhar vagando vencido pelas batalhas dentro de si. Tudo ali igual. As mesas marchetadas, o delfim, as capas de fustão ocre das cadeiras, único urdume grosseiro naquelas salas sofisticadas. Alguma realeza, um cenário de peças bem colocadas, Clarissa, ali, era a mulher que pairava por entre as coisas e pequeninas providências, um espectro, mobília.

Elizabeth parada diante daquela estante de livros era estar à beira de um precipício que em escuridão pegajosa pudesse sugá-la para baixo. Sempre

vira, mas se negara a enxergar o abismo ali, disfarçado por papéis de parede numa florescência quase histriônica e o contraponto dos cristais, dos marfins, uma elegante fileira de livros em capa grossa e lombada vermelha, letras douradas gravadas. O abismo sem volta que mora no que afinal se vê e se compreende e que pode também ser clareira, mas não ali.

De súbito, buscou salvação na janela, ver pela fresta da cortina o olmo ou o sicômoro, perder-se um pouco naqueles verdes. Mas era tarde, era noite. De sua perspectiva ali, somente fantasmagorias, galhos e folhas negras se movendo ao gélido vento londrino.

Tornou os olhos para o outro lado e viu sobre a larga moldura de mármore frisado branco, parecida com uma lápide, estreito beiral repleto de bibelôs de cristal e porcelana, a bola incrustada de mica, fascínio da sua infância.

Conforme a luz, uma refração diferente. Resignou-se, contudo, às cartas. Uma sombra de malignidade perpassava por Liz, ir ao infinito daquele mundo. As cartas escondidas entre páginas de livros, os sussurros, imorredouros miasmas de mortos impregnados naquelas paredes. Nunca compreendera que espécie de infelicidade partilharam os pais, casa que interiormente era toda angústia. Uma foto da mãe sobre o piano: linda. Ela nunca se sentira bela como Clarissa.

Diante da mãe, via-se como uma espécie de esboço errado, um rascunho da própria. Clarissa fora, no mais, uma mulher sem ruído — exceto pelos momentos em que entrava e submergia em si, quase audíveis, no silêncio pastoso, as suas tormentas dentro —, deslizava pela vida com a discrição dos que se velam, a dura dignidade dos que se calam. Odiavamava a bela. Tinha compaixão pela mulher calada.

Ombreava com o pai em sutilezas contra essa mãe, essa mulher que naufragava em luta contra a inexistência incontornável. Nas festas floridas é

que Clarissa existia e agora Liz estava relutantemente prestes a se afundar em gavetas e caixas e escaninhos de sua mãe para descobrir onde, de fato, ela existira com real exuberância. Sally Seton, aquela que lia Platão e tinha ideias socialistas, sempre fora um constrangimento, um nome sussurrado ou cuspido entredentes, uma lembrança recoberta com o pano roxo da paixão naquela casa. Menção que sulcava um brusco risco no cenho e pequenos tiques de boca de seu pai e, no contraponto, nome que era um facho iluminando os olhos de Clarissa.

À Liz soava como rato que surge de repente a macular a assepsia da vida milimetricamente projetada e ordenada, deixando rastro de contaminação e pestilência. Era melhor que não fosse, papai certamente pensava, nunca dissera; a filha sempre titubeando entre amor e ódio, nesses momentos maldizia com todo o veneno que podia essa mãe, essa mulher torta, que, sim, estava claro e nunca se permitira ver: uma mulher pela metade. Uma mulher não consumada, porque sufocava, em nome de todas as convenções do seu tempo, a sua verdade, a verdade de que amava outra mulher e que pelo seu pai — isso fora se desfolhando em sua compreensão — reservara somente um amor compassivo e conveniente.

Então, a jovem Elizabeth figurava na mente caótica estereotipias perigosas, sórdidas casas de tolerância, bordéis em Paris desenhados para mulheres masculinas vestidas em *smoking*, longas cigarrilhas de madrepérola e ébano entre os dedos, altas taças verdes de absinto, cabelos curtos emplastrados para nenhum rasgo de feminilidade, alguma licenciosidade, daí ficava pudica, rigorosa, mais do que o desejável a uma jovem, tentando continência, uma delineação, odiosa moralidade para que as coisas não desandassem confusas, todas misturadas, delinear o papel e o lugar e os limites de cada um era a tirania que exercitara sob a batuta cúmplice de Ms. Kilman. Sabia, sempre

soube, ela, que havia cartas. Que Clarissa Dalloway e Sally Seton se corresponderam por muitos anos, intensificadas as missivas quando se tornaram mulheres maduras, trocadas até o fim.

Também sabia que dispunha essas cartas cuidadosamente distribuídas dentro dos tomos de toda a obra de Shakespeare, um magnífico presente de Septimus, livros aos quais Richard jamais iria, impaciente com qualquer lirismo, considerava, aliás, indecente lê-lo, tão indecente quanto espiar pela fechadura da porta alheia. As mãos levemente trêmulas, Elizabeth via que as missivas foram dispostas conforme a cronologia dos fólios que as abraçavam.

Retirou da estante todos esses livros, enfileirados por detrás de uma enciclopédia extensa e de volumes altos, matéria inconsútil — cartas datadas da adolescência, as preliminares daquele afeto que se desdobraria então numa espécie de devoção, um mundo paralelo em que habitariam para sempre elas, à revelia de todas as coisas: o mundo real um palco de atuações, a mulher numa disposição de aparente traquejo em seu espaço pouco.

Movimentar-se pelo funcionamento da casa e das relações sociais, a mulher sem lugar no sem fundo. Mas um olhar menos tempesteado de afetos dava a medida da passagem imóvel do tempo. O vento encanado pela madeira empenada das janelas, o papel de parede estufado e escurecido nalguns ângulos pela eterna umidade da Grã-Bretanha, profusão de nuvens cor de chumbo sempre amontoadas sobre o reino. As tábuas do assoalho rangendo levemente desconjuntadas, suas extremidades se arrebitando. Nos últimos anos Clarissa não se dera conta do entorno, aquela casa feito uma condenação. O tempo ali passara arrasador.

A noite entrando densa, a infinidade de papéis cuidadosamente manuscritos, poucos borrões, o desvelo das palavras, Liz pisava no delicado território íntimo de uma vida que somente relanceara, tateara se tanto, e de cuja

verdade sempre se esquivara, não a quisera realmente ver. Conhecera a mãe de esbarrão, que é o modo mesmo com que afinal desconhecemos a maior parte do que nos cerca. Seus comentários iam de livros às excentricidades do grupo de Bloomsbury, seu arejamento de ideias sem extensão, seu renitente apego, contudo, a determinadas tradições, por vanguardistas que fossem os do seu grupo, as vozes dos homens eram prevalentes, nem se pensava em mais, as mulheres margeadas e que se afiançassem nos pequenos torrões que lhe eram devidos.

Era mentira que lhes permitiriam protagonismos. Era claro que, então, já se sabia desde sempre refinada cúmplice ou resignada perpetuadora exatamente do que a subjugava e oprimia. A "antediluviana" questão da igualdade entre homens e mulheres.

À medida que penetrava aquilo, o universo aparentemente insuspeito de Clarissa —se não se botasse ali uma lupa — ia rumorejando, preenchendo aquele espaço.

Em todas as cartas uma pista às vezes mínima de qual seria o desfecho: sua mãe morta, o rosto azul asfixiado ainda jovem e belo, corpo inerte de membros flácidos dependurados no exato ano em que Liz finalizava a faculdade, pronta para seguir carreira, em confronto com o pai, que a quisera trancada no veludo espinhoso do que chamam lar.

Clarissa lívida e arroxeada, o pescoço envolto por grossa corda engastada numa viga aparente do salão de jogos, pendida, uma fantasmagoria, sua longa saia azul-clara levemente balançante pela corrente de ar que se formava nas frinchas dos antigos janelões daquela casa. Uma morte grandiosa. Um favor. Melhor que tropeçar e cair morta numa ruazinha ordinária, indigente.

Elizabeth fora quem a encontrara já sem vida, e aquela visão, no momento mesmo em que se deu, matou algo em Elizabeth também, sem retorno.

Londres, 23h43

Clarissa tinha um modo de pairar, de passar por entre ou ao redor das coisas sem esbarrá-las. Como se em nenhuma parte de si houvesse aderência. Como se vivesse a vida que tinha de ser, sem confrontos; sociável, distribuindo sorrisos e pequenas mesuras, sempre a gentileza distanciada a salvaguardá-la numa outra vida que era somente sua e que em raros momentos despontava legítima, por lapsos, pequenos descuidos de que rapidamente se recompunha. Elizabeth pouco conhecera desse Richard narrado pela mãe epistolar, sequer tateara o que em fato trazia Clarissa, a mulher que falava sem realmente dizer.

O encaminhamento natural, resignação a um casamento que era então masmorra de refinada rotina na qual ela se postava resolutiva, mas frágil, era olhá-la e saber ali de algo quebradiço, sua guerra íntima pouco aflorada. Elizabeth sentia-se invasiva, intrusa num mundo não exatamente novo, mas escondido naquelas cartas e que lhe doía. Quanto se haverá de disfarçar e encobrir num entretempo que não permite passagem mais autêntica? Sua mãe, fala indigente, seus trejeitos débeis, ela então agora entendia. Sua mãe e pai mortos, mas muito vivos dentro de si.

Elizabeth, a menina que na mãe não se repetiria, chegava à maturidade deformada, umas apoteoses, a estranheza ela então reputava ao legado maldito das mulheres caladas. Nalgum momento da sua vida, resoluta, cansada, covardemente renunciara a toda luta e se calara e se mutilara e cedera ao vezo tentacular e vetusto da Ms. Kilman, amargor de losna. Um marido como anteparo imaginário, o seu desamparo tinha volume e densidade; a ilusão de haver bengala.

Determinadas passagens da vida, que podem ser rápidas, meros relances, nos capturam para a eternidade. Pelo que timbravam aquelas cartas, Clarissa parecia ter empenhado toda a sua vida ulterior na memória daquele beijo entre meninas. Encapsulada para todo o sempre naquele instante em que a rotação da Terra refreara, lentíssima, e, no corpo, a eletricidade a espocar imagens como as de vagarosos dioramas: uma tundra; sequoias milenares num bosque encantado, cogumelos que eram pequenos guarda-chuvas brotando do musgo denso; gêiseres em êxtase.

A natureza em si toda desabrochada pelo clarão de alguns segundos, os lábios quentes, macios e úmidos, gosto de anis, reencontrada, mínimos curtos-circuitos num crescendo a retiravam de si naquele momento de pulsação que lhe fora concedido uma vez. Para nada, além disso, ela poderia existir. Todo o seu trajeto posterior derivaria na ânsia por reviver e prolongar esses segundos épicos. Elizabeth, as cartas na mão, então compreendia e reencontrava em si também a imagem, a bolha uma vez habitada e então perseguida: era Ms. Kilman.

Vívida a cena em que Ms. Kilman fechava os olhos e projetava o queixo, seu semblante de raro gozo, em estalos quase imperceptíveis de língua de modo a separar nas papilas os diferentes taninos de um vinho. Provava, em geral escondida, sorrateira atrás da cortina todas as bebidas do carrinho na sala de estar. Era uma alcoólatra e ninguém sabia. Sua sede vinha de séculos. Suas feições largas e eslavas, Liz a imaginava percorrendo, peregrina, nômade, um general em guerra secular, a extensão do rio Reno até as florestas e estepes do que hoje é a Rússia.

Numa tarde de um junho azul, sua cabeça, a cabeça de um bebê recostada nos seios firmes da nórdica, a dureza daquele seu corpo que parecia feito de ferro, toda uma construção firme e muito delineada em guarda. A doçura das leves e quase imperceptíveis carícias circulares pelas maçãs de seu rosto

jovem, quinze anos, então; nunca imaginara tal capacidade de leveza em sua tutora, que nas aulas de história chegava aos estertores da vilania, de régua inflexível aos passos alheios.

O olhar fixo e penetrante em seu rosto enquanto a acariciava, como se, suavemente, fosse de repente, ainda em maternagem, ninando-a, oferecer-lhe o seio à boca, amamentar a menina já moça. Foram horas absorvida em deslizar com a mínima pressão, somente tato, seus dedos curtos pelas têmporas, cabelos, pescoço de Elizabeth, livre, Ms. Kilman do seu detestável casaco-escudo, era como se pudessem permanecer para sempre ali, infinitadas, atemporais, sem território, uma extensão da outra. Como se predestinadas àquele éter, às sensações indescritíveis que principiavam em movimentos internos em Elizabeth, um calor dentro e abaixo, sua primeira, hesitante, desconhecida, grande excitação, uma inquietude de pele, mas manteve-se parada, em contenção, à mínima respiração que lhe forçava, esperando silenciosamente implorante qualquer próximo movimento de Ms. Kilman, que não veio, embora, pelos olhos da dama forte, Elizabeth pudesse supor que Ms. Kilman soubesse exatamente o que se passava ali e que tipo de degrau escravizante com sucesso fizera a sua pupila acabar de avançar.

A partir dali, daquele preciso momento, Elizabeth passaria a crescer ao contrário, para dentro de si.

Perdia-se observando as carnações quase desfeitas do tapete desbotado, buscando-lhes significados, olhava o grande cúpido em alabastro, penetrado pela claridade das luminárias, algo leitoso; retomava-se então: precisava encontrar naquelas cartas o êxtase. O momento em que algo de fato houvesse ocorrido entre Clarissa e Sally.

Não era possível uma vida encurralada assim num único momento sem desfecho. Aqueles papéis perfumados com arranjos delicados de flores secas,

a caligrafia uniforme e elegante de Sally, pouco mais encontrou ali que um legado de silenciamento, afetos sufocados e dilacerantes, exceto por um pequeno bilhete com a letra mais tardia da mãe, escrito no verso de um folheto de propaganda do Irish Bailey's Coffee, um café que Clarissa frequentava em Victoria Street, com a anotação dos dados de um chalé, hospedagem para casal em Leeds, exatamente numa data em que Richard viajava anualmente para a Escócia, para uma confraternização da maçonaria que lhe era sagrada. Buscou a carta imediatamente posterior à data e nela, sim, Sally vertia declarações de amor, falava do arrepio das suas peles suaves feito lírios e se demorava nas metáforas "sua flor, seu mel", com palavras e expressões de volúpia, como "o alongamento das delícias indescritíveis" naquelas noites e dias.

Passaram duas noites e dois dias se misturando na cama do chalé de Leeds. Era amor. Era paixão. Havia o impossível flamejante ali. E elas não podiam, rendiam-se à sociedade, sua opressão, seus instrumentos nulos, nenhuns, de contestação, que não as festas transbordantes nas quais Clarissa se avivava um pouco mais, brilhando à superfície. Elizabeth sentiu um mal-estar súbito, vertigem, o balanço entre mundo interno e mundo externo, o quebra-cabeças de sua vida remontado ali, a percepção denegada gritando, sem volta, o que sempre suspeitara, mas a cuja direção não olhara.

A desconstrução daquele pai e daquela mãe. Ir ao campo com os cachorros e o pai fora a fuga à qual se entregara naqueles anos em que mãe se entrincheirava em defesa de Matilda. O notório *affair* de Richard com Lady Bruton. Talvez um romance casto, platônico, quem sabe selvagem, nunca se saberá.

Num rompante, juntou todas as cartas da mãe, havia muitas outras ainda por ler, mas decidiu que não as leria. Que se preservasse o direito à privacidade das memórias, ainda que difíceis, algumas outras boas, que tinha de

Clarissa, do modo mesmo como as desenhara, as lembranças da mulher agora definitivamente calada. Seria melhor assim. Acendeu com alguma dificuldade de dedos trêmulos a lareira. Quando o fogo crepitava já em constância, começou a queimar aquelas cartas, todas elas, uma a uma.

Não saberia, portanto, do lento enlouquecimento de Clarissa, de que talvez o desfecho da história com Peter Walsh houvesse sido fabricação do seu desejo, aquele que se metera com indianas, ela não podia perdoar, mas a quem Richard perseguiria com requintes de perversidade, atrapalhando subliminarmente todos os negócios que o homem fracassado pudesse lograr. Elizabeth não saberia das vozes ecoadas na cabeça da mãe, do ódio que os anos levedaram entre os seus pais.

O que até então ficara para Elizabeth fora a estampa de inelutável infelicidade e desamor, jamais ódio. Não precisava ter a certeza de que para o mais fundo de si a mãe submergira, tampouco que por anos a fio envenenara às gotas diárias de láudano o uísque de Richard, vez ou outra ele de fato reclamava da péssima qualidade do malte, culpando a guerra. Onde não se via, Richard lentamente apodrecia. As cartas trepidavam mansamente ali, fagulhas saltitando da tinta no papel, seus pensamentos corriam rápidos buscando concatenação sem encontrá-la, qualquer fecho, trava de segurança, alguma tecla de barragem e continência, tudo, de súbito, desarmado. O horror secreto de Clarissa em desempenhar papéis. Elizabeth nunca soubera de tal horror, já que Clarissa os desempenhava à perfeição, sobretudo nas festas, almoços e jantares, a exata anfitriã, a afável e prestimosa hospitalidade adivinhando pedidos alheios.

Quando exatamente a mãe se atraiu pela ideia de morte como quem enlaça um amante, Elizabeth não sabia. O pai Richard tão deleteriamente bom, ela não vira a sua tirania, sobrepairara à tragédia daquela família, não julgara

grave o encastelamento da mãe, talvez ela merecesse, talvez fosse isso que pensasse no momento, a raiva pela mãe sem presença.

Ou não enxergara mesmo, confortavelmente cúmplice da austeridade calma e bondosa do pai. Quem sabe se desde sempre Clarissa tenha acariciado a ideia de suicídio? Vivera morrendo. Dissimuladamente, secretamente apegada à perspectiva de fim. De saída grandiosa, pôr-se a termo, sim, fracassara, todos fracassam, chegados naquele ponto em que as ilusões se esfacelam, a compreensão daquilo que se pensava ser, de fato nem era; à lenta invisibilidade que vai abraçando insidiosamente as mulheres maduras.

À morte ela se apegara para sobreviver. Uma sua guardiã compreensiva, não mais sentir, sem a dor que lacerava e era diária, quase pontual, se diluindo depois ao longo do dia e entrando na noite. Pensava que a felicidade morava num céu imaculadamente azul de junho, o monotom que é a abóbada celeste nessa época do ano. E o silêncio, não ouvir, não mais o frio na barriga chegando do nada em avisos de algo prestes a rebentar, a vertigem que é viver.

A face triste quase sempre enlevava nos traquejos da aristocracia sua aparente impermeabilidade, Clarissa uma leve sombra trágica a perpassava, e, quando aquelas cartas todas não eram mais que cinzas, Elizabeth preparou um chá de artemísia, depurativo, calmante, ritualístico. Bebeu-o devagar, a mente em hiatos. Sentiu vagas de ódio pela mãe, essa grandessíssima covarde. Teve ímpetos dilacerantes de compaixão, tudo desmedido e contraditório, uma emoção pulando para outra sem mediação, montanha-russa. Buscou em si a qualidade desses afetos, eram restos podres de alguma ceia ruim.

São Paulo, 13h55

Olhar Robert e vê-lo assim, o mandalete do pai, acinzentava-lhe a circunstância de ser mãe. Era como se verdadeiramente não fosse. Richard, o seu cetro implacável e invisível, iniciara o ciclo infernal das internações, a propósito inicial de sua inadequação no mundo — o que viera depois parecia-lhe vingança.

Portanto, formavam, Richard, John e Robert, dentro dela, aquele odiento triunvirato defensor das aparências aceitáveis e gasosas, acusatório de suas intempestividades mais chãs. Elizabeth os desprezava: sua forma literal de levar a vida, a hipocrisia secular, a necessidade que empunhavam de a todo momento se reafirmarem, porque tinham mesmo medo de que as mulheres um dia os suplantassem, essa era a verdade. Robert não. Não se fizera às disputas, desistira delas de entrada. Robert parecia-lhe morto pela metade, um transilvano sem brilho vital, mais teleguiado que autônomo. A pequena luz.

— As horas são irrevogáveis — disse Elizabeth, mordiscando pedacinhos da torta de maçã da sobremesa. "Muita canela", pensava.

Robert olhava cauteloso para a mãe. Tenso. Disfarçadamente prestando atenção aos seus mínimos gestos. Parecia uma criança amedrontada, enredada em infância eterna.

Ludmila interveio:

— Você gostaria de dar uma festa, Liz?

Seu rosto iluminou-se.

— Uma festa! — Robert sobressaltou-se.

— Mas, Ludmila, você realmente acha que mamãe...

Elizabeth cortou, ríspida:

— Pare de falar como se eu não estivesse aqui! Pergunte o que quer saber de uma vez, diretamente para mim.

Robert pediu desculpas, encolheu-se. Acovardava-se às trepidações da mãe.

— E, sim, uma festa nos cairá muito bem! Vamos planejá-la, então, Ludmila, querida.

Elizabeth encarava firmemente o filho, cuja voz agora era só um fiapo, um tanto desafinada, feito a de um adolescente:

— Papai talvez não estará aqui pelos próximos dois meses.

Elizabeth tinha os olhos duros.

— Ele nunca está, querido, então, não parece novo.

Robert tinha a expressão congestionada, como se cólicas fortes o dilacerassem por dentro.

Ludmila preocupou-se:

— Você está bem, Robert?

Ele tentou sorrir, dissimular o que quer que lhe passasse internamente, transparecido por asco, desgosto, mas, antes que pudesse responder, Elizabeth sobreveio, uma navalha:

— Talvez seja hereditário isso de desgostar da mãe. Robert desgosta da própria mãe como eu desgostava da minha.

— Ora, mamãe, não diga isso, por favor.

Num muxoxo, Elizabeth:

— Sem mesuras você, por favor. Digo porque sinto. Desde menino, pequenino mesmo, esses olhos de me medir, Robert. Sempre os seus olhos de reprovação, o teu pai te sequestrou muito cedo de mim e eu permiti, talvez houvesse conveniência nisso. Verdade é que basicamente você foi um habitante do meu ventre e pouco mais. Portanto, compreendo a sua raiva

ou qualquer outro nome que se possa dar à sua pouca disposição quando se trata de mim.

Ludmila acercou:

— Liz, nós amamos você! Essa não é a melhor hora para entrarmos nesse pântano, destaparmos esse baú. Vamos à festa. A festa.

Londres, 17h32

Tia Virginia chegava e era sempre a visão de uma ave pernalta, vestido longo e reto que não desenhava sua silhueta esguia, antes, escondia atrativos, embora em ser e não ser ao mesmo tempo houvesse graça. Habitante do neutro. Sua expressão de quem orbita outra esfera misturava alguma tênue perplexidade a uma tristeza crônica, lentidão de gestos.

Visitava Elizabeth ao retorno da lua de mel que passara nas ilhas Hébridas, na Escócia, presente irrefutável de Richard. Virginia não disfarçou o espanto que lhe causara pensar em núpcias nos descampados altos e enevoados das Hébridas. Não conteve uma gargalhada ao ouvir da sobrinha que a maior parte da estadia de cinco dias se dera em Flodaigh.

— Flodda? É isso mesmo? Vocês se hospedaram em Flodda, a ilha com nunca mais de onze habitantes, querida?

A indignação a fez entornar mais desajeitadamente que o costume uma xícara de chá preto puro — ela sempre o suavizava com creme, mas não naquele instante — sobre a mesa. O desalento de Elizabeth, que mordiscava pedaços de gengibre cristalizado era também visível, assim como a contrição de Richard, buscando justificativas para tal disparate, em evidente defesa ao noivo ou à corporação inteira Homens S/A:

— Pois talvez seja o lugar mais calmo dos reinos de cá, inóspito, certamente, mas um modelo de paz, sem dúvida.

Elizabeth semicerrou os lábios, sarcástica, sentia-se autorizada:

— Um cemitério de lápides seculares talvez fosse mais animado.

Virginia pestanejou:

— Há hotel em Flodda, querida?

Liz meneou a cabeça de movimentos nervosos.

— Charnecas e bangalôs, somente, tia V.

Virginia não gostava de Richard. Richard não engolia as apostasias sociais da excêntrica escritora. Em sua sanha generalizante, tudo resumia e rotulava, classificava artistas como aventureiros irresponsáveis. A detestável insolência, olhos de transver. Aquela afrontosa androginia, sua pouca vaidade, seu raciocínio labiríntico e insolentemente cortante. Clarissa possuía clareiras que em Virginia não se viam, consolava-se ele. Mas não entendia como pudera extremar-se à morte, sentindo a vida demorada demais para querer abreviá-la.

Ainda pesava sobre a casa a radicalidade de um gesto que não fora exatamente surpresa para todos, Clarissa emitira sinais claros ao longo de todo o percurso; enfado, desespero, urgência, tristeza, uma perplexidade. Era a presença sólida de uma ausência. Uma muito velada raiva pela própria covardia. A morte como acusação da qual cada um se culpava, ao mesmo tempo em que buscava argumentação defensiva. Uma vida que fora então um longo ensaio para a morte. Morte que em Virginia Woolf corria também densa, obscura e complexa, suas crises, cefaleias matadoras, vozes fantasmagóricas a perseguirem-na e infernizarem-na , Richard sentia pena de Leonard; seres imprevisíveis e incompreensíveis eram, para ele, as mulheres. Exceto por Lady Bruton, exata como um homem. Virginia não teria destino melhor, estava claro e transparecido o insuportável peso de uma existência.

Elizabeth culpava-se, atormentada. Odiou com todas as forças aquela alemã, a bruxa tutora. Alienara-se em sua mesquinharia contra a fraqueza de sua mãe que, no entanto, sempre a perdoara. Não fora filha, mas um pequeno monstro gestado pela perversidade ordeira e religiosamente tentacular daquela mulher Ms. Kilman que não tivera filhos seus, jamais os teria. Uma obsessão é algo com que não se brinca. Autofagia.

Começa tênue, em quase imperceptíveis repetições, alarga-se e, crescida, vai se fazendo cada vez mais voraz e presente, sem trégua. Por grotesca que fosse, Ms. Kilman tinha adoração por Elizabeth, que então se obcecava também em tal veneração, sem conseguir escapar da equalização amor-ódio à vampira que lhe inoculara loucura assim. Chegava mesmo a pensar em tacar fogo, incendiar numa grande fogueira a mulher que a teleguiara em tamanha maldade; à omissão, à contenda, ao desdém por Clarissa, sua carne.

Havia bondade em John. Conforme avançava, fazia-se em linha reta. Elizabeth lhe fora, nos primeiros anos, anteparo. Era bom casar-se. O caos dentro dele parecia apaziguado, Liz o organizava e isso o assegurava para além da infelicidade. Sequer suspeitava que a mulher fosse feita de precipícios. Para ele, o suicídio de Clarissa era ferida que eventualmente latejava em Liz, mas, na sua maior parte, superada. Os pais dele, calados, demasiado ingleses, viviam em Hampstead, ricos, polidos, marmóreos. Ao anúncio de gravidez, confirmação de que arremetera à escuridão da mulher, não houvera festejo.

Para eles, filhos eram fardos inescapáveis com que se haver. A não se comemorar. Seres sem grandes reações, se inverno ou verão, dava no mesmo, adaptavam-se rapidamente às mudanças, sem afetos.

Londres, 17h

A família Foster, de Cambridge, sempre que em Londres, visitava os Dalloway; William Foster, primo distante de Richard, fora seu colega de colégio, amizade longeva entre homens, uma proximidade afeita às disputas, desde as sutis às grandiloquentes e, na Inglaterra, caça era grandiloquência, Richard invariavelmente vencedor nas caçadas. William Foster sempre parecera à Clarissa um engano. Alguém que nascera errado, crescera no ardil, se casara equivocadamente. Teria sido um grande ator, alguém para a vida menos compromissada, mas fora medroso e o que daí desdobrara lhe parecia uma sucessão de pequenas e grandes frustrações e raivas e gestos grotescos em desespero, sempre derivativos.

A família estranha. Jamais pudera ele prover de fato a mulher Linda e os três filhos, Mark, Tim e Shelley. Linda se massacrava, por detestá-las, dando aulas para o sustento da casa. O seu olhar era o de quem profundamente carrega ódio. O olho ruim de quem via a riqueza e aparente estabilidade da família Dalloway e, por dentro, se mortificava à visão comparativa da própria miséria: o marido bufão em engodos, a enganar a própria existência que assim se fazia cansativa. Filhos que eram perversos entre si, violentos, beligerantes. Linda anestesiada pela religião, nela verdadeiro ópio a descentrá-la de si mesma e dissociá-la daquela circunstância. Feito um quadro que, farto de si, se esvazia, essencializado no mínimo.

Portanto, com olhos de engolir, era Linda. Tão patético o marido, peso morto, caudal na sua insuficiência, a cabeça de Linda girava o dia inteiro, arremetida em rancor.

Entretanto, Clarissa via, William tinha o dom de, no mínimo, tornar Richard culpado — era muito parecido, em essência, com Ms. Kilman —, como se ao sucesso tão acima de Foster não tivesse ele direito legitimamente conquistado. Era impressionante observar como, em presença de Foster, Richard se tornava algo parvo, passivo, concordante. Talvez mesmo hipnotizado. Das artimanhas que a mediocridade logra, a inversão dos termos é a mais engenhosa. A mediocridade odeia o que quer que se lhe insinue em alguma superioridade. A mediocridade é vulgar e cheia de raiva. Dissimula-se.

Foster sempre ia embora de Westminster com um cheque de desagravo assinado por Richard — que então depois se censurava pelo ímpeto, embora sempre o repetisse. Clarissa lidava com Linda; a relação jamais além das superficializações. Seu apetite exagerado pelas geleias finas da casa, em especial as de abricó. Quando chegaram a Londres para os funerais discretamente pomposos de Clarissa, num dia cinza, havia júbilo em Linda. Estranhamente elétrica, como nunca. Sofreguidão de gestos, emoções exaltadas. Chorou como ninguém, nem mesmo Elizabeth, que não sabia equacionar em proporcionalidade as porções de susto, lamento, dor e raiva em si. Dos suicídios emanam sempre eflúvios de ódio. A mulher das festas memoráveis teve um féretro mínimo, constrangido, como se quisessem rapidamente se livrar daquilo. A mulher de quem jamais se poderia ter imaginado voluntariosidade de gestos a tal ponto jazia elegante, pálida feito um círio pascal entre crisântemos e margaridas.

Em vida Clarissa sempre temera velórios. Pedia que a cremassem, aos modos dos indianos à beira do rio Ganges de que Peter lhe contara, os restos mortais convertidos em partículas mínimas, em vez de imaginar-se abafada por algum esquife sólido e escuro, a pele ganhando tons de azuis em fuga, os lábios roxos fazendo supor imundícies internas, as órbitas afundando,

dessorando-se igual a um queijo branco, cabelos opacos como se de bonecas velhas, os vermes.

Suas feições malaias, mongóis, seu traço de estranheza se desfazendo, os vermes. Clarissa sempre julgara antiestético, anti-higiênico esvair-se assim comida pela terra ou pelo ar, viajar tão lentamente pelos estados da matéria.

Mas não lhe respeitaram o desejo por cremação. Sequer se lembraram disso, tinham, Richard e Elizabeth, raiva denegada. Fora ela o eixo de um pequeno sistema que então se desmontava um pouco, a traidora. Como pudera não os querer assim? Como pudera, calada, ser tão acusatória? William, magnetizado pela estática, o pensamento descendo abismos, olhava a mosca verde sobre o fino véu que cobria o rosto de Clarissa. Via em Linda o regozijo, a forma sempre mera dos sobrepujados. William atordoava-se: não sentia nada, sequer perplexidade, embora algo em si reclamasse que sim, ele, ao menos, devesse sentir algo daquela circunstância, talvez mesmo cobiça pela paz finalmente emanada da mulher atormentada. Aquilo ele quis: o nada, a ausência.

De como o tempo brutaliza e fermenta sanhas indignas nos humanos. Rebuscou em si seus dotes teatrais para não parecer tão grotesco, Richard, afinal, um parente, quase irmão. Aquele dia ficaria para Elizabeth como punhal lancinando a carne do peito, um furo no coração, aquela punção. Uma dor em princípio densa, desnorteadora, depois fina, discreta, constante e que a acompanharia para sempre.

Não podia olhar, porque olhar significava ver e então, vista a coisa, era sem volta. Durante toda a circunstância do velório da mãe, Elizabeth esteve de lado, jamais de frente para aquele esquife espetado no chão por pés de bronze. Elizabeth, na verdade, se negou a enxergar aquela morte. Permaneceu sentada, encolhida, indefesa, os ombros curvos carregando o peso de não a ter salvado, de não ter sido suficiente motivo para Clarissa desejar viver

mais. Não ombreara em identidade com aquela mãe. Cedo se abandonaram mutuamente — algo muito fundo em Clarissa dizia perigo e Liz entendera que seguir a mãe seria acabar em lugar confuso ou lugar nenhum.

O dia agonizava em tons de laranja, lilás e chumbo. Virginia Woolf aparecera ali, era um espectro, sem materialidade, quase uma sombra pálida sobrepairando ao ambiente, sua autoria, Liz não registrara ao certo a contundência das irmãs naquela circunstância.

Bem adiante na sua vida, Liz pensaria no quão sumários haviam sido ela e o pai. O cemitério de Highgate, suas campas vitorianas, as aleias sinistras, sobretudo no outono, os descuidos do tempo, as histórias de fantasmagorias lendárias que sempre envolveram o local, Clarissa várias vezes declarara horror àquele cenário, pânico em ver-se encerrada por paredes de pedras do mausoléu familiar ou engolida por aquela terra preta, tão revolvida de restos mortais, chorume, seus vegetais excessivamente vistosos, adubo humano.

Em repetidas ocasiões Elizabeth sonhara que a mãe lhe aparecia pálida e lamuriante, acusativa. Tantas vezes acreditara, e era melhor acreditá-lo, que sua mãe não passara de uma mulher insana, desalocada de seu próprio tempo e circunstância, a natureza mesma de todos os loucos. Poderia em algum momento ter perguntado a ela. O que você quer? Por onde realmente caminha? Há algo a ser feito? Para que tanto aparato e fornitura (desculpas que sempre a desalocavam da precisão do momento, sua importância, o eterno perder-se na profusão das coisas, em desvio)?

Você sempre enganou bem. Talvez mesmo só eu enxergasse isso; e tia Virginia; e Ms. Kilman. Quem seria capaz de a sacudir e retirar dessa letargia? Você escapava por entre os vãos das palavras, pelos mínimos hiatos, a incrível habilidade em parecer permeável e, entretanto, absolutamente refratária. Sua educação, sua fleuma britânica, o orgulho da espécie — só muito intimamente

desdenhado em sarcasmo — era o seu arcabouço mais definitivo. Seu afago aparentemente inócuo, mas letal. Bastava uma distração para que você sorrateiramente deslizasse da situação, a capacidade de retirar toda a sua alma de uma circunstância e manter-se corporeamente ali, fria, vaga, sorridente, superfície. O que fazer para você então desmorrer, tornar à vida, retomar o fio?

O corpo afundado nesse cetim, as flores o acariciando, você verdadeiramente amava as flores. A pele quase translúcida, o toque gelado de borracha, a aflição que divisava em um dia ser perscrutada assim, imóvel, à mercê, praticamente nua. A morte denuncia a vida.

A pretexto de consolo, William Foster e sua família se hospedaram na casa dos Dalloway em Westminster pelos dois meses subsequentes à morte de Clarissa, Richard sorumbático e modorrento demais para acenar qualquer limite ou discordância. O casal, que firmemente se acreditava pródigo em boas ações, talvez mesmo arautos da fé, sorrateiramente, à revelia dos costumes católicos invocavam espíritos, mediunidades, o silêncio dos mortos; em vida Clarissa dizia que os visitar era como entrar num antro de bondade. Aqueles ali tão agressivamente bons; tanto que matariam, sim, em nome de sua causa sorridente, no beneplácito de crerem-se assim.

Linda, refestelada de geleias, rapidamente ganhou redondice de formas. Seus meninos encorpavam, verdadeiros assassinos de pássaros e esquilos, o jardim feito campo de extermínio, surrupiavam as flores mais vistosas para, escondidamente, pisoteá-las, um passatempo: não dariam em boa gente.

William se embriagava dos maltes de Richard, inchado, vermelhão, não tinha a genialidade de um Falstaff; o cuidado para estar sóbrio quando Richard à noite chegasse em casa e, então, prestativamente, em candura masculina oferecia-lhe uma partida de xadrez ou gamão já vencida pelo anfitrião, de antemão; desde criança perdia propositalmente todas as partidas para o

primo-amigo. Durante os duelos inglórios nos tabuleiros, tentava jocosidades rasteiras no diminutivo do feminino. “Seres capazes vorazes, nenhuma satisfação, incapazes de infernizar qualquer circunstância, pedindo refreio, sempre, mas nunca o bastante.”

Richard, melancólico, pensava que lhe faltara a dureza necessária. O olho da mulher sempre se misturara à coisa vista, fazendo-a excessivamente prismática e incognoscível. Estremecia ainda hoje em cogitar do entremeio de quais escuridões intangíveis se tecia ela. Sempre lhe parecera que Clarissa fundamente dele se compadecera. Mas um véu de eternidade calara a mulher arredada demais e que, então, nada lhe explicaria. Elizabeth se enfarava. A longa visita teve fim quando Richard, sem admitir cansaço de tantos excessos e hábitos hediondos, inventou uma excursão pela Cornualha dos seus antepassados com a filha Liz.

Verdade é que meses depois veio a notícia de que William Foster fora encontrado morto, enforcado pelo cortinado carmim e roto de um teatro abandonado em Londres, pendurado numa das vigas do palco, o corpo rijo em avançado estado de decomposição e um pouco carcomido. Abaixo, no tablado rachado e sujo de uma poeira centenária, um cortejo de ratos erguia-se em intento de alcançar os seus pés descalços, já negros de podridão. Sem velório — não havia quem — foi conduzido ao mesmo cemitério em que Clarissa fora recentemente sepultada, uma pequena homenagem de Richard a Foster, a quem sempre se considerara, de alguma forma bastante complexa, um devedor.

Londres, 8h40

Londres abraçava Elizabeth Dalloway.

O King's College era um alento de intensa novidade na sua vida. Pela primeira vez mais alongadamente fora da cripta em que crescera e de onde aprendera a ver o mundo. E o mundo não era, definitivamente, aquele invólucro. A vida não se movia ou se refreava por um látego, finalmente.

Que fragor descer por The Strand, o Tâmisa cintilando vivo e sujo; caminhar por Somerset House, deambulando, sozinha depois, por West End, que ela considerava o coração de Londres; para então tornar à universidade, a contragosto do pai. Ele não apoiara, mas não se colocara frontalmente proibitivo. Clarissa fora quem a encorajara. Desejara Liz também para si outro mundo, diferente daquele velho e pacato mundo da mãe e da avó, a mulher moderna convivendo em conflito com a vitoriana tardia que não deixava de ser.

Assustada, sem a mão firme de Ms. Kilman a guiá-la, Elizabeth precisava descobrir formas de existir, testá-las e analiticamente aprender a qual dinâmica e gradação pertencer. Recusar o não pertencimento que fora a marca da mãe, rechaçar a negação com que o pai lidava com todas as coisas em exagero, ora crédulo, de modo quase imbecil, ora tirânico, infernal. Desse rescaldo sobreviver e tornar-se, fazer-se. Ser alguma coisa com melhor forma, diferente daqueles modelos.

— Não pensei que conseguiria — ruminou uma desalentada Ms. Kilman, ao seu ingresso na faculdade. — O que será de mim sem você?

Queria se livrar de Ms. Kilman, aquela ventosa, mas havia a culpa. Tratou então, com esforços emprestados do pai, de contorná-la, que, no fundo, Liz a temia, que, na superfície mesmo, sabia-se controlada por aqueles olhos

gelados, encontrar-lhe emprego como auxiliar na biblioteca do *campus*. Algo que afinal Ms. Kilman recebeu com felicidade e gratidão, enfim um provento melhor, um passo acima na estratificação social.

Elizabeth imaginava que seria distração de sua atenção concentrada quase exclusivamente em seus passos, o grande olho que a tudo via. Não foi. Ms. Kilman tinha uma habilidade incrível em acumular funções sem negligenciar nenhuma delas, à sobrecarga parecia inclusive fortalecer-se e criar mais competências.

Do lado de fora, à sombra dos grandes lamegueiros, Liz observava Ms. Kilman semicurvada sobre o balcão de atendimento da biblioteca, mesmo sem a sua capa bizarra, vestida em camisa branca, *blazer* de lã ajustado no seu dorso largo, a ausência de cintura, nenhuma graça, a longa saia levemente godê, todo o conjunto cor de chumbo, cor nenhuma. O maxilar forte, angulado, ossatura dos bárbaros, olhos sem clemência, era ela a mulher ancestral, desde o início dos tempos dos bípedes, suas auroras boreais, a mulher perdida nos fiordes à caça do que sangra. No Mesolítico, das falésias e geleiras, na quietude crepuscular das coisas sendo gestadas, sob o martelo de Thor, nos primórdios frios e orvalhados da vida sobre a terra, sua língua gutural anterior aos nomes das coisas, suas mãos quadradas eram patas de um grande urso.

Ali, no reverso, o olho sem fim sobre Elizabeth, escrutinando-a; Ms. Kilman, a mulher de outras eras. Saía então desse torpor de imaginação e pensava nas humanidades que eram as disciplinas preceptoras para o curso de história. Estava certa de que escolheria por especialidade história moderna. Ainda nas preliminares do curso, já fazia ideia do quão ultrapassada ia a visão histórica de Ms. Kilman, até aqui sua tutora, aquela que lhe fornecera as rígidas e distorcidas lentes pelas quais não vira de fato o mundo.

Já nesse primeiro ano no King's College conhecera John Fleet, seu colega em algumas salas. Magricela, pálido e tímido, havia um desamparo familiar no rapaz que desenhava para o futuro uma carreira diplomática. Não exatamente "gostável", John. Ela o compreendia. Ele era alguém que sempre se iniciava em negativa para, somente muitas voltas depois de demasiadamente resfolegar e digladiar, finalmente dizer sim. Tinha uma infelicidade em si que talvez remontasse de tempos remotos, então, inadvertida, mas regularmente, em alguns momentos, precisava fazer desaguar a tal amargura sobre algum mortal.

Território demasiado familiar para Elizabeth. Aos poucos resignar-se ao seu temperamento fechado, à sua tendência asfixiante em isolá-la, ceder, ceder, contemporizar então era o que fazia; cedia à tutora, ao pai, à mãe não, porque Clarissa nada demandava, presa na bolha de si mesma.

Que se pudesse casar com quem lhe provocasse ímpetos desconhecidos, não questionaria. Estava bem que John revolvesse compaixão em si, isto aparentemente a assegurava numa posição de sutil superioridade.

Confundia compaixão com amor. Assim com todos ao redor, sem dimensionar a carga de raiva que contêm as compaixões.

Olhava-se no espelho, algum gene trazido da Mongólia deturpava os traços ingleses, dando-lhe repuxo levemente asiático, não se reconhecia fisicamente nos seus familiares louros e ruivos de olhos celestes. Ms. Kilman, a despeito do trabalho na biblioteca, mantinha-se vigilante, fazia-lhe sermões sobre castidade, sobre o malefício e as contaminações que os homens carregam, seus modos selvagens, sua febre incontrolável. Insistia que Elizabeth fora moldada para a vida religiosa e um hábito de missionária lhe cairia melhor que um vestido de noiva, essa armadura; nem mesmo algum insignificante jaleco de professora lhe faria jus.

— Tivera eu seu frescor, minha linda — murmurava, com derramado afeto, verdadeira devoção pela menina. Suspirava, olhos sonhadores, algo de voluptuoso nos seus êxtases religiosos extremados. Elizabeth não era tão ingênua, algo a chamara para a leitura das freiras poetas da Idade Média, Sóror Juana Inés de la Cruz, históricos de conventos e abadias tão lascivos quanto os mais dissolutos bordéis parisienses, era melhor não escavar muito.

Manter Ms. Kilman sob a aura de tutora, desviar-se da sua fome desmedida e sem nome, lamentar os infortúnios que a haviam modelado pela implacabilidade. A petrificação que advinha de toda a Germânia. Não percebera, contudo, quão insidiosa podia ser a mulher da capa emborrachada. Com que requinte envenenava as circunstâncias e a sua disposição para com Clarissa, sobre quem tudo timbrava simbolicamente de negativo. Sua boca de semidizer, não falava claramente, apenas sugeria. Seus olhos de malver: o mundo sempre inimigo.

Vezes havia em que uma sanha quase assassina se apoderava da menina, imaginando vilezas, torturas, ruindades à Ms. Kilman, depois caía em culpa, afinal, ali, Clarissa tão ausente, não poderia se reassegurar.

Enfim, pelo lapso, pela falta, a confirmação então de que somente em Ms. Kilman se poderia amparar. Nem no pai, envolvido demais na vida política.

Ânsias dentro, a mulher não podia aceitar aquele rapaz John. Elizabeth era a grandeza, o absoluto; tinha os mesmos olhos dos poucos humanos que nasceram para melhorar o mundo. Mas Ms. Kilman sabia, rede semelhante à que utilizava para engolfar capturara Elizabeth, por isso tão difícil realmente rivalizar com o rapaz.

O momento crucial do seu dia era olhar-se ao espelho pela manhã: a pele devastada, seus olhos esgazeados. Era ver-se sem se reconhecer, como se um espectro ali, somente, de quem um dia fora. Ainda precária, a necessidade de

se colar à pele de alguém feito um carrapato, para sobreviver. Mas não era ela, definitivamente, fraca como a mãe de Elizabeth, que carregava a desistência, autoaniquilando-se dia após dia, o fracasso nítido, o erro que era toda ela.

Acuada e sem autoridade, Ms. Kilman se punha cirúrgica em adjetivá-la negativamente e divertia-se em sustentar sobre Clarissa o seu pior olhar até constrangê-la, ao ponto de nela fundar desespero e fazê-la virar os olhos noutra direção, fugidia. Covarde. Não merecia nada ali. Nem Richard, nem Elizabeth, em alguns momentos Deus se distrai um pouco.

Ms. Kilman a sangraria feito um porco para a ceia sem qualquer misericórdia, na hierarquia natural das selvas. A exploradora sem mérito algum da sua mais-valia, era injusto. Aos poucos, uma ferocidade calada da tutora da filha, aquele flagelo, onde a sua feminilidade?, a mulher dos golfos escarpados, célula germinada das profundezas oceânicas, metodicamente a aviltava e diante de quem Clarissa se via petrificada, enredada por um medo sem nome. A vida perigosa, quase sempre.

Então sonhava com Bourton. Escrevia à irmã, escrevia à Sally, ainda que não a mesma Sally, pensava na brilhante ruína que era Peter, matéria radioativa, perigosa resplandescência.

Virginia Woolf. Sobrenome de Leonard, mulheres não sustentavam, àquele tempo, o sobrenome de família. A mulher esfumada à sombra de um homem. Ver Virginia longilínea, magra, traços afilados, seus olhos glaucos, era sempre um alento. Não o alento refrescante das conversas divertidas, ácidas e inteligentes de salão, mas o amparo de arremeter em mergulho, sentir o corpo abraçado pelas águas.

Sempre a sensação algo amniótica com a irmã mais velha. Sua presença, por si só, era autoridade, a força e o magnetismo no modo como mirava as coisas. Tão mais jovem, Clarissa; Virginia era o intangível, qualquer coisa

de incognoscível, uma marca familiar. À Virginia ninguém alcançava realmente, à Clarissa, também não. Moviam-se em bolhas de sutis transparências, as duas caminhando muito sozinhas pela vida, ainda que as cartas, mesmo que as festas.

Elizabeth pensava, em perspectiva, que a falta, por assim dizer, de uma mãe as amputara às duas. Mas Elizabeth, na verdade dos fatos, também não tivera uma, ninguém tivera Clarissa. Talvez Sally, um pouco, porquanto as cartas tardias denunciassem formalidades e artificialismos, a chama apagada nas entrelinhas. Seu rostinho róseo, seus olhos que rapidamente se desviavam de qualquer magnetismo, esgueirara-se pela vida esquiva, mais de si do que propriamente dos outros, o monstro à espreita que a qualquer momento pudesse rebentar.

Na mente de Elizabeth, depois daquelas cartas, entrecruzavam-se Clarissa, Ms. Kilman, tia Virginia, na remissão de que todas desaguavam naquilo que ela era, também despegada do mundo. Alguém sem sentido de pertencimento, chegava mesmo a ter pena dos homens que ali nunca iam, ódio também desses homens, o seu corporativismo, o uso que eram capazes de fazer das mulheres, a sua obsessão por beleza e juventude relegando à invisibilidade as que não mais estivessem nesse arco.

John fora-lhe o encaminhamento natural. Sem conhecer oásis, que não aquele secreto, contido, inominável, das clausuras religiosas com Ms. Kilman, seus flamantes olhos cor de groselha, só muito madura reconheceu Elizabeth que o que ocorrera em relação à mulher abrupta era desejo provocado, sedução velada, a monstruosidade contida. Odiou a mulher, a áspide, aquela então já esquecida do mundo, internada na casa de repouso londrina, à mulher velha, face de Medusa que ela inclusive sustentava num lar de idosos, urna cinerária.

Deu-se conta de que dela não conseguira se desvencilhar. Contaminada pela sua peçonha e contra a qual não houvesse antídoto. Sua poderosa sombra a acompanhá-la e enredá-la. Já na maturidade, e isso lhe veio num sonho, sentiu o avassalador daquele desejo latente e abominável em platitudes absurdas, êxtases que se disfarçavam em religiosidade. Então compreendeu Clarissa e Sally. Então desfolhou a renitência toda: sentia-se bizarra, convulsa a potência daquela velha imaginária que John sequer tateava, nunca se entregara ao marido, desde a juventude sempre tão séria e grave, eventualmente uns escapes caudalosos. Havia rumores de que a bipolaridade de tia Virginia desse poço escuro brotasse também, disso de enamorar-se por mulheres num tempo em que os amores, que não os convenientes, eram proibidos, fora da lógica e norma vigentes.

Vita Sackville-West, o nome da amante da tia Virginia. Sally Seton, a de Clarissa Dalloway. Ms. Kilman, a fantasia assustadora de Elizabeth. Uma família de lésbicas. Um clã sem mãe. A Elizabeth, sobrevieram obsessões, ânsias, cólicas. Imagens passaram a tomar conta de si, sempre em avanço, nunca refreio. Adoecida, ardências que foram confundidas com febre pelos médicos e mesmeristas que a viram. Queria gritar, quando mais lúcida, que aquilo tudo vinha da adolescência com aquela alemã, vinha de dominação, vinha de instintos primários despertos precocemente e logo enclausurados.

Aquela mulher perversa chegada dos fiordes, a prussiana dos vales nevados de machadinha na mão a incitava, com aversão e frágil recusa, a oferecer-se madura mesmo a toda sorte de sevícias, o corpo ao seu dispor, ela sedenta, uma vampira avançando sempre sedenta, pacientemente voraz; seus cabelos brancos em coque austero, sua roupa invariavelmente preta feito hábito religioso, o rosto enrugado, a boca ávida à qual Elizabeth se daria sem qualquer impedimento, como se exatamente nascida para esse momento.

Ms. Kilman. Isso movia terremotos na estrutura quebradiça de Elizabeth. Que Ms. Kilman pudesse entrar em seu corpo, devassá-lo, explorá-lo, comê-lo, misturar-se a ele, às suas células, seu sangue, cheiro ácido de cebolas que a mulher sempre exalara. Em desespero precisava aplacar o que lhe vinha.

Tanto, ao ponto de pesquisar o submundo paulistano com tal empenho e discrição de dama inglesa, dizendo sem dizer, apenas aludindo, distraída, até encontrar correspondência com a fantasia, alguma equivalência a tais imagens. Uma casa de senhoras sexagenárias e setuagenárias que diligentemente se aplicavam, sempre em dupla, à concretização das artimanhas imaginadas em desejo e repulsa.

A mulher do cônsul, pelos quarenta anos, ainda bela, não aplacava a culpa ou raiva pela irrelevância de sua existência em lojas ou trabalhos sociais mais carregados de publicidade que de compaixão, que era a forma cruel como Ms. Kilman definia as mulheres da sociedade em seus desvelos de caridade: estampa e vazio. Não. Duas ou três vezes por semana dirigia o seu carro até a Bela Vista para entrar na antiga e ampla residência pavimentada por pastilhas sextavadas em madrepérola, ultrapassar as toalhinhas de crochês sob vasos floridos, andores de santos com velas devotadamente acesas, a casa de cinco senhoras, duas armênias, duas italianas e uma búlgara acima de qualquer suspeita, para lambuzar-se do vício que Ms. Kilman nela implantara ainda menina e maravilhar, com as suas explosões inauditas, aquelas abusadoras profissionais que nela se revezavam. Seus dedos nodosos, bocas de contornos perdidos, encontrava especial carinho na búlgara, para quem se habituara a levar sempre um maço de flores, lírios, frésias, cravos, íris, margaridas. Nenhuma delas se deixava tocar.

As temporadas em que o cônsul permanecia em São Paulo eram torturantes, privada de sua droga, Elizabeth maníaca, indócil, acelerada até o marido

interná-la em clínicas de repouso, processo que se iniciara em Londres, com Richard. A mulher que guardava o impossível em si. Em princípio, fora tolerante com as crises de Elizabeth, jamais divisaria a sua raiz.

Nunca compreenderia as marés de instabilidade de que eram feitas as mulheres. Depois, passou a impacientar-se. Sobreveio uma sutil violência. Por fim, a indiferença. Nem companhia para almoços e jantares diplomáticos e outros protocolos poderia mais esperar de Elizabeth, cada vez mais inadequada. Esquecia-se de Robert. Sua vida era vestir-se, pentear-se, perfumar-se para estar com as velhas depravadas que se compraziam naquele banquete coletivo de corpos que literalmente se ofereciam sobre a mesa da sala de jantar, às vezes, por até três horas ininterruptas, à quase exaustão, sem interditos.

Em dar-se lânguida assim, buscava Liz relances na memória de correspondência com aquelas tardes indescritíveis, silenciosas e intensas para algum decoro sempre passageiro. Apenas o temor de, adiante, aquilo que já lhe parecia limite perigoso, não lhe bastar e, sem controle, precisar de mais; ela e elas, escravas naquilo. Um furão. Desses seres que cavam túneis formando galerias subterrâneas, suas tocas e, vezenquando, se erguem das sombras. Elizabeth e Ms. Kilman saíam do atropelo de Oxford Street rumo a Buckingham, onde as flores — rosas e peônias, sobretudo — parecem feitas de cera, um capricho de Liz herdado da mãe e ao qual Doris acedia: visitar infinitos jardins seguindo a linha dos lampadários em busca de um absoluto inexistente.

Caminharam por ali, dignas, plenas, mortais — ainda que Mr. Dalloway e sua chancela política —, quando o céu subitamente pareceu adquirir uma tonalidade mais grave, e todas as coisas ao redor, um brilho diferente. Um carro preto, lustroso feito um corvo, soberbo e com cortinas pegadas aos

vidros traseiros deixava o palácio em meio a batedores motorizados em duas rodas, os estandartes do Império ostentados e ondulantes espetando aquele céu em tumulto de nuvens.

Havia solenidade, alguma vagarosa determinação, um silêncio geral, a realeza, a Rainha ela mesma ganhava a rua e se misturava ao gentio blindada entre vidros e ferro num carro de pneus com aros brancos, desfilando suavemente diante da plebe ignara, já então em burburinho. O orgulho da Bretanha, o fastio anglo-saxônico todo ali representado, sua austeridade, sua grandeza. Liz suspirou em amor àquela coroa, à tradição, essa que aprisiona e reassegura ao mesmo tempo. Ato contínuo, gesto impensado, os olhos perdidos na representação dos séculos, arrancou com fúria e força uns ramos grossos de kalanchoes vermelhas da floreira em que se apoiava reverente para ver a majestade passar; caules suculentos, raízes expostas, folhas aquosas, pequenas flores se esfacelando, até Ms. Kilman a retirar daquele transe puxando-a pelo braço, fazendo menção de que seguissem adiante, adiante, adiante.

Do outro lado, quando fixou o olhar para fora do seu próprio desatino, quando de novo entrou no dia, pareceu-lhe ter visto de longe Peter Walsh vestido num terno ultrapassado, apoiado em bengala, como se duzentos anos de idade o vergassem, tão carcomido pelo tempo e suas horas indomáveis, ardilosas, o amante de orientais casadas, o fracassado em vida; a incompetência de Clarissa, seu degredo, sua paz, seu delírio. Sempre um oposicionista vigoroso e de ocasião. Refreou-se em novo ímpeto de arrancar outros tufos de plantas e destruí-las, furor que vinha ardente. Faltavam poucas horas para se casar. Aquele olho implacável de Ms. Kilman, desolada no dia de seu casamento com John.

O queixo trêmulo, disse à Elizabeth, à saída da igreja, que havia morrido uma parte de si, sua menina entregue àquele homem insosso.

— Manteremos as nossas orações — garantira-lhe Elizabeth, dizendo quase em silêncio e piscando-lhe um olho cúmplice, ainda na igreja.

Um casamento importante, com a nobreza por espectadora, St. Paul's magnífica.

E, de fato, enquanto viveu em Londres, cumpriu a rotina diária de orações na casa pobre de Ms. Kilman, seu quarto escuro e úmido, sem luz, leve cheiro de mofo e velas queimadas, sentadas em cadeiras despalhadas ouvindo o sibilar quase sensual de lábios em preces sussurradas, braços e pernas que eventualmente se roçavam e, no escuro, à invocação Dele, mudos espasmos de um paraíso sem apalpe.

Então, por uma única vez, posteriormente, como no passado, numa tarde de verão raramente quente, as duas em seus desatinos celestiais, Ms. Kilman pousou novamente a mulher adulta e casada, já grávida, em seu colo. Num descontrole até então inédito, arfando, livrou-se de sua blusa, abaixou o sutiã e finalmente roçou o mamilo nos lábios entreabertos de Liz, Robert se revirando no ventre confuso de Liz, a alemã dava o seio à futura mãe, ela que nunca seria uma, chamando-a filha, minha menina, meu bebê, ambas num frenesi elétrico, até Ms. Kilman retirar-lhe o vestido-bata de um só golpe, hipnotizada pela barriga protuberante dos cinco meses de gestação, fascinada, perder-se trêmula e masculina naquele corpo que vibrava ali a cada toque. Liz sentia-se plena, segura, tão familiar, sem ameaças, aquela pele à sua.

Terminado o desatino, ambas encharcadas de suor, regurgitadas da tarde quente no quarto-claustro, Ms. Kilman recompôs-se e, solenemente, murmurou:

— O que se deu essa tarde aqui será esquecido, minha filha. Atirado na lixeira das falsas memórias. Isso foi obra Dele, no dom do puro amor. Mas não houve. Que do amor ao pecado a linha é tênue demais.

Tão poderosa a força da tutora alemã em Liz, a memória transformou-se em desejo velado, negado.

Londres, 7h34

Elizabeth tinha quatro anos. Sombras e luzes moventes. A mãe sempre lhe sumira e depois aparecera. Em sumir-se assim a mãe, havia treva. Em retornar, era sol quente anunciado de verões ligeiros. Deus deve morar numa xícara de chá, sua cor de hibisco. "Oh! Deus!", exclamava quase sempre prazerosa e esgazeada Clarissa ao inclinar uma xícara de chá sobre a boca. Deus só podia ser aquele chá. Elizabeth gostava então das xícaras, receptáculos de Deus que desenhavam breves sorrisos na cara de passarinho da mãe. Talvez mesmo um dia ela saísse voando sem levá-la, porque parecia carregar em si mesma peso insustentável.

Menos enevoada, Clarissa um dia lhe disse:

— Chegará um momento em que você começará a desaparecer. Acontece com todas nós, isso de entrarmos na meia idade e nos iniciarmos em invisibilidade, filha.

No dia em que Miss Mary Lovelace, uma jovem de pele rosada e cabelos ruivos, voz encanecida e dentes de coelho, tutora designada a iniciar a alfabetização de Liz, lhe desenhou uma formiga e disse ser a formiguinha o retrato de Elizabeth, a menina decidiu que não consideraria mais nada que viesse daquela moça.

Aprendia ali o rancor, em ser reduzida, comparada a seres miseráveis, insetos combatidos com tenacidade pela cozinheira. Como, em que esfera poderia ser equiparada a inseto? Às perguntas da professora a menina passou a responder com silêncio. Nada naquela Mary parecia lhe despertar interesse, a não ser torturá-la com olhares entediados e ler, nos olhos da outra, surpresa e cólera dissimuladas. Passaram a travar as duas então uma

guerrilha muda, até o dia em que, nos estertores dos seus limites, livros e cadernos sobre a mesa, Elizabeth sentada à sua frente, incontida e entredentes (raivosa, avermelhada, sua revolução sem palavras), Mary sibilou:

— Demônio!

Impávida, a criança sustentou o olhar sobre a moça, que, desestabilizada, rápida e desajeitadamente juntou o material escolar entre as mãos e saiu apressada daquela casa, sem se despedir, esbaforida, horrorizada. Não era possível uma menina assim. Elizabeth pensava que ser corajosa era criar problemas. Sua mãe não criava problemas, portanto não parecia em nada corajosa. Uma de suas primeiras decepções foi divisá-la assim, em negativo.

Viver é decepcionar-se muito, também.

— *White rabbits, white rabbits, white rabbits!* — suspirou quando se viu sozinha na sala. — O chá! Traga-me o chá, Louise! — gritou soberana, a pequena aristocrata. — E também pudim de Yorkshire com lascas de salmão defumado para o jantar! Não se esqueça de preparar uma jarra de Pimm's para o papai! — acrescentou diante da criada da cozinha, que cerrou a boca, soterrando o riso.

Então a pirralhinha resolvia agora ocupar o lugar que a amedrontada Mrs. Dalloway não ocupava? Aquela que ordenava aos criados toda embaraçada, quase culpada, presumidamente delituosa, a pobre mulher.

Elizabeth gostava da Louise que lia o seu futuro na borra do café:

— Você será uma estrela! Você se casará com o próximo príncipe!

Louise fingia ser bruxa quando mexia o caldeirão de sopa:

— Essa poção leva ovos de salamandra, raspas de crocodilo, folhas de mandrágora, lesmas em pó, meimendro, datura e acônito. Trará cem anos de sono a quem a tomar. Já pensou nisso, Liz, dormir por cem anos e despertar jovem e bela?

Noutra noite, herética, contrariando a reprovação do patrão aos escritos shakespearianos, fazendo gestos de fascinação com os dedos recitou à menina um trecho de Hamlet no claro propósito de aterrorizá-la e instituir poder:

— "É agora mesmo a hora bruxuleante da noite, quando os cemitérios bocejam e o próprio inferno exala contágio ao mundo."

Contava-lhe histórias de uma suposta tataravó que viera da linhagem dos druidas, entoava cantos celtas, manipuladora das runas, leitora de *penny dreadfuls* desencavando a cada dia um conto ou crendice da Era Tudor, como guardar folhas de louro dentro da fronha à véspera de São Valentim para sonhar com a face do noivo.

Elizabeth, os olhos orientais estatelados, se esgueirava ao lado do armário da cozinha escutando seus presságios e ensinamentos. No fundo mesmo, um rematado sadismo, era prazeroso amedrontar a criança, vingar-se do sortilégio, rasurar as agruras da classe social. Implantar algum tormento na menina rica e sem preocupações, ela o faria, Louise, que no tormento fora gestada.

Clarissa não se dera conta das incursões cada vez mais frequentes da criança aos domínios da criadagem. Sequer divisava o alcance da maldade humana; não imaginava o nível de abusos de que o ressentimento era capaz. Tão altaneira e evanescente, quase ingênua, nunca pisara a realidade.

Outro modo de ter a criança sob controle era lançar castigos divinos ao seu cão, sempre condicionais:

— Agora, Liz, você é a minha criada. Lave-me os pés. Se recusar, os elfos levarão o Butler embora para as profundezas da Floresta Negra, que é o local onde arrancam as orelhas das boas criaturas. Tudo o que desaparece do mundo vai para os abismos da Floresta Negra. Aquele seu urso de pelúcia desaparecido? Floresta Negra. Aquilo é o sumidouro de todas as coisas.

Pedia-lhe ainda massagens nas costas e ombros. Que lhe penteasse os cabelos, limpasse os seus sapatos; sempre ameaçando Butler. Era uma pequenina escrava, o oposto da tirana que se fizera à tutora que a queria formiga.

A influência de Louise sobre Elizabeth se aproximava do perigo: uma madrugada, sorrateiramente retirou a menina do quarto para mostrá-la ao cocheiro de Baker Street, a quem vinha se insinuando e a quem queria agradar. O hálito de peixe que a boca do rapaz exalava, os seus olhos de maravilhamento ao tomá-la nos braços. As mãos de dedos ávidos lhe roçando a pele. O calor daquela boca marinha, como a de Butler quando lhe lambia as panturrilhas. Tio Paul. Voltou outras vezes. "O céu e o inferno talvez cheirassem a peixes e a estrebaria", pensava, naquele entrementes. Sempre arfante. Sempre maravilhado. Os seus olhos brilhantes e negros iguais aos de um rato. Sua língua grande como a de um camaleão. Louise entregava a menina a Paul, um embrulho de pão. Liz o chamava de Butler e o festim durava quase uma hora. Cavalo e peixe.

A menina com a camisola levantada para as sevícias microscópicas do cocheiro, Louise pensava que tais toques epidérmicos talvez nem pudessem ser chamados sevícias, quem sabe um vício do homem, mas, afinal, eram sim. Louise que em meio aos louros sonhara com a face de Paul, assistia a tudo muda e resignada, sem expressão legível no rosto, para, no dia seguinte, reiniciar a doutrinação amedrontadora e mesmo assim divertida à Elizabeth.

Daquilo que corre em paralelo e ninguém vê. Assim era a sua relação com a criada. No receituário básico da fermentação de ódios: coloque alguém sentado, imóvel, silenciado, espectador da vida de outrem em arrulhos e gozos não seus. Sugira muito sutilmente pequeninos acenos de promessas jamais formalizadas, sempre enevoadas, de que sim, um dia, quem sabe, ele possa até vir a fruir de algo assim, há chances, desde que se resigne à quietude. Depois, negue tudo com uma veemência calada. Sugerindo também,

jamais frontalmente — a perversidade é sempre sub-reptícia —, que imagine!, nunca!, falta a esse alguém substância, inteligência, sobrenome, genética, linhagem, *pedigree*. Eis aí a formulação do ódio, explosivo, devastador.

Um dia, Louise foi repentinamente embora, sem se despedir. Houve polícia, notícia de furto. Um anel tailandês cravejado de esmeraldas opacas com que Richard presenteara Clarissa no último aniversário. Desaparecido. Elizabeth voltou religiosamente àquela cozinha todos os dias pelos meses subsequentes. Sentiu falta da criada que a escravizava. Choramingou. Aos poucos a lembrança de tio Paul, aquele que gostava tanto da sua pele como quem tem fome, foi sendo soterrada e Liz se desenvolvendo numa menina calada, mais observadora do que interveniente, em tudo; retomando-se em aristocracia, aprendendo o laconismo e, finalmente, a discreta vilania.

Ninguém saberia que houvera um Paul. Nem mesmo a própria Elizabeth. Por esse tempo, começou a verbalizar em solilóquios imaginações que estupeficavam os adultos.

"A sombra da minha mãe cresce para dentro e é muito funda", "O meu pai é feito de pele e é só ar dentro", "Se eu pegar o canivete do tio Peter e fizer um X no seu peito, ele sairá voando", "O meu pai é uma bexiga grande e verde", "O coração da tia Virginia faz tic-tac. Todo ano sai dele um cuco e um bigode de chinês cresce também no fim do coração da tia V. Ela acha que a vida demora demais".

A nova tutora, Mrs. Seidl, comunicou aos pais a estranheza nos desenhos da menina, tintas sempre noturnas, contornos sombrios de madrugadas, crepúsculos. Todos esses desenhos traziam camaleões laterais.

— Contudo, ela avança no aprendizado, mesmo se negando a confiar no que lhe digo; mesmo divagando, por vezes, em frases absurdas, criando sofismas para explicar coisas e pessoas.

"Disse-me, outro dia, que a matemática é um modo de loucura. Que se casar é como se enterrar sob a areia da praia, peso demais para se levantar. Que a sua mãe não nasceu e, portanto, nem ela. Questionei-a o não nascimento: que imagem de menina era afinal aquela à minha frente? Liz respondeu: 'uma vontade'."

Ela pousou as duas mãos sobre a mesa e gravemente perguntou se não seria o caso de consultá-la com um médico, acrescentando:

— Dizem que certos médicos em Viena são quase milagrosos, nenhum medicamento, sem injeções.

Clarissa sobressaltou-se, voltando-se inquiridora e reticente para o marido:

— Virginia desaprova solenemente essa classe de médicos, querido.

Richard, cenho franzido, apenas murmurou, voz de aço:

— Bem, eis aí alguém com autoridade para dizê-lo, tantos foram os alienistas tendo de segurar aquele furor. Mas não sei mensurar quanto de lucidez se possa peneirar de qualquer apreciação vinda de sua irmã, Clarissa.

"Richard não perdia a chance de diminuí-la, subjugá-la", pensou Clarissa, hesitante, sem saber fechar questão. Havia também a possibilidade de ser uma fase de criança, curtos-circuitos de uma mente fértil, e não a maldição da família materna, mulheres que sorrateiramente enlouqueciam.

Nada então se decidira, senão que Richard traria no dia seguinte um novo cão de presente para a menina, o Grizzle, filhote dourado de golden retriever e, atinando o abandono em que talvez a criança vivesse, sendo ele próprio sistematicamente abandonado por Clarissa naquele casamento — a mulher sem contato —, aproximou-se da filha, a buscar nela cumplicidade na miséria refinada em que flutuavam.

Tentaram as gêmeas Lara e Sue, filhas dos Cummings, ruivas, sarapintadas como se respingos violentos de tinta lhes estampassem braços e rostos brancos, algo amarelados, seus olhos redondos. A ruiveza é uma feição. Sempre

juntas, idênticas, igualmente vestidas, tinham seis anos e foram elas que a Liz propiciaram o primeiro encontro com o engano; as mais efusivas no primeiro contato, uma visita que Richard e Clarissa faziam aos Cummings, festejos em conhecê-la, mas, na métrica do tempo de uma única tarde, ensinaram a Liz o que era ter e, na sequência, não ter mais: trancaram-na, as diabas, no sótão.

Por esse tempo, Elizabeth temera o escuro. No escuro do mundo estavam as coisas visguentas, mofadas, imaginadas. Em que farras viveriam ratos, cobras, salamandras, lagartos que os sóis proibidos não deixavam ver, seres rastejantes debaixo da cama?

O único som era o da torneira gotejando longínqua, rítmica e monótona como se sozinha no universo. Até onde pudera segurar os pensamentos, essa torneira, talvez velha e enferrujada por dentro, quem sabe proposital-enlouquecedora, pingou duas mil novecentas e trinta e cinco vezes, ela contara, medo de descer ao chão. Às vezes perdia a conta do tempo em que estivera existindo na escuridão. Narrava histórias de afago para si mesma, talvez estivesse cega. Desenvolvia rotinas dentro da própria cabeça. As coisas todas paradas ao redor, flutuava essa cama quem sabe pelo espaço sideral, sem vestígio estelar. Será que estou na eternidade? Será a eternidade feita de coisas sempre iguais, essa torneira gotejante e sem fim? Ou é isso mesmo a vida?

A menina olha a janela quadriculada de vidros e os vidros olham para ela. A menina pensa que árvore-rua-casas-pessoas filtradas pela transparência sejam desenhos, pinturas em movimento. Que nada é real. Considera melhor moer cada placa de vidro e amarfanhar essa janela na mão feito uma bola de papel que se atira no lixo. Prefere seu espelho de molduras brancas à janela mentirosa.

A menina não sabe que enlouquece um pouco. Olha a mãe quieta, sentada na poltrona de veludo verde. A poltrona engolirá a mãe, como faz todas

as tardes e, no início da noite, a trará de volta com um semissorriso nos lábios. Elizabeth nunca gostou muito desse meio sorriso da mãe, a ela parecia indigno. Era melhor vê-la dormir a perscrutar uma metade de sorriso que mais parecia dor, aflição, disfarce, jamais alegria. A menina então se desenha com uma boca possante, maior que a casa, mais larga que a rua. Há estrelas no céu azul-marinho que abre a noite em frenesi de grafite e tintas escuras. A menina engole a mãe, mastiga a poltrona, a janela, as estrelas e a noite. O avatar no espelho desaparece porque ela some também. Amanhecerá esquecida de tudo. A janela ali.

São Paulo, 15h41

Uma festa em que se bebesse francamente.

Um rebu de expurgar demônios, reconfigurar afetos. Elizabeth queria algo assim, mas o que sempre acabava sendo mesmo era um almoço ou jantar insípido com o corpo diplomático, afinal, seu grupo mesmo de convivência, as suas mesuras e trejeitos contidos, seus matizes anêmicos diante da severidade de John, o pior dos anfitriões, rígido, fleumático, só sabia falar de guerras. Era melhor nem ser, pensava Liz, já em vias de desistência.

Vivera mesmo desistindo, não era território novo. Sua impermanência, os mundos escondidos, nunca consolidava relacionamentos, talvez mesmo nem soubesse mantê-los, tão largas as suas inconstâncias. Ao inconstante está reservado o inferno, quase sempre. Sem paz. Em morrer não havia desespero.

Imaginava um túnel todo claro, ofuscante, sair do escuro e ser inundada por uma brancura brilhante. Como nos momentos em que a enxaqueca a torturava espocando fogos de artifício, dando brilho ofuscante às coisas e estridência aos sons. Talvez o inferno não fosse uma profundeza avermelhada e escura, mas um fiorde de gelo brilhante, insuportavelmente cintilante, cefaleico, enxaquecoso. Sempre pensara na mãe como covarde, pois suicida. Egoísmo, fraqueza. Mas a ideia estava lá, mesmo quando preparava uma festa. Era ideia subjacente. Um apêndice sempre, talvez escape ou a força que teria, enfim. Seu modo de resistir, loucamente pensava, não se entregar não.

Nublada pelos pensamentos confusos, ouviu os passos de Ludmila no corredor aproximando-se de seu quarto.

— Entre — disse Liz, antes mesmo da batida na porta.

— Querida sogra!

— Venha, Ludmila, me abrace.

A nora a acolheu.

— O que você quer, Elizabeth?

— Pergunta difícil a sua, menina! — respirou fundo, mas, sim. — Veja. Quero tudo, menos isso aqui, você entende?

Ludmila manteve-se impávida:

— Perfeitamente.

— Você também não é feliz, não é mesmo, minha querida?

Ludmila desviou o olhar.

— Tenho mais do que preciso, minha sogra — ela respondeu, clichezenta.

— E menos do que merece? Sejamos francas. Robert é a cópia não melhorada do pai. E com John, impossível conjugar felicidade. O homem é um deserto frio.

— Liz, eu não considero justo culpá-los.

— Não, não se trata de culpar quem quer que seja. Apenas que o desenho não era meu. Não desenhei esta vida. As circunstâncias fizeram esse riscado do qual não consegui me livrar. Embora reconheça ter estado muito pouco nele, de fato, John não alcança e nem quer alcançar a mínima parte do que eu sou. Ele não faz ideia.

— Entendo que você queira ter permanecido na universidade.

— Sim, eu seria professora. Quis a independência, cheguei a me formar, apesar de meu pai. Mas John é nômade, foi me enredando em seus afetos complicados, fui me permitindo refém da pena que eu sentia daquele homem, ademais, havia conforto nisso.

Ludmila, que pouco falava de si, pensava mesmo ser ermo sem narrativa possível. Tentou suavizar.

— Mas diga-me. E a nossa festa?

— Filha, eu me animo, depois desanimo, daí reanimo. Quero, logo não quero mais. Há uma gangorra sem fim dentro de mim. Sabe que eu me lembro de Robert pequeno, os olhos redondos de medo. Sempre cuidadoso ao me interpelar, modulando reações a cada movimento meu.

— A festa...

— Oh, sim. A festa.

— Em quinze dias, então, você gostaria? Final de junho?

Num estalo, Elizabeth acedeu, modular também.

— Excelente! Temos agora um pequeno motivo para prosseguirmos existindo até o fim de junho. Entrando julho, criaremos então outro propósito. Assim eu sigo, sogra minha! — entusiasmou-se.

— Assim me arrasto, desde sempre! — pestanejou Liz.

— À FESTA! Lembrando somente que a cozinheira francesa, Marie, que você me trouxe no inverno, anda insolente demais. Se gostar do visitante, prepara-lhe um *soufflé* alto, belo. Se não o julgar à altura de deferência, serve omelete simples mesmo. Liz, é preciso dar um jeito nessa moça, insubordinada, desconsidera tudo aquilo que não seja europeu.

Elizabeth deu uma gargalhada sonora e uma piscadela de olho. (Ludmila gostava de ver suas faces reavivadas.)

— No íntimo, gosto de pessoas assim. Mas ela não saberá.

— Como quererá a festa, Liz?

— Colorida de flores: lírios, hidrângeas, miosótis, girassóis selvagens, papoulas, gérbera, crisântemos, todas as flores do mundo!

— Sim, claro! Todas as flores do mundo serão suas, *mommy*!

— Alguns amigos de Londres; Shelley e Mark; Trudy e Spencer; John e Adam; Kathy e Joanne. Amigos da embaixada e senhoras as quais ninguém conhece, mas que são valorosas para mim.

— Ms. Kilman, é possível trazê-la?

— Oh, não! Perdeu já toda a compostura com o avanço da doença. Só se comunica em alemão. Também o corpo frágil, quebradiço não suportaria uma viagem transatlântica. Gostaria muito que Antonio viesse, mas temo que não seja possível.

Elizabeth pensava que não, mas todos sabiam dos amantes passados que cultivava. Antonio, o mais longevo, espanhol de Maiorca. Inclusive John sabia de sua existência. Era o preço que Liz cobrava.

— Antonio é um querido eterno.

— Sei disso.

— Do que não se quebra.

Liz vagou longe.

Precoce a percepção de como tudo o que existe se move sob uma mesma lei de começo, estremecimento, fim, esta vida.

Ele veio como um presente da água, no dia em que jogara tudo para cima para saber o que restaria no chão de sólido e exato para catar: saiu gotejando do mar azul, sacudindo os cabelos crescidos, o corpo alto, moreno, e veio, fixo numa reta, como se predestinado àquele caminho que dava nela. Um velho conhecido, embora ela nunca o tivesse visto.

Existir, coisa que até ali se arrastara, tornou-se então uma festa, estardalhaços sensoriais, noites destiladas em manhãs extenuadas, alaranjadas de verão.

Fincou morada nos seus sonhos todos, navegando, rei, velas abertas nos seus adentros, misturando-se ao que a constituía, assim como ela passava a habitar-lhe o corpo, guia de um atalho que não sabia onde desaguaria.

Quase absoluta, a perfeição se desenhando naqueles dias em que o gestara em alguma parte de si, em que enrodilhada se abrigara em suas entranhas, seu fogo, sua porção desconhecida, porém, a salvo.

A sensação de que desvairava e se perdia sem depois se achar de novo em sua sombra: sabia que pisava continente insalubre sem retorno, perdida no seu coração.

E, ao horror pela suposição de sua retirada, ele tão engastado, um brilhante em si, pisou em falso, fora do compasso, e saía antes. O silêncio pesando grosso entre ambos. Nessas horas, ficava qualquer nota, qualquer uma, coisa alguma, dura e seca; um ponto sem intersecção, ilha. E o que é a felicidade senão a intermitência dos espasmos? Imensos os intervalos que sentia dentro de si.

Novamente atirando tudo para o alto, dizia a ele que não posso, não quero, que as coisas não são bem assim. Ele, calado e dolorido, sem entender nada, voltava para o mar, sua brisa salina, seu mistério que Liz não abria, quando acabava o verão.

Não completara ainda trinta anos e visitava pela primeira vez, ao lado de John, as ilhas Baleares. Ele sempre a trabalho; conheceu ela então Antonio, grande artista plástico, numa festa em veleiro para a qual o casal fora convidado, mas John não pudera estar. O homem bem articulado, moreno, solar, lindo, quente, suave e brusco, ao mesmo tempo.

Estava hipnotizada por sua beleza, as camisas coloridas largas, suas calças claras, sua elegância, a mão firme, todo ele intenso. Deixaria tudo para trás, a velha Inglaterra, sua herança jacobina, não houvesse John adoecido gravemente na noite mesma em que comunicaria intenção de divórcio.

Meningite aguda, lembrava-se como se hoje das luzes da ilha se acendendo ao anoitecer, a brisa mediterrânea, ondas melancólicas morrendo mais lentamente que o costume. Antonio a esperava no seu veleiro, champanhe, lírios num vaso de cristal, ele todo de branco, ela, incomunicável, providenciando a remoção urgente de John para Londres, acompanhado de equipe médica. Não havia ainda Robert.

De Londres telefonou, no dia seguinte, para explicar-se, mas Antonio seguira desalentado em alto-mar até Capri. Por dois meses Elizabeth se consumiu. Considerava desumano deixar John naquele estado. Antonio defendia-se da ideia de haver sido rechaçado da forma leviana como parecia, levando vida caudalosa. Indo à forra. Um novo amor para curar a dor do amor que não foi.

Então, conheceu Piotr, um violinista e violoncelista russo, na exposição de telas de uma amiga, em Capri. Sua sexualidade aberta já havia se encantado por homens, embora fosse mais das mulheres. Reencontrou em Piotr, ou talvez o tenha recriado, o incêndio em que se metera com Elizabeth, a inglesa felina, como a chamava.

Três meses depois, cansada da frustração telefônica, John totalmente restabelecido, Liz voltou a Maiorca e encontrou Antonio vivendo com Piotr.

Foi como morrer. O céu de repente nublar-se. Ainda havia sofreguidão e drama nos olhos de Antonio, que chorou ao vê-la. Os três ali, Piotr, Elizabeth, Antonio. Piotr disse que se retiraria. Antonio implorou que não. Liz fez menção de sair, Antonio a segurou. Dormiriam, naquela noite, os três, feito crianças inocentes, na mesma cama. Liz disse que Piotr tinha a beleza de um anjo, olhos absurdamente azuis. Piotr falou que Elizabeth era joia contrabandeada da Ásia por Marco Polo. Antonio falou que amava ambos.

Por um mês formaram um trio. Por um mês, Elizabeth foi Vanessa Bell. Excêntricos, juvenis, Antonio se revezando entre um e outro; Piotr e Liz se esbarrando no consentimento de Antonio. Estava bem. A vida lenta, o tempo correndo diferente, o mar turquesa pela manhã, esmeralda à tarde em suas poucas ondas, a música óbvia, jantares espetaculares, festinhas com os nativos, alguns já amigos.

Sentia uma incoerência amolada no comportamento de Antonio, contudo. Ele mirava a mulher com raiva e amor ao mesmo tempo. Raiva do que nela

não apreendia. Amor pelo que lhe fora por ela entregue, ou por ele roubado. Amor pelo que de imenso havia nisso. Ódio ao vê-la ali tão humana, finita, quase à sua mercê.

Um veio ancestral, qualquer outra pista desse homem surgido do nada, ela buscava, sem dizê-lo, porém. Uma justificação, talvez. Humanidade, um resquício? Mas só tinha seu corpo, sua boca voraz, sua força bruta, sua obsessão, seu medo do abandono. Tinha um vazio, algo que jamais alcançava. Exortada então à fuga, subterfúgios mais filigranados.

Até que John chegou à ilha dizendo que já bastava daquela brincadeira adolescente e que a levaria de volta para casa, se não concordasse, ela se haveria com Richard. Liz prometeu retorno a Antonio, mas, de fato, retornou ao marido, que, posteriormente, jamais tocou no assunto, como se Maiorca nunca houvesse se passado. Não falaram sobre isso, nem sobre coisa alguma.

Ficou tácito entre todos que Antonio seria sazonalidade. Ele que não deixaria Piotr sabia que, ainda que precária e raivosamente, ela não se livraria de John, tampouco, de quem tinha pena infinita e em quem, finalmente, se justificava. Apiedar-se de alguém é como odiá-lo e, então, Liz seguiria ao lado, talvez atrás de John. Estranho porque sofrido, era uma das leniências que encontrava para o que seria falta de coragem. Olhava para ele e desgostava da sua brancura pintalgada, algo rosada; o seu modo robótico, de pouca vida, quase desenergizado.

Entretanto, nesse sem contato, entrelaçavam-se. As mulheres vieram depois das velhas, na maturidade. A sofreguidão por inteirar-se, sublinhar-se. Existir. Antonio cada vez mais consumido pelas obsessões de Piotr ia se tornando uma ausência. Lembrava Clarissa, uma opacidade após vinte anos ao lado daquele russo que ainda permitia os encontros com Liz; era agora malvadamente gentil com ela, sutilmente irônico. Tomara a posse definitiva de

Antonio, sua alma, lentamente transfundida a Piotr, que vicejava, não envelhecia. Antonio aos poucos definhava, sem brilho nem energia, e não havia o que dizer ou fazer, ambos atados à sua loucura.

Já eram maduros quando, em trio, partilharam a cama pela última vez; as janelas da casa de Maiorca abertas ao vento mediterrâneo, tudo azul e branco ali. Piotr a tomou com fúria, nada mais nele havia do anjo do início. Antonio os observou com cansaço e interesse, enlevados, ali fundidos os dois seres que mais amava, poderia bem morrer nesse momento; Inglaterra e Rússia haviam colonizado sem volta a Espanha. Eram os seus pensamentos doidos.

Os lençóis rugiam sem que ele pudesse estar no entremeio, desmagnetizado ali, Antonio, impotente, um espectro do homem que fora. Somente um relance da deusa Tanit que um dia se erguera, o fragmento de um fragmento, apenas.

O afeto permaneceria cuidadoso, de ímpeto, telepático, cartas trocadas todas as semanas.

Richmond, 9h34

Virginia amassava duas folhas de papel datilografado. Os seus palimpsestos. As horas retalhando em interstícios o dia, vincos de tempo.

Mesmo assim, Stephen Dedalus é um lunático, pensava claramente irritada, não gostava de estar referente assim. As tulipas, túrgidas, pareciam brilhar em cera àquela hora de junho, um belo dia para uma mulher decidir que compraria ela mesma as flores.

Se erguesse personagem autônoma, sozinha, talvez a autora Virginia Woolf não soubesse oferecer seguimento, realidade improvável, sua cabeça não andava boa para futurologias: como divisá-la, tipificá-la, esta mulher, sem uma escolta masculina, o marido dessa mulher que sairia às flores; na sua pena, ele, o que acolitaria tal mulher, já se desenhava como um personagem quase simplório, banal, mas necessário.

Era preciso haver o homem para acusá-lo das faltas todas na mulher. Imprescindível o rasgo cultural, inclusive, para ela inventar uma figura dramática, a mulher, que se ensaiava em voos e claudicava, ao mesmo tempo tutelada pela amarra cruel da tradição.

Conhecia o risco de escrever irritada assim: tanto plenitude quanto diatribe poderiam daí sobrevir; obra-prima ou coisa nenhuma, mera circunvolução prismática sobre si mesma. Olhou ao redor, o verde hipnótico daquele jardim sarapintado de flores arfava numa quase unidade de vida própria. Às vezes, a sensação de que aquilo se fechasse numa massa verde engolindo flores e viesse avançar, de modo descontrolado, a sufocá-la num abraço diabólico.

Virginia atingira já aquele ponto da vida em que decepção e descrença lentificam os avanços. Escreveria, portanto, sobre o que se punha, não sobre o que deveria ou poderia ser. Um homem proeminente, mas plano e previsível.

Uma mulher inconstante atada à constância marmórea desse homem; todo o paralelismo, portanto, que daí afluísse para oferecer estofo e urdidura à história. A mulher-personagem seria muito de si, que nenhum autor escapa ileso dos seus croquis, mas, embora Xavier de Maistre, isso era novo, aquele Mr. Joyce o acenara, não adiantava amaldiçoá-lo: a história, na volta de um único dia, no espaço intersticial do entreguerras em cicatrizes pungentes — o hiato entre as tragédias a que chamamos vida — vaguearia livremente pelos discursos internos de suas personagens, sem apostos nem maiores participações autorais, suas figuras vagando livres pela arena, sem bengalas narrativas formais, do modo mesmo como fluem os pensamentos, em correnteza, sem interditos, polifônico; esse o seu gênio, irritante Mr. James Joyce.

Daí, animava-se. Encontrara a voz, começava a afinar as baquetas no diapasão do ritmo, um sopro de arrancada, uma morada provisória, enfronhar-se na tessitura de um novo romance. Nos retiros, sentia falta dos salões londrinos. Aquele borbulhar, mas também se cansava deles cada vez mais rapidamente, as demandas de sempre a exasperavam, e não havia contato sem demandas, por vezes cansativas. Por outro lado, a solidão cavada e cultivada. Assim, tripartite seguia. Desejando todas as formas e as renegando ao mesmo tempo.

Gostava mesmo quando, no enredo, se via atacada por uma fúria enérgica. A fúria que erguia personagens e os confrontava em movimentos vivos. Elizabeth anunciara a vinda por uns dias a Richmond. Amava-a, sua sobrinha querida, no seu modo peculiar de amar e receber, sem se furtar a continuar sua própria rotina, deixando livres, talvez até um tanto desamparados, os seus hóspedes.

Mesmo assim, afligia-se um pouco: a impetuosidade dos jovens, suas confrontações, sua agressividade no limite, quase sempre; o seu espelho quando jovem, Virginia sentia um cansaço imenso abatê-la. Só sendo romancista para dimensionar o que se articulava na tempestade que era o nascimento de um romance. Quanta tormenta embutida na aparente tepidez de um escritor debruçado numa escrivaninha. Movimentos pausados, as palavras pedindo lembranças mais atentas, a intolerância aos sons agudos e altos, às aglomerações humanas, à pressa alheia. O seu oco.

Ainda assim, teria a sobrinha ali, como não? Era uma alegria. Que lhe nascesse então o novo romance, a despeito de qualquer presença ou ausência. Nele se acelerava, um fulgor diferente revestindo todas as coisas, guinadas abruptas de humor que os odientos médicos, esses corvos, chamavam de psicose maníaco-depressiva, sugerindo tratamentos químicos, frenologias, banhos gelados para apascentar os furores. Sanatórios plácidos para a desaceleração. Mas não dessa vez. A resma de folhas brancas abrigaria, agora, as suas apoteoses e, ao final delas, os seus abismos, sem nenhum médico a dizer que seria melhor isto ou aquilo. Uns rufiões.

Virginia Woolf sabia o que era enlouquecer: tempo e espaço se amalgamando numa coisa só como nos sonhos, os pensamentos bruscos, os inimigos se superdimensionando, gigantescos; uma confusão dos diabos; sentir-se anacrônica, tão longe e avançada para além de tudo aqui, agora, numa lucidez onisciente, ninguém mesmo a acompanhá-la, ela tão sozinha no mundo; aérea, todos, ao redor, numa outra textura, as ideias se repetindo.

De volta ao começo: uma mulher decide que vai comprar ela mesma as flores para a sua festa, porque vivemos o tempo em que as mulheres decidiriam, ao menos em parte, ao menos no mínimo, o que elas próprias poderiam fazer. Molhava a pena de ouro no tinteiro azul e rabiscava esse esboço de mulher.

A mulher impenetrável, prismática e, portanto, incognoscível. A mulher oceânica guiando a sua mão enquanto a pena molhava em gotas de um sangue azul aguado o papel mais permeável do que deveria.

Alguém cujo contato com o mundo e a vida fosse frívolo e sumarento e que assim, esgueirando-se em fuga de qualquer maior proximidade, deslizasse para fora das situações, claudicando, porém, pela abstração do que chamamos existência. A mulher, essa superfície de se ver, sem tatear, gotas de mercúrio, sua porção secreta jamais desvelada, sabia que a julgavam perturbada. E talvez mesmo o fosse.

A mulher das tantas mutilações, essa que ela rascunhava no papel manchado, fora corajosa o bastante para ter uma filha. Como Vanessa. Por muito que gostasse de Vanessa Bell, considerava-a pela metade, segmentada por amores, pelos filhos, seu excesso de tintas, sempre na contracorrente. Ainda assim, quem haveria de a prantear, a si, Virginia, sobre a solidão de um caixão? Com sorte, Leo, Vanessa e alguns dos sobrinhos. Diariamente pensava no abreviamento das tormentas, sempre acenadas antes da chegada: dores na fronte que principiavam leves e, em curto espaço de tempo, tornavam-se agudas a confundirem-lhe os pensamentos, embotando o seu corpo e toda disposição.

Como arremessar-se de um penhasco. Essa visão lhe trouxe energia para pensar na mulher que é vagarosamente assassinada, desde o seu nascimento.

Tantos amordaçamentos em si e ao redor que a narrativa já se desenhava sem esforço de criação. A mulher como coisa a se calar, ruidosas demais, segundo o odioso cunhado Dalloway. Reconhecia em si o pendor à intriga, não se santificava. E o talento para causar confusão. Todo sufocamento encerra um grito que escapa, isso lhe parecia óbvio demais. Richard Dalloway lhe voltava à mente, uma ideia ruim e pegajosa, mau, louco ou desonesto mesmo, o homem. À loucura caberiam indulgências, sabia o que era caminhar por ali.

A maldade e desonestidade, não, nenhuma misericórdia. Talvez mesmo carregasse em si as três instâncias, o que o tornava bastante impossível, portanto. Aquele homem que ria de todo o sufragismo, que inviabilizava o avanço feminino em futurologias as mais catastróficas e pejorativas: quando não mais aceitarem os seus desígnios, as mulheres transformarão a vida nesse planeta numa horda de incapazes se arrastando pelo deserto.

E ele continuava nos disparates: à mulher é até biologicamente determinado o dom da aceitação, não o do avanço, e mudar isso seria retirar equilíbrio das coisas. Emocionais demais, umas fracas, feche as pernas, olha aí, só podia ser mulher, vá para a cozinha, asse um bolo, quer um dinheiro para roupas e maquiagem? Não tive a sorte de um menino, ninguém me sucederá. Momentos em que mulher era xingamento: cale a boca, você é mulher, não entende nada. Elizabeth decidira que passaria alguns dias com a sua tia favorita, estranha e fascinante.

Londres, 3h

Os eletrodomésticos já eram realidade consolidada no mercado, propagando a promessa de libertar as mulheres do serviço doméstico. Os amigos das mulheres. Ainda que a elas coubesse administrá-los, operá-los, o que era, portanto, mais suavização do que propriamente libertação.

Tais apetrechos transformavam-se, então, em presentes que os homens ofereciam às suas mulheres. "*Demi esclave, oh esclave du miroir magique!*", pensava Liz, insone, fertilizada de ideias para um artigo no *The Guardian*, cujas páginas a ela se abriam por ser filha de quem era.

Desde a faculdade, a docência frustrada, até chegara a pensar numa granja, talvez medicina, decidira palmilhar os passos de tia Virginia: escrever para não enlouquecer, sob o teto de John, talvez mesmo um modo de nascer.

No Parlamento, os comentários a Richard sobre os textos *loudly* feministas da filha embaraçavam-no; então, saía-se com graças sobre as excentricidades da nova geração, os gritos sufragistas, tão risíveis nelas ecoando ainda e que certas viroses se fortalecem ao combate. Deixá-las perecer, era o seu melhor argumento, ignorá-las, soltas no vazio.

Como o mundo se organizava para privilegiar os homens e subjugar as mulheres. A forma sub-reptícia ou não com que mães, mulheres afinal tão oprimidas, perpetuavam o flagelo com os seus filhos também não engolia. As mulheres misóginas são de um oportunismo e covardia absurdos, em nome da vida acostumada, das tradições, a sua voz nenhuma, rematadas manipuladoras.

O seu pai nunca disse à mãe "eu te amo", em vez disso, comprava braçadas de rosas vermelhas e brancas. Como ela própria, teleguiada por Doris Kilman apenas arremedava avanço, mas, no fundo, trabalhava em prol da engrenagem

arcaica: gritar em jornal jocosidades sobre ser mulher, a luta contra a invisibilidade, sabia, não iam muito além de ruídos, pequenas moscas das quais eles riam ou que logo exterminavam, se começassem a acenar incômodo.

Como Clarissa, enredada nas festas sem fim, solapada pelo luxo nas lojas, jamais avançara da adolescência. Como Clarissa, não quisera também aquilo que havia séculos vigorava, mas sem saber ao certo também o que poderia querer. Sua mãe não fora talentosa para nada mais, senão para o dia do beijo roubado. Elizabeth, desde o pedido de casamento até a lua de mel tediosa nas Hébridas, não abraçara de fato a ideia, apenas a ela acedera. Sentia o tal pedido como alguma espécie de exame a cumprir, etapa fatal a ultrapassar.

Ms. Kilman mantinha-se chantagista, acometida, ela a visitava diariamente, não arrefecia a sua virulência. Aliás, sua ambivalência entre mantenedora empedernida dos costumes mais engessados e a mesquinhez egoísta, em se tratando de Elizabeth; sempre vitimizada, afinal, no tom mais melodramático de que fosse capaz, voz diminuta:

— Se assim deseja, minha filha, não serei eu a atrapalhar.

Com Liz não utilizava o expediente da comiseração, não a transformava em culpada por sua indigência como habitualmente fazia com todos ao redor. Ms. Kilman verdadeiramente a amava. Olhá-la a inundava de um prazer cuja correspondência lhe parecia remotíssima. A sensação de calor perto do fogão da avó assando rotundos *apfelstrudels* grosseiramente selados; perfume de maçãs verdes, nozes e cinamomo no ar.

Último grau de aconchego que a sua avó eslava podia: dura, sua casa limpa e utilitária, apenas o necessário, nenhum requinte à vida, criava a única neta, os pais sumidos na Inglaterra. Crescera camponesa, a fala mínima e gutural da avó feita de pedra que, no entanto, enxergava proveito nos estudos, enviando-a à escola a três quilômetros do sítio onde viviam.

Para precavê-la dos perigos da vida, a avó Erna incutia na neta a demonização dos homens, mas, também, uma contraditória mistificação do masculino. No mais, todos os homens do mundo se punham sempre em riste penetrante somente para a devassa e a ruína das mulheres.

Do anoitecer até o momento de ir para a cama, entregavam-se juntas às latomias e orações e, aos domingos, o êxtase da homilia na igreja, também distante. Sua avó era um pedaço de deserto que a tudo secava, assim Doris desértica também. Até que à entrada da adolescência, sobressaindo-se nos estudos sem abandonar o trabalho pesado com galinhas, porcos e produção de salsichas artesanais, uma carnificina perpetrada todas as sextas-feiras, essa avó faleceu atacada por lobos numa noite em que colhia cogumelos medicinais para tratar uma febre de Doris.

O sítio prestes ao arresto pelo estado alemão por falta de pagamento de impostos, não restou à Doris alternativa que não fosse o convento-orfanato do qual acabou por se agradar, imediatamente identificada com a madre superiora, uma germana como, no seu entendimento, deveriam ser mesmo as alemãs todas, se se desejasse um país vitorioso: objetiva, cortante, desalmada.

Doris então se via só na vida, grande ali para que a quisessem adotar; pequena, contudo, para entender a complicada codificação íntima entre aquelas freiras. Numa tarde dourada de outono atapetada de folhas mortas de plátano, atravessaram o portão daquele lugar de abandono Herr Klaus Schwarz e a sua esposa Gertrude. Olhos turquesa, Frau Schwarz não levou muito para se magnetizar por Doris.

Algo naquela menina a chamava e, então, não demorou nada para que Herr Klaus concordasse em adotar Doris. O trajeto do orfanato à grande casa dos Schwarz foi feito em silêncio. Toda a passagem de Doris por aquela família — por oito anos, até a morte de Gertrude por câncer — foi sem voz e sem

escuta: a família que nada dizia. O silêncio ensimesmado, próprio da loucura não apoteótica. Comunicavam-se, os dali, por olhares de reprimenda, suas afeições amesquinhadas, sua humanidade ilhada, desespero manso em dias que pareciam infinitos dentro dela.

Gertrude, que não fora desenhada para envelhecer, vivia em torno de um exagero de cremes, pomadas e poções para a evitação de rugas, o rosto quase translúcido de não ver o sol, parecia uma boneca de porcelana, olhos vítreos como se mortos, eliciava cuidados em todos ao redor, prestimosos diante de tal fragilidade quebradiça e assim queria a menina por perto sempre, companhia para o chá e para as lojas, para a leitura silenciosa na ampla biblioteca, sombra apenas, sessões de gramofone ouvindo Wagner.

Ocasiões em que lacrimejava, contrita, até mandar Doris para o seu quarto térreo pegado à cozinha, um quarto de empregada, era o não lugar que reservava à filha adotiva. Doris sonharia por toda a vida com fiordes. No sonho, uma voz sempre lhe dizendo que Deus é um fiorde, a garganta sem limite. Enevoada aparece-lhe a avó estendendo uma torta de maçãs, seu acabamento rústico em cordões achatados de massa trançada, levemente tostada, as maçãs cheirosas se esgueirando pelos losangos abertos, todos em sentido diagonal.

Quando empunha o prato de torta de maçãs, sua acidez adocicada perfumando o ar, a avó se desfaz, tornada folhas secas caídas no chão. Aparece-lhe Herr Schwarz, aquele que não permitira emprestar sobrenome à orfandade de Doris. Seu calvário nos infernos de que os silêncios são capazes, primeiro com a avó, que matava porcos, enchia linguiças, assava pães, costurava vestidos retos a partir de sacos de farinha, totalmente absorvida pelos abismos em si mesma.

Depois, os Schwarz, que somente se comunicavam por olhares. O horror àquele homem Schwarz, certamente um dos piores da espécie, fermentava

nela sanhas de alguma justiça. Talvez inveja também a movesse. Mas, aos noventa anos, a mente comida pela demência, ainda sonhava com os lugares dos seus primórdios com o frescor de um filme novo, todas as sinestesias de cada momento ou local revivificadas. “Tu não te moves de ti”, uma voz dizia retirando-a do torpor.

De que é feita uma vida?

Herr Schwarz — o mundo soube depois — cometera crimes contra a humanidade. Um médico nazista, essa contradição de termos, um homem abrumado, com evidente belicosidade e tormentas mal disfarçadas em si; milimétrico nas manias, um higienista que nunca compartilhara a cama com a esposa Gertrude, mas jamais um tolo cumpridor de ordens.

Doris sempre teve certeza de que Herr Schwarz se comprazia na crueldade, se tomada a vida doméstica por amostragem: o prazer com que reafirmava a Doris o não pertencimento à sua estirpe era requinte de sutis, vagarosas e repetidas investidas.

O queixo quadrado sempre alto em superioridade, um verdadeiro demônio. Suas viagens, o cenho permanentemente franzido, a insônia crônica, uma sombra densa diuturnamente pregada nos humores desse flagelo, regrava a manteiga, racionava a carne que a menina pudesse comer. Embrulhava-se na bandeira do Terceiro Reich; um baú cada vez mais cheio de joias, relógios, obras de arte trazidos dos períodos em que permanecia fora.

Doris chegara a acreditar que assim fosse realmente o correto. Por todo o tempo em que Herr Schwarz permanecesse na casa, o hino do Partido Nacional Socialista embatumava onipresente a atmosfera, mais alto do que seria confortável, se houvesse mesmo possibilidade de algum conforto num hino nacionalista. Ele via conspirações em qualquer gesto. Doris se confundia. Talvez a

dureza daquele homem lhe trouxesse qualquer espectro do que pudesse ser o amor de pai. Os fortes vencem. Toda fraqueza a ser pisoteada, aniquilada.

Assim, deslocada, à margem viveu, sem vias de pertença, até Gertrude numa tarde de sol se enrijecer morta e encovada para, na manhã seguinte, Herr Schwarz, sem uma palavra sequer de despedida, mandar levar Doris e sua mala de volta ao convento, nenhum direito adquirido, qualquer afeto, nada.

Ali, já moça, engajou-se como professora e adotou Peter, um bebê, filho de uma freira com um noviço, adorável, um anjo, que, aos três meses de vida, amanheceu morto, arroxeado, asfixiado por seu peso durante o sono. Coisa de susto, rápida, um vento contaminado rodopiando e o levando embora, no cerne do torvelinho. Não, uma mãe não sobrevive à morte de um filho. No máximo, respira. E era com dores nascidas do mais fundo de seus pulmões ou do coração, talvez do seu útero seco — não sabia mais a diferença entre eles —, que Ms. Kilman respiraria então, totalmente crente de que fora a mãe daquela criança.

Nos meses de desalento subsequente, contudo, não encontrava a vocação para o hábito. Julgava-se para trás disso, trazia a mácula inominada, sonhava uma família, novo filho, mas nunca um homem, e o tempo escorreu lânguido e usurpador; de aluna pulou a professora, da docência quis ver o mundo que não lhe seria em nada gentil. A existência que se despeja sem muito com o que haver, nenhum lastro, espectadora da vida alheia, cruelmente interveniente, uma vida nunca sua. As nuvens negras que começaram a pairar na Alemanha a conduziram à Inglaterra.

Londres, não a dos jardins de Kensington ou do Hyde Park, suas faias, rododendros, lavandas e lilases, mas a dos cortiços nas ruas úmidas e escuras. A Londres de Conan Doyle, uma Londres que era o avesso daquela que

abraçava Westminster, aquela que por indicação de um conhecido experimentaria, à margem, dentro-fora, com os Dalloway. Tão digno, Richard Dalloway condenado à mulher insossa e insignificante que era Clarissa, uma aleluia tola que na Alemanha jamais sobreviveria. Pais, aqueles dois, entretanto, daquela que tão logo Ms. Kilman relanceou, a quem soube estar predestinada.

Olhos abertos, então se lembrava da situação asilar, logo se esquecia de tudo e começava a cantar baixo uma canção soviética de exílio.

Londres, 11h03

As publicações de Elizabeth já começavam a atingir o ponto do incômodo. Essa aí puxou pela tia, era a definição que ia se consolidando por olhares oblíquos, algum muxoxo, silêncio, ainda.

O último artigo revisitava a saga das sufragistas conjeturando que, para além, as conquistas de suas predecessoras pouco tinham avançado. Um parlamento todo composto por homens conservadores, clamores femininos sequer faziam brisa pela tribuna.

Elizabeth pensava que, para resistir, tinha por dever expressar a agudeza de suas posições em defesa dos direitos das mulheres, algo que então não se discutia abertamente assim. Sem saber, até aí, do que eram capazes os homens ameaçados.

A maçonaria formalizou ofício ao jornal solicitando o afastamento daquela voz tão inadequada quanto subversiva. Um grupo de leitores da publicação se manifestou negativamente por carta ao editorial. Houve aquele que ameaçasse tocar fogo naquilo tudo. Richard sobreveio em aviso, sempre meticuloso; que ela fosse mais cuidadosa com as palavras; estas andavam lhe parecendo um tanto desvairadas. John se calou. Olhava-a como a uma estranha, distanciado, por quem não responderia. Não compreendia mulheres rivalizando com homens.

Casara-se para a ordenação e agora essa mulher com demandas desaustinadas causando vergonha à família. Precisava de jugo. Tornar-se mãe talvez a curasse dos males, porquanto ela terminantemente se esquivasse do seu corpo na cama e com ela o seu próprio corpo se desconcertasse, mal reagindo.

— Quero um filho, Elizabeth.

Talvez houvesse se enganado, Liz não era sustentação. Mas quem sabe um filho a salvasse, um filho salva, sim. Sabia, não podia fugir dessa consciência de ser muito fina a barreira a impedir que Liz mergulhasse na loucura. Talvez ainda, e isso vinha de profundezas sem nenhuma luz, fosse melhor a mulher morta-calada.

Sem os transtornos viperinos de que era capaz, queria demais o impossível, ela; o que sequer possuía palavra para dizer-se. Que infernos cíclicos habitavam a mulher não saberia dimensionar; Elizabeth, em relances de segundos, o arrastava ao purgatório para, na sequência, evocar compaixão à qual sempre cedia. Assim, entre cisma e resignação, fecundou-a Robert, e tê-la arredondada, dos humores mais voláteis ainda, causou-lhe repugnância.

Mães, seres primitivos e sangrentos além do desejável; que as mulheres se tornam as suas próprias mães, estremecia John ao pensar nisso. As visitas diárias ao pardieiro teutônico de Ms. Kilman, naquele estado, ele não queria tolerar, mas acabava acedendo. Parecia mais desvairada que o habitual e Kilman, o avejão malfazejo sempre ali, aplicado em tirar algum proveito da aristocracia culpada. Imaginava que, quando a criança nascesse, Elizabeth talvez se integrasse em sendo mãe. Que um filho a curasse, sem divisar que a própria Elizabeth não curara Clarissa.

Nesse tempo, junto de Richard crescia em Elizabeth o remorso por ter sido tão dura com a mãe. Quem sabe algum calor que lhe oferecesse a tivesse salvo? Figurava as torturas de que Ms. Kilman era capaz; seus retiros para a reza, a mãe parada no meio da sala, impotente vendo a filha ser levada, colonizada por outra mulher. Que cruel! Não se morre de súbito, pensava. Pequeninos assassinatos perpetrados diariamente, sutis e pontiagudas vilanias, entreditos, silêncios, sobretudo o desdém. Do que arrasa em conta-gotas.

Então, Robert, inquieto dentro de si, talvez esmagado pela angústia que a prostrava na cama, ela sentia ter fracassado. John cultivava a esperança de uma mulher mais ajustada e condizente. Ao mesmo tempo, secretíssimo asco diante daquela visão, graça nenhuma na redondez que lhe transfigurava os traços e lhe manchava as faces, sentindo, muito silenciosamente, que não se agradava de uma presença bonachona e sempre cansada assim. Fazia estender as horas do expediente, chegava tarde em casa, ela sempre dormindo, quando ele entrava no quarto era ver ali, ressonando gravemente, uma porca maldita e, então, culpa dele.

Quando Robert finalmente apontou sua cabeça para o mundo, numa manhã cinza e úmida, John jogava tênis em Greenwich. Ms. Kilman fazia a vigília, a mulher das mãos quadradas violadoras. Sozinha, encarregou-se de dar fim às dores de Liz, garras fortes arrancaram com tenacidade Robert das entranhas de Liz, como se a livrassem de um íncubo.

Mas, ao relanceá-lo rosado, assustado, em choro, sujo de sangue e placenta, sentiu ter nas mãos algo como um neto, o filho da pessoa que mais pudera amar nessa sua vida. Quando John chegou em casa e viu Doris no quarto, Liz quase desmaiada na cama, o quarto rescendendo a sangria, o pequenino Robert envolto em mantas no colo da megera, foi tomado pela irracionalidade. Arrancou o menino daqueles braços como se infectos, ramagem de alguma raiz infernal, quase que por instinto protegê-lo. Sempre pensara que Ms. Kilman era toda insalubre, pródiga nos contágios mais vis e dissimulados.

— Saia — murmurou, entredentes.

A mulher automaticamente olhou para Liz, a face ofendida. Mas aquela que recentemente dera à luz o menino Robert não tinha força alguma para intervir. Haveria de ser boa agora a vida, longa, a arrastar-se enviesada. Estava certo de que a maternidade a retiraria daquilo que às vezes era quase

um evanescimento, tão pródiga, Liz, ele sabia. John balançava Robert levemente, acalmando-o, quando Elizabeth chamou chorosa por Ms. Kilman.

— Ela foi embora, querida. Deve estar a caminho das livrarias de Tottenham Court ou Charing Cross, aquele flagelo, aquela traça maldita.

De súbito, da fraqueza à fúria, Elizabeth exasperou-se:

— Não foi não! Você a enxotou daqui como um bicho sarnento. Quero Ms. Kilman de volta nesse quarto agora! Como pôde ser vil assim, escorraçar da casa uma idosa que me é toda apoio?

John tentou a voz mais plácida que pôde:

— Deixe-a, Liz. Essa senhora é muito invasiva e perniciosa. É impossível sermos uma família com essa presença aqui.

Antes mesmo de terminar a frase, teve de se desviar do jarro d'água que voou em sua direção, espatifando-se na parede. Liz estava histérica.

— Veja! Quase acertou o pequeno Robert! Você o teria matado! Está louca, Elizabeth?

Sua primeira crise. A porta da loucura, sempre entreaberta, ali se escancarara.

— Mande buscá-la agora, John! — Vermelhidão no rosto chovido de lágrimas.

Assim soube John que Robert não teria mãe. Ou uma mãe pela metade. Resignado, mandou trazer a velha, na tentativa de restaurar na mulher alguma sanidade, embora soubesse que aquilo por si só já não trazia nenhuma salubridade.

Quando retornou, os ombros largos, suas vestes negras, renovada em poder, afrontosa, Ms. Kilman olhou John fixamente. Sua constante expressão de asco misturada a uma mal dissimulada humildade dura, para, na sequência, sentar-se ao lado de Liz, acalentá-la e mimá-la como se a uma criança abandonada. Sem forças para resistir ao magnetismo malévolo daquela

mulher, o efeito que produzia, sua emanação de domínio, Robert engastado nos braços de ferro daquela Vênus arrevesada. Agora mesmo é que ela toma conta de tudo, ele resignadamente se retirou. Viveria assim, portanto, em extravio, quase sempre.

São Paulo, 14h02

Ludmila Nasser mais ouvia. Desde criança, sem mãe, sempre ouvira. Imantada pela piedade alheia, triste feito um cavalo-marinho, não lhe chegara ninguém com quem pudesse aprender a alegria. Eventualmente, era levada em visita às casas libanesas, o pai julgava importante o convívio com as mulheres do Líbano, entre si barulhentas, estridentes, enérgicas, mas bastava um homem irromper para se fecharem, se encolherem e avivarem olhares disfarçados, gestos sorrateiros.

Isso aprendera Ludmila, sobretudo com as mulheres sírias, que frequentavam aquele mundo também. Um modo aparentemente quieto de ser, silêncio que carregava tempestades elétricas e a ela parecia que magma potente corresse borbulhante nas profundezas desses seres. Suas mesas exageradamente fartas às visitas, o oferecimento repetitivo e cadenciado de tudo quanto houvesse, era feio recusar.

O cheiro de cardamomo, a tapeçaria épica em fios brilhantes, o amor pelas coisas douradas e de tons âmbares, suas joias coloridas de esmeraldas, rubis e lápis-lazúlis tilintando feito guizos de cascavel. Sua maquiagem de sombras pronunciadas, o esmero com os cabelos. Tudo isso Ludmila aprendia. A não encarar diretamente os olhos de um homem, a baixar a cabeça e curvar-se levemente, jamais ter opinião pública. A solidariedade e a crueldade de que os seres oprimidos são capazes, em igual medida. A medida exata do *tahine* no grão-de-bico. Muito cedo, em conversas entreouvidas furtivamente, descobriu do que é que os homens mais gostam depois do poder e que não deixa de ser também uma forma de poder. E do parco poder que sub-repticiamente, com tal recurso, poderiam exercer sobre eles. E que o preço por as devassar

como lhes aprouvesse era pago em provê-las com o melhor, seu pedágio para obter direitos plenos sobre as mulheres. Já em Ló descrito.

O pai se comprazia em vê-la permeável a seus costumes de origem, refratário às liberdades degeneradas — europeias ou tropicais —, que somente os machos de sua raça podiam fruir. Preferiria para ela um árabe, tamanha beleza encantaria até mesmo um emir, mas condescendia com a falta de mãe, relativizava a impossibilidade de lhe serem infundidos os fundamentos mais arraigados e necessários para agradar um puro sangue. Ademais, sua melancolia crônica tatuada nos olhos e nos gestos.

Fechou então os olhos para a amabilidade que o filho do cônsul inglês lhe evidenciava. Talvez fosse uma solução, não a ideal, mas a possível. Ludmila tinha quinze anos quando o pai se casou com Latifa, uma mulher síria de pele muito clara, olhos verdes com rajadas malignas de mel, algo a dragão, para Ludmila, cabelos negros, nariz fino e adunco, embora fosse bela. Diante do marido, tratava-a com desvelo.

Por trás, uma madrasta indiferente e desdenhosa. Convenceu-o de enviá-la a um internato suíço para estudar línguas, destilando mel: a mulher da atualidade precisa de estudo, *habib*. Insidiosa, a conta-gotas, conseguiu retirá-la da casa. Ludmila voltava ao Brasil nos finais de ano e se aproximava mais e mais de Robert a cada período de férias, ele também muito solitário, sem movimentos próprios, à sombra do pai e à ausência da mãe.

Aos dezenove anos, casou-se com ele, também um modo de se livrar das garras da madrasta ciumenta, da quase inexistência de um pai que não se sabia dominado, da pequena prole de quatro meninos insuportáveis que Latifa engendrara sequencialmente. O pai todo orgulhoso dos filhos homens a esquecia e, nessa guerra, mesmo quando estivera na Suíça, nenhuma aptidão descobrira em si, exceto afeto. Uma mulher de silêncios e de vazios.

Amou o amor de Robert. Abraçou a mãe dele como abraçaria a sua própria, se estivesse viva, ainda que Elizabeth não fosse exatamente talhada para o que se costuma chamar de maternidade.

Tinha sonhos apocalípticos, a alma queimava, mas nem morrer desejava. Ludmila sobrevivia sem planos nem desejos, forjava-os apenas à semelhança do que observava em redor para contornar uma existência. Era pelos olhos que se fazia mimética, deserdada, ao movimento dos ventos feito uma tamareira ao pé de um oásis abandonado.

Londres, 9h47

No que tinha de vanguardista, Virginia trazia, em igual medida, uma vitoriana tardia em si. O mais que se debatesse, sua depressão apontava uma fronteira entre inércia e submissão a um mundo posto muito antes de si, estratificado, inclusive. Sua língua viperina, ela não perdoava facilmente o que não estivesse sob os mesmos alinhamentos que a massacravam, era paradoxal, como todo o humano.

Desdenhava o semitismo excessivo em Leonard Woolf, no entanto com esse exato semita se casara. Permitia-se fluir entre os estertores de uma quase loucura, mas a natureza em redor, ela queria domada, profusão de jardins com plantas bem-educadas. Suas idiossincrasias pessoais. Aristocrata que não sabia ter subordinados, mas, sem eles, era incapaz das tarefas mais comezinhas.

Amava a palpitação londrina e os seus salões, contudo o cotidiano se dava mesmo em seu retiro verde, Monk's House, em Rodmell, no distrito de Lewes.

Vivendo em negativo assim, vez por outra afundava, como Clarissa, mas mensalmente voltava à cidade e visitava a sobrinha, invariavelmente lhe trazendo gengibres cristalizados, originais de textos para discussão, sua tristeza conformada pela morte da irmã; algo nos seus silêncios e nas suas entrelinhas dizia que aquilo fora inevitável como um destino mesmo, como a linha de chegada de toda a extensa discussão filosófica da humanidade. Sutilíssimo acento de admiração, quase uma ancoragem subliminar que Elizabeth, contudo, claramente, não alcançava. A ideia implantada. De novo, do desfecho no rio Ouse, o sumiço do corpo em águas turvas, Liz não se sentira exatamente surpreendida. Talvez enganada, surpresa, nunca. Aquilo também se anunciara.

O engano eram as modulações abruptas no humor de Virginia: capaz de abismar-se com tal gana, descer profundezas e, na sequência, retomar-se, emergir espirituosa, sarcástica, em ambiguidade. Fora a mais ferrenha defensora da educação de Elizabeth, jamais aceitara que às meninas se negasse a educação formal, tampouco que às mulheres fosse reservada uma eternidade de dependência dos seus maridos. Que, por séculos, Oxford e Cambridge mantivessem gramados verdes que não podiam ser pisados por mulheres, somente aos homens o tapete verde se estendia, passarela para os seus jantares lautos. A elas, cascalhos, biscoitos, lascas de queijo e ameixas.

Não se fizera sob os prelados, embora melancólica entre eles houvesse arrastado a vida, entre sóis e escuridões, os seus estados extremos. Em táticas de guerrilha, esses homens se uniam para arrasá-las, as insurgentes.

Virginia Woolf a ser incendiada, erradicada, trazia disjunção, a dúvida, estranheza, medo, daí, hostilidade, donde o silêncio e as tentativas de silenciamento pela ausência de eco eram as duas armas de escolha. Imputar-lhe bizarrices. A maledicência a neutralizar a sua voz, ainda assim, ou talvez por isso mesmo, ecoaria pelo século afora, à revelia de quaisquer esforços mesquinhos de corporação. Richard, o primeiro a temê-la e detestá-la, a tentar matá-la dentro dos seus requintes.

Um sonho que a assombrava vinha com um pássaro imenso, de madeira, suas penas cuneiformes, texturizadas em gradações de azul que iam para o púrpura-arroxeado.

Perolizadas, abalone. O pássaro terrível arremetia com o bico pontiagudo de um pinguim em cheio sobre o seu coração. Acordou em susto, o centro axial do lado esquerdo do peito verdadeiramente dolorido. Também o meio da cabeça em pontadas, a vida em toneladas, os braços doloridos carregando o peso do mundo e, então, uma fadiga de séculos, o cansaço da espécie inteira

a abatia. Leo o seu arrimo incondicional, a sua perna manca era milenar, uma falta que em muito o precedia.

Tinha uma dodecafonia de vozes dentro da cabeça. Por meses caladas, donde podia viver, mas eventualmente rebentavam em estrondo, todas impositivas ao mesmo tempo, lhe demandando contradições. Algumas existentes, outras não. Hoje acordara com a voz de Richard dizendo que estava errada, quase sempre. E mais, Virginia era toda esse equívoco fora do tempo, estranha aos costumes, distante da árvore. Talvez fosse ele o pássaro gigante de madeira, gorgolejante, azul e terrível a lhe fustigar o coração. Mas Anna, essa fictícia, tão real em si, contudo, chegava depois, seu talhe maternal, formas de matrona renascentista que V. tentava enlaçar, a voz distante, perto-longe.

Vivera o mundo entreguerras, dentro e fora de si. Pendendo entre horrores e calmarias, a espera pela catástrofe era já uma constituição psíquica. Por isso lhe pareciam falseados e ao mesmo tempo idealizados os jardins em que se perdia, os quais projetava, inclusive, como remanso postiço na realidade impossível. O monstro em si vezenquando se levantando arrasador e irrefreável, algo muito terrível em si ela sentia carregar.

Era então quando a acidez transbordava um fatalismo, total descrença. Nesses extremos ia até o insuportável lhe pedir beleza, flores, jardins complexos. A vida, um ato político em si mesmo; pela rebeldia, pela revolução, pela omissão, pelo conluio com a loucura, pelo entreguismo, pela estética, a variada paleta do que era possível ser.

Londres, 1h30

Ms. Kilman se revirava sem sono na cama. A vida vista e vivida e compreendida como extenso campo de batalha com lados definidos. Escuridão-luz; católicos-todo o resto; classe dominante-oprimida. Não havia trégua, qualquer relativização, sequer a possibilidade de diálogo, nenhuma disposição. Estar contra algo ou alguém era o seu caminho, não conhecera outro.

Portanto, no ápice da noite insone, fermentava pensamentos mórbidos, ódio a definia, seu profundo desprezo por Clarissa, o revés de um amor. Gotas diárias de láudano no chá a envenenariam suavemente. Talvez Acqua Toffana, cantárida. Sempre estivera fascinada pelos Médici, os envenenadores de Florença. Que qualquer poder se usurpa se a História se demora demais e donde as santidades se suspendem de bom grado para só muito posteriormente se retomarem mantenedoras da ordem estabelecida.

Essas teorias passeavam pela mente insone de Ms. Kilman. Por isso acreditava na Revolução. Porquanto estivesse em delírios de envenenamento, dar finalmente cabo daquela morta-viva que de modo abominável e diáfano vivia naquela casa, uma mão prestimosa sabia ser Doris. Tudo o que deveria ser obrigação de Clarissa, avaliava, aquela mulher acabava por terceirizar. Sua pobre Liz, quem então deveria mimar, não tanto para não se estragar, mas oferecer-lhe caminho. Então, nos estertores da noite, ao ponto da loucura, pensou que a humanidade se multiplicava exponencialmente feito rato e que o mundo não sustentaria tal proliferação de gentes, inclusive, tão absurdas. Que alguma eficácia malthusiana seletiva deveria se providenciar, já que as grandes pestes higienizadoras andavam em vias de controle;

era preciso — acreditava arianamente — triar e deixar no mundo quem de fato o fizesse por merecer.

O seu monismo, a sua disposição para os levantes, louvava o Império Austro-Húngaro; amava a Rússia e os seus grandes, gostava dos seus símbolos, dizia não haver salvação fora daquele modelo, mantidas, contudo, as hierarquias, porque seres humanos precisam de rédea e refreio, senão político, ao menos religioso.

São Paulo, 9h30

— Que loucura é essa agora de festa? — John espalmou cuidadosamente a mão sobre a mesa, uma que contraída quase sempre continha socos.

Detestavelmente formal, reiterou Liz em pensamento, o homem sem qualquer felicidade. A relação dos dois deteriorara para o ódio mútuo na última década. Nem vestígio da compaixão compreensiva dos primórdios. Ele, para ela, com toda a razão que podia forjar em si, era o grande algoz do seu infortúnio.

Ela, a mulher do clã de loucas era, para ele, a própria representação da fraqueza e do fracasso. Havia muitos anos que somente se esbarravam, a vida triturando-os na sua lentidão absurda, declinariam, inclusive (até mesmo), da ideia de divórcio; ódio feito um combustível para o que ainda faltava.

Robert assentiu. Em toda circunstância ombrearia com o pai. Ao vê-lo, Robert, sempre tão cúmplice, porque só sabia existir no outro, sobrevinham-lhe semânticas raivosas. O ingrato, o anódino, sombra alheia, sem arrojo, pescoço de peru, mal-acabado, filho de uma chocadeira, cópia sem originalidade, retrato de nada: as listas mentais de Liz eram pródigas na destruição de seus alvos, poderiam ser mesmo infinitas, se permitisse.

No movimento de dinâmica repetitiva e tediosa daquela família, Ludmila ocupara o posto da mediação e Liz já aguardava o que viria:

— Mr. John, talvez seja uma boa ideia, pense mais. Liz se recupera muito bem do último colapso, nenhuma recidiva até aqui. Comemoremos, ora viva!

Como se de repente lembrasse que havia uma mulher e que houvera colapsos, John refilou, impaciente:

— Façam o que quiserem, então. Contanto que não me tragam problemas, não preciso de mais escândalos nesta vida.

O homem taciturno, pragmático sempre do lado de fora, Elizabeth declinou da coreografia tão gasta. Robert manteve-se inclinado à direita do pai; Ludmila, talvez pela primeira vez, enxergou a situação em cheio. Sua língua amargou levemente, reclinou-se então à esquerda, em direção à Liz, o lado do coração. Aos poucos, percebia-se o fiel da balança que nunca possuíra um contrapeso naquela família.

Então, colocou-se em frontalidade com a mulher recurva de mil anos em si. A mulher dos cicios e murmúrios, olhos baixos, babilônica esfinge, mulher de Ló. Não havia sultão ali, um califa nunca houvera, era invenção do seu desejo, ardil do seu vazio.

— Faremos a festa — disse, afirmativa como quase nunca, assertiva como nenhuma da sua raça diante de dois homens. O suficiente para perceber neles algum susto calado e o silêncio que se seguiu. Elizabeth, não se lia nela expressão alguma. Aquela que por uma vida inteira loteara quinhões do seu desejo e chegava aqui esvaziada, sem a força das revoltas, sequer a renitência de algum brilho de loucura possuía ela mais.

Novo clarão sobre Ludmila. Elizabeth era a personificação do que sufocar-se sistematicamente silenciada, ignorada, subjugada pode produzir a um ser. O restante da refeição se seguiu em tilintar discreto de copos e talheres cuidadosamente pousados nos pratos, o sobrepeso do ensimesmamento ali ao redor daquela mesa. A mulher burra, enfeitada, esvoaçante era o que esperavam dela. Sem profundidade, superfície de ver e alisar. Sempre desconcertara os homens.

A mulher era coisa a não ser, sequer se pensar, decretou Liz silenciosa, eclipsada, sem arroubos, trocando olhares cansados com a nora, que ali, naquele estágio ainda tão aquém de tudo, se sentia uma vitoriosa.

Ludmila pensava que talvez aquela última internação houvesse mutilado algo na sogra. Parecera, na chegada, exuberante, mas, no decorrer, não era a mesma.

Londres, 9h50

Richard se embotara numa rotina quase monástica, após a morte de Clarissa. Horários rigidamente estabelecidos e cronometrados. As exigências espartanas aos serviçais, seus modos estoicos. Santificara Clarissa em um tal pedestal — esquecido de que houvera Peter e Sally — que dizia ser impossível casar-se novamente. De fato, não quereria outra mulher, outro manancial de preocupações ininteligíveis. Na têmpera de Clarissa, bastava Elizabeth a lhe ocupar boa parte do tempo com as suas marés instáveis e demandas que quase sempre lhe soavam ficcionais.

Não ultrapassava o limite filosófico de nenhuma questão. Viver era encadear uma corrente de obrigações claras, o liame forte da tradição, não se deixar encantar por quaisquer visionários. Apaziguar os furores daquela que saíra à mãe, cada vez mais ali a presença de Clarissa em Elizabeth. A aristocracia britânica disso dependia, e não de poetas, não de utópicos a quebrar elos seculares.

Uma das criadas, Grace Higgs, ajeitada de corpo, lhe fazia favores sem qualquer conversa. Provia-o do que um homem necessitava, vez ou outra ele a recompensava com um *voucher* de loja para vestidos e perfumes, pequenos luxos de mulher. E a vida seguia, sem maiores sustos, o Parlamento era a sua grande motivação no mundo, a vida plácida, só incomodada, desestabilizada, por uma única criatura em todo o planeta: Virginia Woolf, a feia mulher andrógina que Leo não soubera trazer na rédea como se deve; sua modernidade ultrajante, sequer podia entender o que trazia naqueles livros de discursos entrecortados, sem linearidade, os seus libelos, alusões a gatos manx, uma vida mais morrida que radiante, as maluquices do seu

grupo de loucos e a nefasta influência que sempre exercera sobre Liz, seu progressismo aviltante.

Até começar a imaginar coisas. Que lhe envenenavam água e comida, inclusive Liz. Se lhe levassem biscoitos, chocolates, tudo agradecido e sorrateiramente despejado depois na lata de lixo. Também Higgs, ele pensava, poderia se interessar em eliminá-lo. As mulheres, são insidiosas, sempre considerara.

São Paulo, 16h42

Petronília vinha de escurecer o mundo. Não. Vinha de clarear os monotons sofisticados da vida de Elizabeth. Tinha dezoito anos e chegava por indicação da consulesa do Congo. Menina sem pai nem mãe que aqui se criara num terreiro de candomblé frequentado pela consulesa sincrética. John dizia que Petronília era mais uma das excentricidades da mulher.

Como poderia suportar um ser primitivo assim em sua casa, não compreendia. Que não me venha preparar nenhuma comida com mãos símias e absurdas assim. Será um problema todo seu, Elizabeth. Petronília, a iaô do candomblé, rainha, noiva dos deuses sanguinários, imolava-se aos orixás todos os finais de semana, seus olhos de azeitona tudo viam. Sabia que, exceto por Liz, não havia quem a quisesse.

Os risos daqueles seres róseos às suas costas de divindade esculpida em ébano — que ela passasse ao largo, sem toque nem olhos, aquela gente não se olhava nos olhos; seus talheres, espadas de gentileza. Não dizia, semitonava, balbuciava para dentro.

A mulher ancestral, anterior à epiderme, palavras soltas, sequer concatenadas, nenhuma sofisticação no arrazoado dos pensamentos, quem olhava não via. Não porque fosse mulher de recônditos ou oscilação de significados. Ao contrário, tinha um ermo em si, era plana e rasa em sua cara de feições achatadas. Um desalento que jamais se remediaria. Causava raiva. Depois pena. Depois culpa. Depois dúvida. Vinda da taipa, da sua mesma textura, envergava-se quase primata no chão a lustrá-lo, diligente, intensa como se se deitasse sobre um amante.

Ali era ela e o chão, coisa séria, esfregando-o firme como quem castiga, as pontas dos dedos dobradas para dentro, no sabugo, unhas muito rentes, a mão crispada, os olhos brilhando de tão pretos e avermelhados na córnea pelo madrugar diário e aquele amarelado sugerindo anemia crônica.

Às vezes calada demais, nunca deve ter gritado na vida. Quando o seu grito primal? Terá ela chorado quando a deram, toda escura, à luz? Teria ela nascido mesmo? Ou fora expulsa de entranhas secas, famintas, que de tão miscigenadas não conjurariam sequer uma origem, identidade?, calculava John, vendo-a de longe, sempre à distância segura, em sua crueldade bondosa. Petronília sonhava demais.

Ela não sabia o quanto, a falta de percepção de si mesma, como se vivesse em corpo alheio. Mastigava pão amanhecido esfarinhando se havia sol; uma borracha, se, rala, a chuva molhasse o ar. Sonhava com um amor de perdição, ou, antes, de amparo — uma mão grossa, cortada de calos, o cheiro forte de homem, umas palavras assim, mais próximas, nem tão doces senão ela podia estranhar e fugir. Nem tão ásperas iguais às que tinha de engolir todos os dias, esfregando, esfregando como quem limpa o mundo de sua sujeira infinita, clareando a podridão alheia, aguando em movimentos robóticos as petúnias da patroa, encolhida, tão pré, tão primária e assim, sem cremes hidratantes nem lisura de pele, uns nacos de doce subtraídos da despensa da patroa, uma lata de leite condensado bebida toda de uma vez, às talagadas, agachada e trancafiada em segredo no banheiro, olhos arregalados. A fome ancestral, os olhos vazios.

As comidas lhe diziam: fome, fome, fome. Ainda que ela tivesse que se conter. Continência e desejo contrariado era o nome dessa gente pálida, sem viço. A gente descarnada, a gente sem queixo e sem músculos, o olho azul desse norte.

Elizabeth lhe perguntava dos costumes no Congo, queria saber de sua mãe, a vida descalça, seus orixás de devoção, quanta fome tinha a europeia, solidão entre tantos. Que não pudesse se elevar, Petronília sabia, nem Liz permitiria — a queria submissa, embora admirasse suas histórias. A negra aprendera ali que amizades são relativas. Entreouvira pelos vários jantares onde transitava, *avis rara* ostentada por Elizabeth, mulheres destruindo reputações de outras mulheres com uma ou duas palavras enviesadas, às vezes mesmo sorridentes, neutralizando ameaças sumariamente, rebaixando alguma qualidade alheia pelo apontamento cirúrgico do defeito da outra.

— Na minha tribo as mulheres não se destroem. Lá elas mandam. E se apoiam, não precisam se defender das outras — disse distraidamente, enquanto preparava o banho de Liz.

— Você tem vontade de voltar para lá, Petronília?

Baixou a cabeça, o semblante entristecido, olhos perdidos numa distância que a patroa não saberia dimensionar.

— É que não existe mais "lá".

Os homens do outro lado do rio não suportaram mulheres que mandavam assim e arrasaram com tudo. Escapei porque, no ataque, eu estava na cidade, mas não há mais nada naquela terra que lembre a nossa passagem por lá.

Até conhecer o braço firme de Doris a lhe guiar para a grandeza das santidades. Foi Ms. Kilman que, numa das últimas visitas ao Brasil, a memória já começando a claudicar, mas ainda sagaz feito um escorpião na captura da fragilidade alheia, quem infundiu a evangelização em Petronília. Repetia a latomia do Cordeiro de Deus.

Estar na igreja, aqueles ecos de que a grandiosidade é capaz, uma acústica elevada, os enormes vitrais fazendo o sol colorido e o homem de preto

no altar lhe pareciam muito mais definitivos do que todos os seus anos de rainha nas matas do Congo.

A guerra civil a reduzira a uma espécie de tatu fugitivo atravessando buracos até chegar às embaixadas e pedir auxílio à mulher clara e triste feito uma rosa de ontem que a salvasse do desterro. Já sabia que tudo é troca, algo lhe seria solicitado; arear panelas, limpar imundícies alheias, qualquer coisa melhor do que o horror da dizimação, fora ela afinal rainha, não se daria facilmente à morte.

Lânguida se deixou conduzir, estendida como brinquedo novo da madame — logo compreendeu —, uma espécie de animal *exotique* de circo. Lembre-se, tudo troca. E assim perseverou, por vontade de Elizabeth, aprendendo rapidamente a sua língua, não os seus códigos, estranhos demais, seus modos de abruptamente se retirar das circunstâncias.

A menina pensava então que só podiam ser superiores os do catolicismo. Aos poucos, passou a se envergonhar dos primitivos orixás e a cobiçar a civilização. Tão mais refinados os paramentos das santidades, tão menos espetaculosos os seus ritos sem orixás cobertos de palha e tinturas assombrosas.

Quando Ms. Kilman voltou para a Europa, lograra em Petronília uma verdadeira lavagem espiritual. No escuro do mundo onde as coisas se baralhavam entre pântanos placentários e poeira, estaria, depois do fim dos tempos, Ms. Kilman feito ideia pegajosa, conceito proto-humano, uma má ideia, portanto; fora feita ou se fizera para o refreio, a mão punitiva e ordeira, a simbolização da incompletude, da insatisfação, carregava o mal tão disfarçado ou confundido de bem em si e era indelével e era para sempre parte constituinte desse mundo pendido.

Assim, convertida pelo rebenque certeiro da alemã, que soubera lhe forjar a lâmina da inveja roçando-lhe a jugular, passou a veementemente negar as suas origens. Começou pelos banhos, gotas de lixívia pingadas a cada dia em maior quantidade na água da banheira para o clareamento de si, o que afinal resultou num tom a mais de avermelhamento nas juntas e trechos de pele mais sensível, jamais a brancura sonhada.

Nos dias do trabalho, porém, entregava-se com boa vontade aos ensinamentos civilizatórios da patroa, mesmo os estranhando. Sobretudo — aí de bom grado —, com sua curiosidade e carência sem fim, não entendia o que era ter tudo como se quase nada, ao mesmo tempo.

Aos poucos ia se fazendo concordante, o bicho de estimação de Liz. Petronília ia à igreja com a patroa, inebriada pela beleza nos vitrais e modos contidos daquela cristandade, diferentes das apoteoses às sextas-feiras vermelhas, seus êxtases sob o batucar cardíaco do candomblé. E carregava velas nas procissões, na voz mais estridente e surpreendentemente alta no entoamento das ladainhas coletivas.

Essas procissões, Paixão, ocasiões em que de fato reluzia, como que reavivada, incendiada pelos círios, renovada na marcha.

Marchando, vestida de céu, Petronília pertencia, se tornava, se misturava ao povo, ao seu vozerio quase desafinado, às penitências. E chorava, radiosa, não culpada, mas numa sorte de gozo. Esperava mesmo encontrar um igual ali, extática, litúrgica, na Paixão, na Aleluia. Pedir pouco para agradecer o muito que viesse. Contentar-se com quase nada.

Ser assim Petronília de fogo pequeno, sem faísca, quase apagando. Pisava a igreja e cobiçava a sua grandiosidade, seus ecos, tanta lindeza refinada. Imaginava-se em cultos ali, naqueles modos mais sóbrios; depois pensava que um dia construiria um templo assim para nele viver feito santa. Então

acordava: nem em três vidas haveria com o que erigir tal grandeza. Chegava então ao delírio: erguer uma catedral dentro de si, o que se daria comendo pequenos bocados, todos os dias, de tijolos quebrados.

A cada fragmento terracota engolido, um pedaço da catedral crescia nas suas profundezas. Torres de pináculos, sinos de cobre já com os seus dobres graves e ameaçadores; mosaicos nas pilastras. Era plano secreto. Nem Elizabeth sabia dos seus repastos, tampouco do seu projeto ambicioso, suas alucinações siderais.

Ninguém conhece o que no outro se desenvolve embrionariamente e se gesta à magnitude. De projeto passou a gosto, o sabor seco e denso da argila, até a barriga inchar, fígado colapsado, a iaô convencida de que a catedral em si se concluía. Engolir então, face gloriosa, um crucifixo para encimar a catedral, arrematar o cristianismo votivo, sua autofagia, uma cruzada dentro de si, redimida, renascida, quem sabe branqueada. Às vésperas dos seus dezenove anos essa menina morreu, um crucifixo atravessando os intestinos; o estômago endurecido de argila, empedrada, de dentro para fora.

São Paulo, 16h18

Quando São Paulo não for mais do que uma mancha de concreto no mapa, sem vida possível, sopros cor de chumbo e mostarda a envolvendo em nuvem, restará o grito encapsulado nalgum átomo do tempo, lembrando que houve roxidão de ipês e vida antes que o céu se partisse num raio a avermelhar todas as coisas em fogo de fuligem eterna.

Ludmila e Elizabeth resolveram que elas próprias sairiam para comprar as flores. Todos os detalhes para a festa já providenciados, mas Liz fora enfática quanto à personalização dos arranjos: gérberas, lírios, costelas-de-adão, pequenas bananeiras de trançados majestosos, girassóis; crisântemos, não.

— Flores para velórios.

— Não considera girassóis excessivos, sogra?

— Não num país tropical, Ludmila. São opulentos, impositivos, pendentes, masculinos. Olhe só! Veja essas pequenas margaridas, que ricas! — Sempre extática, ela, diante de flores.

Manoel Rodrigues, o florista português, se encantava com as escolhas exóticas de Elizabeth, as incentivava.

— Tenho estrelícias perfeitas para *ikebanas*, senhora.

— Levaremos duas para os lavabos, por favor, Manoel.

Ludmila estava feliz em vê-la vivaz, as flores exerciam magnetismo sobre Liz, como se a reavivassem. Como se a reavivassem. Manoel sinalizou à sua ajudante, que separava os vasos. Pediu que mantivesse as plantas de Mrs. Fleet borrifadas.

— Não as quereremos decaídas à noite, não é mesmo, Mrs. Fleet?

— Intensas e magníficas, sim.

— Seguirão no pequeno caminhão de baú, senhora.

(Manoel tinha o acento adulador que desagradava a Elizabeth, mas a ele concedia o indulto afetivo do amor às plantas, ainda que um amor comercial).

Quando saíram da floricultura, que ladeava o Cemitério da Consolação, Liz fez menção de atravessar o seu portal. Ludmila estancou, mas acabou seguindo Elizabeth, que lentamente entrou naquele espaço de estátuas e cruzeiros.

— Mas justo hoje, Liz? Não podemos visitá-lo num outro dia? Tanta coisa ainda a supervisionar...

— Você sabe que, dos meus ritos todos, o mais importante deles é agradecer à morte pela vida, não sabe? E ela é soberana. Tudo o que se dá conosco é enfim um grande ensaio para a queda triunfal em seus braços. Sabe, não sabe?

— Sim, mas, Liz, não penso nisso. Eu me esqueço de que vamos todos morrer, essa certeza. Adio.

Elizabeth enrijeceu, tentando discrição ao apontar para algo que se dava trinta metros adiante delas.

— Veja lá! Elisa pranteando o marido. Ricardo. — Sempre aquela potência de homem em seus carros incríveis, malcrescido em estatura, ele a compensava nessas amostras de poder, o industrial imbatível. Sempre desdenhoso de todos os que não lhe interessassem. Bastou uma gripe boba para enlaçá-lo, agora afundado na eternidade calada, a lousa repleta de vasos de opalina com flores exageradamente crescidas.

Elizabeth pensou que aqueles ares fossem fertilizantes. Ludmila apertou os olhos de miopia, dois riscos. Lembrou-se das carpideiras contratadas para o velório daquele homem, recurso para a falta de pranto, ninguém a chorar aquela falta.

Não gostava dos miasmas invisíveis adivinhados nos cemitérios, suas podridões, exsudação de chorume, o limo nas esculturas, líquen nas árvores vistosas,

por certo bem nutridas; o musgo nas reentrâncias todas, azinhavre pegado no bronze feito notícia do macabro que se guardava em seus subterrâneos.

— Veja, Liz, ela não o pranteia. Elisa está é falando seriamente com aquele túmulo, espie bem, há sarcasmo, há ódio ali, o luto rancoroso de quem fica. Ou a fala represada finalmente solta. — Liz devagar acercou.

— Purulência, violador, traficante, pior criatura nesse mundo. Desejo-lhe labaredas infernais, lavas indomáveis, entidades irritantes no seu encalço. Sabe o Luciano, o motorista a quem você tratava feito lixo? Dorme agora todas as noites na tua cama! Ele me teve por todos esses anos e eu sei que você sabia. Broxa, perneta, bafo de hiena, barriga sem tamanho, fome obscena.

Ouvi-la ali, elegantemente reclinada, falando baixo desaforos diante do jazigo, uma mancha negra no horizonte, a remetia a si mesma, sua covardia, seu calvário, sua acomodação às facilidades, a faceta prostituída, sua insignificância no mundo que bem girava à revelia de mulheres assim.

Elisa continuava, a cabeça baixa, aparente reverência a que os túmulos nos obrigam, olhos fixos no mármore, descendo xingamentos calmos, ela quase um autômato ali e, quando as duas se viraram para pegar o caminho de saída daquele cemitério, como se adivinhasse a plateia às costas e reclamasse a sua atenção, inadvertidamente sacou uma adaga da pequena bolsa que trazia no braço e, ato contínuo, atravessou a sua lâmina inteira na jugular, com a destreza de quem corta um pedaço de manteiga.

A brisa trouxe o cheiro férreo de sangue que se despregava daqueles borbotões; as duas correram em sua direção de modo reflexo, em socorro, Liz tentando estancar aquela sanguinolência com o casaco que às pressas retirara, mas era tarde. Depois de horas, entre polícia e hospital, o desespero interrogativo do motorista, chegaram em casa exaustas, tanta correria, toda aquela faina. Muitas vezes na vida, e essa era uma delas, Elizabeth desejara o dom de

se tornar inabalavelmente remota, recurso aristocrático que Clarissa manejava à perfeição, de modo a atravessar tudo aparentemente ilesa. Mas não.

Era Liz esse emaranhado frágil de nervos expostos; como se o mundo sobre ela incidisse mais que o desejável. Soube que os amigos haviam chegado de Londres e já se ajeitavam em seus hotéis. Veio-lhe embaçada a memória de uma das festas de Mrs. Dalloway: aos seus olhos de menina, então, os convidados de seus pais pareciam múmias, mortos-vivos em modos exageradamente empertigados, preferia manter-se a distância, em observação, catalogando caracteres como quem separa miçangas por cores, tamanhos, formas numa grande caixa cheia de escaninhos.

Peter Walsh, sempre soubera, teria sido a ruína de Clarissa, mais do que fora Richard e, com Matilda, que era afinal Walsh mesmo, sua ruína vicária. Amargo, crítico, um choramingas reclamão, presente em excesso, voraz em demasia, seu odioso canivete autoafirmativo sempre em mãos. Sally Seton, uma boa de uma vendida, isso sim, alardeara discurso libertário antimatrimônio, contaminara a sua mãe com acenos de leveza, rachara-lhe o desejo, indefinindo-o, em suma: acariciara a asa de Clarissa, mas mantivera a sua própria asa encolhida, sem tombo.

Conformada a um casamento com o ricaço, o avesso de tudo quanto discursava. Cedo soube, pelos entremeios sociais, do fundo abismo entre o que se mostra e o que se é, das incitações de que covardes e pobres de espírito são capazes.

Mas haveria uma festa. A festa de Elizabeth. Portanto, que se afastasse de tais reminiscências paralisantes e catárticas para as providências. Os banqueteiros formavam um tropel na cozinha desfigurada pelas suas fornituras, e um *sous-chef* afetado, ela via de longe, parecia passar uma descompostura à insolência da criada francesa. Era momento de distribuir as flores aos decoradores, que olhavam atravessado para tal variedade, incertos quanto

às composições possíveis, sem divisarem os desvarios festivos de que uma mente bipolar é capaz.

Definitivamente, não possuía o talento da mãe para os festejos. Sentia-se ínfima, pouco inglesa, como se em algum ponto arraigado anglicismo fosse qualidade; seus traços destoantes, mongóis. Um desamparo que não era deste mundo, nem do outro.

Ludmila seguia elétrica, quase esfuziante, não se derramava nunca, contudo tuaregue sobrevivente de outros desertos. Viu as salvas de prata de Clarissa já devidamente polidas sendo carregadas com *réchauds* para a sala de jantar.

A casa tinha miasma pesado de flores, algo a velório em que se precisou reafirmar em peso de flores o valor, estima ou o extremo oposto disto, flores em profusão feito desagravo.

As horas deglutidas pela boca do tempo, voraz e implacável. Elizabeth se perdia em detalhes e solicitações. Logo chegariam os seus convivas à festa cujo pretexto era a celebração de sua atual estabilidade emocional, ao menos aparente.

Seria o prazo de aprontar-se e aparecer apresentável. Foi quando John chegou casmurro, avermelhado, olhos diminutivos, nenhum comentário. Era no que não dizia que ele sabia ferir com maestria. Senão a crítica econômica, de sofisticação cirúrgica, onomatopaica, elogio, nunca. Sem uma palavra sequer, subiu as escadas em direção ao quarto. Nenhuma suspensão em Liz, de John não esperava nada que não fosse degredo, horror, silêncio, deserto, tortura, guerra.

A casa especialmente iluminada para a festa com luzes amarelas que davam um tom de nobreza dourada aos ambientes. Os arranjos das flores traziam sobriedade e alegria, ao mesmo tempo. As bebidas estavam geladas, as comidas se anunciavam em bons cheiros. Subiu então ao seu quarto, Ludmila lhe comprara um vestido longo azul-turquesa, bordado com discretos arabescos no busto. Antes de entrar no banho, viu-se ao espelho, como se buscasse

outra sem reconhecer-se naquela ali refletida, tão velha, quase nada gratificada, um rosto que ganhara vincos e tristeza no decorrer dos anos em que o álcool se tornara sua única motivação, poderosa anestesia com o que se alhear da vida rasa, tão equivocada e aquém de tudo quanto quisera, da qual tentara se desvencilhar sendo temerária, absurda, sem conseguir.

Aqui, no entanto, se lhe perguntassem, não saberia mais dizer que quereres ainda trazia. Movimentava-se e isso bastava. Talvez nem mesmo soubesse mais o que era ser para além daquela contenda eterna com John e Robert.

Tentou um sorriso ao espelho, sempre postiços, como se não possuísse nenhuma foz de sorrisos dentro de si. Seus dentes descalcificados, feios, parecidos com cacos, um desleixo e contrassenso à primeiríssima coisa que observara ao aportar, vinte anos antes, no Brasil: a dentição dos brasileiros. Cúspides brancas, saudáveis, em geral bem enfileirados, e não aquela dentição horrenda dos anglo-saxões, em sua maioria amarelados, às vezes acinzentados pela cerveja, geneticamente desfavorecidos ao que lhe parecia, já que não importava a classe social. Dentes feios, de cores muito distantes do branco ideal, mal dispostos, disformes.

Podia pagar tratamentos, alisar a pele em mesas de cirurgia plástica, mas não o fazia. Como sacrificar-se na devastação de si mesma, não se falsear; pensava ser necessária alguma coerência aparente com o que vem de dentro, ainda que o mundo não o queira e que viver seja essa contínua escolha de máscaras e figurinos mais oportunos.

Ludmila avisara que todos os convidados estavam confirmados, inclusive Antonio e Piotr, e pensá-los era sempre o susto, o frio na barriga, cubo de gelo a lhe percorrer toda a extensão da espinha. Banhou-se, perfumou-se e abriu a porta para que André lhe viesse pentear e maquiar. Sua presença esfuziante, idêntica à dos seus períodos maníacos.

Sua disposição quase infinita para as superficialidades, barreiras frágeis contra as dores de dentro, imperativo não estar em silêncio, o silêncio que leva a todos os abismos.

Falou-lhe do deslumbre das flores todas que vira pelo caminho. Da beleza dos rapazes do *catering*; de uma viagem que planejava para a Indonésia; da ofuscação que seria aquele longo turquesa naquela festa. Que Ludmila era uma moça triste, seus orixás eram certeiros, segredara. Quando então retomada na beleza possível, vestida, penteada, maquiada, perfumada, brincos, anéis e pulseira brilhando de água-marinha, tomou fôlego e desceu, já divisando, no meio do percurso, movimentação na casa. Antonio, envelhecido, magro, moreno, foi a primeira luz que espocou diante dela naquela noite.

— Guapa! — quase gritou ele, cegamente magnetizado em sua direção, num percurso que a ambos pareceu longuíssimo; o ímpeto primeiro de se tomarem num abraço fundo, aconchegado, sem pudores; a despeito de quaisquer olhares de curiosidade ou reprovação.

Quando os seus corpos se encontraram e se colaram, não escutou a exclamação entredentes dos olhos odiosos de Robert, sobre o espanhol:

— E mais isso! Ainda?! — exclamou, entre o estupefato e o rancoroso.

Piotr se levantou de um salto e, protetor, sempre no controle, se precipitou num abraço que sobrepujou aquele e, então, por um momento, foram a tríade de jovens perdidos enlaçados em busca do fio de um tempo sem retorno. Numa tradução simultânea de atmosferas, da qual Piotr sempre fora pródigo, suas mãos brancas de longos dedos se abriram no espaço, num movimento de alargamento dos braços que as conduziam e sintetizou:

— O tempo nos engoliu a todos, Liz.

Compreendendo a sequência, suavidade no corte, ela girou sobre os saltos e seguiu em direção às suas idosas lascivas, todas em aparência de recato,

sentadas em poltronas ladeadas. Beijou e acariciou os rostos velhos de cada uma delas, sabia que todas, com as suas bocas e mãos e dedos de carícias incansáveis verdadeiramente a amavam, como a uma boneca, todas levemente encabuladas, sem qualquer traquejo social, sempre enclausuradas em suas rotinas domésticas, religiosas, tácitas, secretas. Ninguém diria, ao olhá-las, da magnitude dos festins de que eram capazes, sua fome sem fim.

Apresentou-lhes o russo, alto e magro, um varapau, e o espanhol, a quem elas a princípio observaram ressabiadas. Sabiam deles, mas eles nada sabiam delas às carnes incertas de Liz. John recebia os casais britânicos na sua polidez distanciada de sempre, um copo de uísque onipresente na mão.

Ludmila se entretinha com John e Adam, excêntricos, ambos vestidos em ternos justos axadrezados no mesmo modelo, gravatas-borboleta em variação de tons, respectivamente lilás e amarelo. Como se fossem gêmeos vestidos de forma idêntica. Falavam da curadoria da exposição de Louise Bourgeois em Londres, eram *marchands* respeitados, icônicos na Europa.

A festa se aquecia ainda no estágio do estranhamento lentamente sobrepujado, nenhum excesso ou embriaguez. Piotr e Antonio se afastaram de Liz e aproximaram do casal de *marchands*.

Elizabeth, estendendo champanhe a uma de suas velhinhas, sentiu uma pontada agressiva dentro, nenhuma comiseração em relação a Piotr e Antonio: essas bichas, comadres empedernidas e afetadas por certo se entendem melhor. A pontada de um mundo indivisável, caminhara dentro dele, esbarrara nele com os amigos em Maiorca, refestelada em seus lençóis, mas nunca estivera no que de fato entre aquela espécie de homens se dava; outra codificação, por aberta, desamparada, desprovida de censura que fosse.

Talvez mesmo nunca houvesse perdoado não ter Antonio; o imprevisto o entregara numa bandeja prateada a Piotr, que então nele se revelara um

vampiro. O modo de ser do outro às vezes nos traz o nosso pior. Doía-lhe ver o que Antonio se tornara, mas, no fio da meada, não julgava honesto, sequer conseguia odiar Piotr e imputar-lhe toda a culpa pela ruína, se Antonio a permitira, jamais lutara contra, um voluntário ao cadafalso, expiando uma qualquer culpa abstrata, quem sabe a justificar a incompetência pelo que não pudera ser e que talvez mesmo, na claridade ofuscante das verdades, jamais seria.

Os pensamentos vagavam já melancólicos, quando Ludmila, boa em relações públicas, a enlaçou pelo braço e levou até Trudy e Spencer, que acabavam de chegar à festa.

Londres, 7h45

Até aqui, e aqui era Robert, essa divisão de águas, jamais ocorrera a Elizabeth perguntar por que basicamente todas as casas londrinas se revestiam externamente de tijolinhos e todas as suas paredes internas se cobriam de papéis floridos, essas coisas que pelo uso se perpetuam sem que se lhes questione o propósito.

Também sequer pensara na razão pela qual a gente da sua nacionalidade não encarava desconhecidos nas ruas, lojas, trens, lugares de fluxo e aglomeração. Passara a prestar atenção exagerada aos rococós da cornija de mármore da lareira, essas inutilidades, temas ociosos que o vazio ressalta.

Junto de Robert, emergiram questões existenciais rutilantes, um adensamento desconhecido.

Nos primeiros meses, esteve certa de estar louca. Maquinalmente cumpria as atribuições de mãe, sob a sutil palmatória que eram os olhares e as monossílabas, os cicios de Ms. Kilman.

Era indecisa, titubeante, não sabia bem que encaminhamentos seguir com uma criança, prisão cheirando a talco e leite. Seus humores caninos, muito eventualmente uma macieza e a repulsa a tudo o que John representava, era ele, sim, sabia-o, então em cheio, o mantenedor da sua infelicidade no casamento sem amor que ambos carregavam feito penitentes. Robert a ignorava desde o nascimento, talvez mesmo antes, aquele corpo estranho lhe intumescendo e movimentando o ventre, nunca o sentira parte de si.

Não o deixaria perecer, algo instintivo lhe gritava obrigações e cuidados, ainda que não o incorporasse mesmo, Robert um estranho, jamais entre os dois algum contato, que muito precocemente, sem piedade, quem sabe

mesmo no caráter emergencial da não reciprocidade mútua, John o raptara emocionalmente para si, deixando a Elizabeth a chancela mesquinha de uma nomeação, somente, pouco mais que isso.

Não era como Mrs. Dalloway, que parecia de fato acreditar naquilo tudo na mesma medida em que aparentava encenar cada acolhida esfuziante, toda exclamação, a falsidade que é não se saber de todo, insistindo nas codificações como modo de existir.

Não raro, Liz se sentia uma rematada filha da puta, saía ao jardim, que era quase bosque com salgueiros e amentilhos floridos, canteiros de narcisos, e nele se perdia, buscando a textura do dia, Robert nos braços-tenazes de Ms. Kilman, sufocado por sua modéstia arrogante e chantagista. Ms. Kilman e Elizabeth sequer conversavam, tal a dominação da mais velha sobre a mais jovem. Sabiam-se e isso parecia bastar.

Cada esgar de lábios, cada milimétrica expressão facial prontamente decifrada, ultrapassavam em sua cumplicidade doentia a necessidade dos diálogos. Ms. Kilman, aquela que considerava que o mundo lhe devia muito; tanto quanto viesse não bastaria. Sabia-se marcada à ala dos que jamais seriam felizes. Acreditava na força da autoridade, afinal, historicamente, desde que a vida bípede domara o planeta, sempre assim, um poder suplantando o outro, sucessivamente.

Ninguém saberia que, enquanto habitara o apartamento insalubre, escuro e mofado da pobreza, clandestinamente colaborara com a polícia como informante. Postava-se disfarçada entre a janela e o cortinado para vigiar a movimentação e denunciar o que não estivesse dentro da ordem estabelecida.

De pederastas a cafetinas, de contrabandistas a fumadores de ópio, sua região pródiga em desvios de toda natureza, ainda que ninguém devesse

saber, muito menos a polícia-amiga, que participava ela de reuniões secretas em favor dos bolcheviques e das causas do Leste, uma ativa articuladora.

No todo de si, só achava que não. Não tinha mesmo o direito ao sorriso, embora o tentasse. Pensava, sumarenta, que nem direito à própria vida seria justo. Um cavalo ancho. Obstinadamente vivendo um dia após o outro, como quem trabalha, perseverante, ou como quem simplesmente jaz à mercê do tempo. Ou ainda como algum condenado. Agora, hoje, anestesiada pela convicção, não!, pela sensação da carne rígida e morta que era no fundo toda ela, toda cinza e podre. Porque nisso pensava todos os dias: é purgação. Não é leal, não é real, não é sequer higiênico, é inumano permanecer aqui assim, apodrecida, carcomida, pele enrugada, cravada em vida semovente e ele lá embaixo, eternamente criança, ossos, unhas, cabelos, *mon enfant*, *my child*, *mon petit garçon*.

Odiava o mundo. Todos os dias o ritual das geleias, iguais às que preparava para adoçar a avó, tantos anos. Os vestígios da solidão por todos os cantos da casa. Assim, nesse exato estado, ela apontava os instáveis nas ruas, descarnando-os, com seus olhares.

Não fosse o apego por Elizabeth e, depois, por Robert, seguiria de bom grado alguma comuna rumo ao Leste. Mas Robert fora arredio, desde muito miúdo. Obediente sob a sua rédea curta, jamais afetivo ou responsivo, entretanto. Fato mesmo é que Robert não se estruturara numa subjetividade. Era o protótipo acabado do que é ser ninguém, sem delineação própria, somente existente a partir de um outro, o pai.

Mas que fracote será!, a então governanta alemã vaticinava para si mesma acerca daquele futuro homem. Por toda a infância de Robert, John esteve ausente, em viagens, sempre em fuga, resignado à força da prussiana, sem

voz de imposição, pois era subjugá-la para Elizabeth extremar-se de forma muito constrangedora, espalhafatosa. Ms. Kilman então aquele pêndulo que mantinha alguma sanidade em Liz, mesmo que o que sustentasse aquilo fosse, afinal, de uma loucura sem tamanho.

As suas rezas obsessivas, John intuía obscenidade naquilo. Divisava a intransigência naquele general de saias que fazia a sua esposa de títere, sob o manto beatificado da cuidadora incondicional. A violência ali. O quanto cobrava em troca e que não era material. John via Ms. Kilman como um câncer corrosivo. Necessário, contudo.

São Paulo, 22h01

Festas sempre encantavam Liz. Uma festa memorável é flerte de eternidade, costumava dizer, quando embevecida. Festas traziam-lhe Mrs. Dalloway de volta; momentos em que a mãe cintilava e se inteirava, o grande empenho em emprestar brilho e deferência em detalhes a cada convidado. O gozo que na mãe entrevia ao se mostrar anfitriã impecável. Não fora ela pouco mais que isso: anfitriã.

De Clarissa não herdara tal talento, tal exuberância elegante na recepção de pessoas, ainda que tentasse e recobrasse, nas poucas, mas marcantes, festas que promovera, a memória do traquejo social materno em cada etapa de uma festividade, o que sempre a conduzia a bons desfechos, jamais perfeitos, contudo, como os da mãe. Pensava que se devesse tratar pessoas, rotineiramente, nas ruas, no dia a dia, como se convidadas, em singularidade, não somente em festas.

Toda festa tinha o seu ápice quando fervilhava, dourava-se em animação e beleza. Depois, o declínio, quando a bebida já indo além do desejável, certa crueza resvalando solta, algum ódio e frustração, a impermanência caindo em cheia constatação e, então, pontiaguda melancolia. Aqui, iam pelos aquecimentos, mas já em Liz a percepção do que em cada um dos presentes restava fundo. Kathy e Joanne, casal de mulheres abominadas por seu pai, Richard, rematado preconceituoso da vida inteira, chamava-as Virginias, imputava-lhes inveja da masculinidade, paraíso que jamais alcançariam. Confundia mulheres fortes com seres híbridos, aberrações, centauros. Sequer relanceava nas Virginias alguma humanidade. Fato é que, como homem de seu tempo, desprezava as mulheres, a pressuposição de fraqueza e incompetência

o elevava. Precisava crê-las e fazê-las precárias para se assegurar no costume, no hábito do que era, enfim, certo.

Exceto por Clarissa e Liz, a quem verdadeiramente se devotara, alguma leve presunção de culpa sempre ultrapassada pelo incompreensível que traziam, Kathy e Joanne tinham alegria vivaz. Eram amigas de Liz desde os tempos da faculdade, ambas haviam seguido carreira acadêmica, que Liz tateara sem pulso para enfrentar o que se punha ao redor.

A mulher que se automutilava de possibilidades, medrosa, castrada pelo bastão invisível e opressor de Richard, prontamente assumido por John após o casamento, mas a maturidade trazia-lhe a percepção de que ela própria (e tudo o mais que trazia em si) entregava as chaves da liberdade (que não conhecera) ao seu algoz.

Richard morreu dormindo, de inanição, imaginando que o envenenavam, aparentemente plácido, suas guerras dentro. Elizabeth se lembrava do quão articulada e tentacular podia ser a convivência com ele, sua visão de mundo; na exata medida entre autoridade e agrado. Tinha, desde os próprios empregados até garçons, engraxates, pequenos prestadores de serviços, todos em sua mão. Ao *maître* do restaurante levava eventualmente um par de sapatos, abotoaduras, uma caixa de lenços. No contraponto, tinha a melhor mesa, o *couvert* sempre farto e gratuito, pratos mais esmerados. Toda barganha, nem sempre explícita, mãos mutuamente lavadas e, assim, garantida a sua boa movimentação em todas as instâncias desse mundo.

Profundamente desdenhava a falta de tato de Virginia com os próprios serviçais. Talvez mesmo uma fracassada, seus disfarçados trejeitos culposos, sua instabilidade. Como podiam ser assim instáveis alguns seres era coisa que ele definitivamente não entendia, a vida sem segurança, aos reveses. Na sua miopia perceptiva, Richard jamais supusera as simpatias da alemã

pelo regime do Leste, mas divisara nos libelos jornalísticos da filha as entrelinhas libertárias, as exatas palavras de ordem, entremeios que não apreciava.

— Essa aí ainda acaba na Nomenklatura! Uma leitora de Maiakóvski! E então serei derrotado!

Era necessário articular — não frontalmente—, um parlamento feroz às suas costas, o silêncio de Elizabeth, que talvez sequer imaginasse a dimensão daquela peçonha.

Providenciar engajamento numa feminilidade mais inofensiva. Que se envolvesse com as miudezas a que se destinam as mulheres, pelo amor de Deus! Que sina essa a de filha excêntrica assim! Quem sabe fosse o culpado, refilava, a envolvê-la desde pequena nas suas caçadas aos patos, lebres e cervos e atividades do mundo dos homens, confundindo posições. Talvez mesmo sequer tivesse tido qualquer alternativa, Clarissa jamais fora lugar de segurança. O lugar que se espera de uma mãe. Mesmo assim, Elizabeth trazia, noutras modulações, as intempestividades da mãe. De que padecem tanto as mulheres?, pergunta que nem os médicos austríacos souberam equacionar, sua perplexidade.

Em John, Richard sobrevivia. Seu moralismo hipócrita, acusador das mulheres sem compostura, o horror a mulheres maduras e às sem beleza, quase nojo, a recriminação às jovens mais soltas, aqueles olhos em verdade mais cobiçosos que denunciantes; uns pedófilos interrompidos e dissimulados, uns pornógrafos.

Liz, no inventário das coisas de sua família, encontrara sob o fundo falso de uma das gavetas do pai meia centena de cartões-postais com fotos de meninas, crianças nuas com acessórios — chapéus, colares, piteiras — da *belle époque*. Não duvidava que John guardasse material desse nível também, sequer se interessara em pesquisá-lo. Seu recalque, sua fleuma, a obviedade

de que mantivesse segredos cabeludos, sempre assim. Vá por oposição ao que se projeta para chegar à verdade, se a suportar. Quase nada é, de fato, o que aparenta ser. A dialética selvagem em Elizabeth.

John, ela chegara a cogitar, trazia uma homossexualidade denegada, a sua repulsa às mulheres e às representações do feminino; como em Richard, batalhas inomináveis dentro de si, as rugas no cenho sempre tenso o denunciavam. As saídas abruptas, entreditos, seu sexo chocho, quase maquinal e cheio de esforço.

Na última década, nem isso, tácito o acordo de que os corpos precisam se desejar. Então, olhava: um pai retrógrado higienizando o mundo sem poder dar conta da própria sujeira. Uma mãe que amara mulheres, mas se sufocara na tradição, sem forças para enfrentá-la. O marido sem desejo.

Liz nas suas perversões iniciadas em abusos da infância, presa às suas velhas. Que toda família tivesse porões, sempre lhe parecera muito claro. Que suas sombras incidissem sobre as vidas de modo tão destruidor, não. Pegou mecanicamente uma taça de gim da bandeja do garçom.

Londres, 1h30

A vida se alongava. Madrugada dilatada, Clarissa relanceou Richard dormindo profundamente ao lado. Apneico, vez ou outra a respiração cessava, quando reflexamente ela o tocava para que se virasse e retomasse o ar. Noutras, havia um pequeno deleite em vê-lo embargado, no modo mesmo que seria se morto, nenhum rompante, nenhuma reprovação, o homem insuportavelmente britânico carregava milênios nos braços e a oprimia como nada mais.

Era olhá-la, com aquele seu olhar alto e peculiar entre injúria, arrogância e uma calculada doçura, para ela arrefecer o que quer que houvesse lhe ocorrido em liberdade. Talvez mesmo sem ele tivesse se perdido ou fosse afeição de cárcere. Mas, nessa hora extrema, vinha-lhe em volúpia o desejo de não mais estar, de não ser; sonhando com o instante-antes, o neutro que somente a morte — certa — lhe devolveria em cura. Impávida, todas as coisas continuando à sua revelia, sem a sua providência, sobretudo sem a providência de Richard — ela sempre fora sobrepujada. Tornar à cinza, fertilizar o carvalho, a murta, incorporar-se à medula das coisas, à suculência do dia, bastava-lhe.

Liz se lembrava especialmente das noites de Natal. Todos os anos o mesmo. Clarissa desdobrada em fazer jus à tradição, cuidando, com a sua absurda competência, de toda a simbologia exterior, mas, quando se iniciavam os serviços da ceia, era como se fosse habitar outra esfera, a lâmina de sua solidão no desnudamento mais incisivo: como se aquilo tudo nada fosse ou significasse dentro de si; mesura, pompa e espuma breve.

Era de se ver a palidez que a sua pele ganhava, enregelada, absolutamente frágil. Quando, então, o pequeno tropel imóvel de renas artificiais no jardim fofo de neve, o presépio montado próximo à lareira, as guirlandas de doces,

tudo, tudo a tocava na tradição de povos do Leste que pouco lhe diziam, senão pelo aceno de degredo que era aquela Neandertal, a prussiana secular, Ms. Kilman a diariamente lhe dar notícia de como podem ser mesquinhos, cruéis e vãos os seres humanos. Doris Kilman e os seus odiosos tons enfáticos, sempre cheios de recriminações, exagerados decoros. Distorções encobridoras do oposto: sabia de que matéria se construía o pudor e a malícia sempre premente daquela senhora.

Clarissa olhava no jardim a pequena Elizabeth se entretendo com as flores, e uma ternura aquecia o seu corpo quase sempre frio, uma anestesia momentânea fazia adormecer a dor, sufocamento discretamente pontiagudo cravado no ininterrupto de cada hora da sua existência. Então voltava atrás no pensamento de que estaria condenada, por Elizabeth, à vida. Longa demais. A ideia de morte, impregnada em suas células, então foi desapercebidamente entornada numa espécie de dormência, que era a anestesia, o alívio da dor em ver a filha rosada ao raro sol londrino, exuberando quando vencia o tumulto de nuvens sobre a grande ilha.

A ideia de morte guardada numa delicada caixa de prata ornamentada, dentro do coração de Clarissa. Um refrigério enviesado. Uma esperança. Uma intimidade toda sua. Aos poucos convertida numa espécie de amante, sua força escondida, seu poder. Quando o silêncio extremo tomava conta de tudo, quando se sentia a tatear as brumas, desdenhosa de todo o vivido até lá, o pouco significado, a absurda lógica da vida, Clarissa começava a pensar em formas de não existir, modos de menos doer, jeitos limpos de fazê-lo, sem espalhafatos, porque, sim, a morte é escandalosa, sensacionalista e, como a revelação de um segredo, que fosse então o menos chamativa possível, já que havia o corpo, esse grande acessório, o peso de um corpo morto com que haver, coisa póstuma e perecível.

Tinha essa praticidade, chegava a senti-la, a tal praticidade, algo abominável, talvez mesmo hediondo de se carregar. Mas assim era esse seu segredo cujo maior desafio estava em proteger-se. Quanto mais a perspectiva do suicídio se alargava em seu espírito, tanto mais entregue ela ficava à ideia como algo inelutável. Em predestinar-se assim à morte, tinha na vida ao menos uma meta.

Clarissa-Elizabeth-Virginia, Liz tinha essa clareza: mulheres sem lugar. Produtos da História. O mundo rude e bruto daqueles homens de mil anos nos seus pesadelos mais aterrorizantes.

Rodmell, 11h03

Virginia não sabia o que exatamente sentia ali, algo entre a carícia e a violência. O insistente amor que os homens cultivam pelas espadas, rifles, estacas, lanças, dardos, suas penetrações.

Herr Freud lhe estendendo um narciso, tão simbólico quanto invasivo — ela não lhe pedira interpretações —, mas não poderia redargui-lo, ele o tesouro editorial de Hogarth Press, mas ele médico e isso arruinava qualquer perspectiva, Virginia os tinha, aos médicos, na pior conta, exceto por doutora Octavia Wilberforce, de todos a mais inofensiva, mas quem, sim, Virginia deliberadamente enganava para contentar Leo e também pela amizade que tinha por ela, suas agulhas de tricô espetadas em novelos num cesto, ao lado de sua mesa. Sempre sua imensa simpatia pelas habilidades manuais para além de qualquer título: tricotar, amassar pães, pintar, escrever, talentos que elevavam muito a sua percepção do outro.

Mas chegara a silenciosamente imaginar que vida poderia ter alguém que se punha cotidianamente em escuta ao sofrimento alheio. Desconfiava que, em alguns momentos, emaranhavam-se os sentidos ali, de modo que não se pudesse saber mais se era a doutora Wilberforce quem ajudava ou se, afinal, era ela a ajudada.

Balançou a cabeça que lhe doía, pensamentos pastosos, mas velozes. Seguiriam de Victoria Station no trem para Rodmell, Lewes, East Sussex County, enfim, Monk's House.

Era tácito, não precisava dizer a Leonard quando lhe chamavam os jardins e a casa de muitas portas, Leo sempre sabia. Seguiram o percurso férreo em silêncio, Virginia estava ansiosa para caminhar por aquele verde que envolvia

a casa e ler em voz alta as páginas que produzira na noite anterior, ouvir-lhes o som, sentir o ritmo das frases e, então, às quatro da tarde, sentar-se para o chá, perto da lareira, à espera do carteiro — momento que ela chamava de "o creme do dia", se não tivessem visitantes.

Entrava na casa como se retornasse ao útero. As paredes que ela própria pintara em tons de azul, amarelo, romã e um agressivo verde, este último rendera sarcasmo em Richard, o cunhado crítico, afeito à paleta dos pastéis insossos.

Os lírios, as begônias, as glicínias, ramos frescos nos vasos, tão melhores, tão mais autênticos do que aquele narciso que ela pensara em entregar a um pequeno vendedor de jornais em Victoria, mas preferira atirar mesmo nos trilhos da estrada. O piso irregular em terracota dava frescor à casa naquele dia inauditamente turquesa de março, sua sala de estar, toda ela marcada pelas pinturas e desenhos de Vanessa Stephen Bell e Duncan Grant, dos azulejos aos quadros e aos têxteis das cadeiras: Vanessa, sua obsessão pelas estampas, era uma comoção em seu coração, sempre. Clive, tão querido, e Vanessa jamais entenderá a natureza não física de nosso mútuo encantamento.

Havia algo de encantador numa rotina que a prevenia da autodisrupção, algo de delicioso nos rituais do chá e das louças, em colher flores, em dar destino às frutas da estação, ela mesma, preparando geleias, a quieta doçura da intimidade. Uma rotina, contudo, que não a engessasse, uma rotina animada por pequeninas novidades e surpresas. O pano entre os atos sempre caía.

Podia passar quase que imediatamente de um estado de aquecimento por lembranças afetivas — em segundos — para algum deserto de desolação. Como uma fantasmagoria sempre no canto da tela, quase imperceptível, ou sombra acostumada que de repente tomava abruptamente a cena. Mais difícil matar um fantasma do que uma realidade, pensou, enquanto Leo se apressava para tomar alguma providência prática relacionada à pressão da

caldeira, que simplesmente, nas últimas semanas, resolvera engripar e parar de aquecer a água.

Uma brisa balançava os adoráveis olmos e da janela ela podia divisar o vale que o rio Ouse rasgava, e vê-lo ali se insinuando em brilho era como espreitar uma serpente sinuosa, bela e perigosa, a forma singular com que o mundo sobre nós incide, era reviver também, em sensação, relances daqueles dias caudalosos e eternos em St. Ives.

Em Virginia, os tempos se misturavam, se sucediam e retornavam como se sempre agora, em frescor e dor.

Sentiu algo lhe roçar a perna, era Pinka, o *cocker*, amor sem condições, não importava se ela o tinha temporariamente abandonado e secretamente esquecido para uma das suas regulares excursões londrinas.

Exasperava-se, às vezes, com o excesso de cuidados e preocupações de Vanessa e Leo, como se gentilmente acusassem, a todo momento, a sua incompetência para as praticidades da vida. Como se uma criança mimada. Uma corda cuidadosamente esticada para não se romper, tampouco desabar no chão.

Colapso era a palavra que jamais pronunciavam, mas que Virginia via impressa nos olhos assustadiços, vigilantes e irritantemente amorosos daqueles dois. De novo a sombra se despregava semovente da periferia da cena para a sufocar e arrastar: não é apropriado, sequer justo, vagar pela vida como um peso assim. Então a cefaleia lancinava.

Um ferro fino e pontiagudo lancetando-lhe a cabeça muito devagar, atravessando-a e fazendo desprender, em cada minúsculo deslizar, luzes feito fogos de artifício, a vertigem imperativa de toda dor que nos consome e dilacera e arrasa.

De repente as coisas em redemoinho escoariam por um funil e sumiriam. Donde todo significado se retirava, sem propósito, e a percepção de que tudo

fora em vão. Era sonho. Virginia se sobressaltava, já conhecia a dinâmica das crises, pesadelos em que era jogada ao nada, rostos cujas familiaridades se evanesciam feito fantasmagorias, dormências, os afetos idos. Sabia então, nesses períodos, que apenas sobrevivia, reptiliana, letárgica igual uma lagarta de jardim, os pensamentos embaraçados em curtos-circuitos, em nada podia acreditar.

O nada era onde habitaria, não sabia se por muito ou pouco tempo, sentindo que, por horrível que fosse, honrava a sua antiga e tão breve mãe, uma habitante desse lugar nenhum também. Sempre sentira que a mãe se morria, propositalmente ou não, em desistência, mas nunca a compreensão cheia que a levasse, tão criança ainda, à ação, talvez um contrato, a mãe assinasse um documento em fiança de vida, pode ser mesmo que até se negasse a mais essa marra.

Apenas que em Virginia, durante toda a existência, a mãe fizera ecoar internamente um: "eu não fui bastante, eu não fui bastante".

Naquela hora ouvia, não de Londres, mas de dentro de si, o Big Ben ressoar, seus dobres graves, ferrosos, impositivos. Sua hora eterna, a hora do mundo, a hora que só faz seguir adiante, passadiça, escorregadia, sem volta.

Cedo, muito cedo se dera conta do sem-volta na vida. Vida que, se não fosse vivida já, no imperativo do momento, não ofereceria outro igual. Mas aqueles dias de quase verão, a estação se adiantara em céu de lascívia azul em Monk's House, eram relances de eternidade, repetíveis em poucas variantes: o tordo espetando nuvens brancas, as flores obscenas de tão vivas, os rododendros aparados por L.; aquela brisa que somente ali.

Como se naquele lugar o tempo se arrefecesse nalguma distração. Não se olharia mais no espelho para não seguir inventariando em melancolia a ruína de que os anos são capazes. Monk's House, ela própria, uma casa seiscentista, trezentos anos a carcomiam, viam-se pelos cantos infiltrados suas bolhas de

exasperação não contidas pelo estuque e pela tinta, madeiras esmaecidas de ranhuras dilatadas. Devastação.

Todas as coisas do mundo contêm a sua própria morte. Adiada o quanto possível, maquiada para que se a tolere e esqueça. Uma sombra no descuido do quadro, no seu ponto de distração. Começara a morrer ainda miúda. A pequena Virginia que empilhava pedras e cascalhos exóticos imitando Stonehenge aproveitava que os olhos da casa descansavam e furtivamente escrevia notas para Vanessa e Leonard. A mente tempesteava, a cabeça latejando em ebulição de pensamentos atrozes, mas havia uma só certeza.

Observou longa e detidamente cada detalhe daquela casa: seus encanamentos eram veias aparentes, as paredes grossas de caibro por onde tantas vezes se esgueirara em fuga das aborrecidas e estúpidas demandas de Nellie e Lottie — sua sutil vilania — e Louie, a quem agora auxiliava a espanar a fina poeira que insistia em diariamente tomar todos os desvãos daquela casa, mas exasperava-se rapidamente, nada que não se relacionasse à arte ou à escrita tinha, para Virginia, algum valor — sentia-se absurdamente inábil para regrar domesticidades tão básicas que deveriam ser pressupostas, adivinhadas. Sempre deixava tarefas pela metade, talvez Clarissa Dalloway conseguisse, em seu esforço hercúleo de aparência, maior efetividade.

Sobre o aparador da cozinha o grosso caderno onde por fim resolvera deixar por escrito todas as deliberações domésticas para se preservar dos muxoxos e da malícia cínica, falsamente servil, de que eram capazes as suas criadas.

A culpa e a repulsa misturadas faziam com que se sentisse um monstro insensível, a perniciosa simbiose entre patroas e criadas em seu tempo, seu cruel contraste.

Cada objeto ali feito partículas de uma narrativa verossímil, não foram poucas as vezes em que se sentira caminhar num romance, personagem de si

mesma. Foi para o seu estúdio do lado de fora da casa, pegado ao jardim. Inspirou profundamente e, vestida num casaco longo de lã com amplos bolsos que ladeavam os quadris, o pouco cabelo preso num coque descuidado e sua bengala para caminhadas, saiu da casa arremetida na claridade cortante, a exuberante luminescência do dia, tão invasiva às retinas quanto bem-vinda.

Atravessou o portão e seguiu, sem pensar, em linha reta, passando pela rua, sentiu cheiro de comida sendo cozida nos fundos da igreja, fome nenhuma ela tinha. Caminhou rumo ao rio Ouse, seu frescor corrente, mais magnetizada do que racional. Apenas que era a coisa certa. Talhada para um outro tempo, cada vez menos se reconhecia parte de algum presente. Havia euforia. Paz e libertação, o ar tomando-lhe intensamente os pulmões, a pulsação levemente alterada. Parou à margem do rio, seu banco de areia úmida, alongou os olhos sobre a sua brilhante extensão de água turva e fria, imaginou profundezas densas, braços verdes e ondulantes, peixes estranhos, criaturas da escuridão, dejetos humanos, restos de cadeiras, latas, borracha sepultados ali.

A ponte em Southease mais adiante. Como se caminhasse ao lado dos rododendros de The Strand, adoráveis. Inclinou-se apoiando a bengala e escolheu dois grandes e pesados seixos angulados, colocando-os nos bolsos do casaco para sentir-lhes o peso. Novamente se abaixou e recolheu um punhado de pedras menores, que dividiu entre os dois bolsos, que então puxavam gravitacionalmente o casaco para baixo, fazendo descer os ombros bem estruturados.

Era assim. Deixou a bengala deitada na areia e devagar começou a caminhar, a umidade esfriando suas botas Wellington, gradualmente, a cada passo, se afundando na areia já alagada, pesando as pegadas, lambendo suas pernas, a barra do vestido já encharcada.

Era fria como a morte a água daquele rio Ouse para onde, com determinação, sem qualquer relance de arrependimento ou medo, Virginia se precipitou, cada passo ficando mais e mais difícil até o rio a abraçar inteira e lhe tomar qualquer possibilidade de comando voluntário, tragada por águas indóceis, que aqui e ali faziam redemoinhos, as vias respiratórias ardendo muito, o alto gorgolejar de águas que era grito levando-a, num movimento de revezamento e regurgitação, para a fundura embrionária onde tudo é silêncio e escuridão.

São Paulo, 22h40

Ludmila se cansava um pouco dos modos ingleses.

Tudo tergiversado. Toda banalidade circulada à eternidade, se se permitisse, em qualquer conversa, todas elas cheias de preâmbulos e aquecimentos. A gente do preâmbulo. O preparo para encarar a coisa tornando-se mais enfático que a coisa em si, quando não a destruía, finalmente. Tudo dito em gravidade e profundidade que sequer havia. Poderiam discutir longamente sobre o frescor ou não de um peixe. Sempre a insatisfação climática na entrada. Seus pescoços longos e rosados, uma raça que se transfiguraria em ganso.

Um mordomo habitando cada um daqueles bretões, parecia fácil contorná-los, suas chaves óbvias. Robert às vezes tão inglês também, a pretensa superioridade em terra selvagem, que era do alto que ele e John viam o trópico. Superior, inclusive, a sua linhagem à da mulher babilônica. Fechava os olhos e ouvia címbalos alexandrinos, guizos de ouro, sombras douradas, a mulher do deserto. Tinha sonhos de paz, sonhos recorrentes bem assim: casas de paredes caiadas, o reboco grosseiro.

Chão em cimento queimado repleto de contas verdes e azuis, sempre elas, persistentes, em todas as tonalidades e transparências cravejadas por sua extensão — como se pisasse em gemas de joias, esmeraldas, lápis-lazúli, quartzos, ágatas, águas-marinhas, turquesas e safiras. Lá fora uma olaria, tudo terracota volteado por floresta e refrescância. Ouvia vozes, cantos, sopranos, flautas de Pã, violas de gamba. Era macio o sonho, que de repente se evaporava. Serpentes rajadas, corais e najas invadindo a cena. Não conheciam aqueles ali o atavismo de uma sede milenar. Muito não se sabe.

As velhas de Liz, sentadas, bem compostas, ninguém saberia dos seus festins; não a perdiam de vista naquela festa, Liz uma espécie de prêmio ao longo das tardes aflitivas, quando estendida sobre a sua mesa para os seus banquetes lúbricos, aquelas antropófagas, aqueles morcegos debruçados sobre a sua pele, famintas em todas as suas reentrâncias feito íncubos, velhas vorazes, cheias de expertise e nenhum pudor, transfundiam-se ali o que nela restasse de juventude. Jamais conversavam sobre o que se dava em sua mesa.

Para além disso, a vida banal da cozinha, dos cuidados com a casa e roupas, somente. A alguma distância, Liz via Antonio, algo nele se mutilara. Era aqui um senhor assustadiço, sobressaltado, não havia mais resquícios do jovem bronzeado por quem se perdera, nela também nada daquele tempo; visivelmente incomodado por ocasião de festa, nenhuma desenvoltura social. A tequila não o relaxava nem acendia naquela festividade de mortos em que cada qual parecia, embora os esforços de interação, ensimesmado, afundado às voltas com os próprios fantasmas. Um jovem garçom mestiço, mais para negro, tropeçou no tapete e o estrondo cortante de taças quebradas ecoou pela sala. Por alguns instantes, silêncio — o serviçal incompetente —, raiva nenhuma em haver alguém a carregar copos para outros se fartarem, porque o mundo é assim posto — alguma piedade muito fugaz, aos olhos aterrorizados do menino, talvez oprimido então pela coletividade dos olhos que se modulavam em acusadores, seus modos defeituosos, escuros, servis, desprezíveis; indo então ao desprezo por aquilo que no fundo, ali, não perdoavam. A falseada preocupação — você está bem, rapaz? Machucou-se? —, para, antes mesmo da resposta, sequente esquecimento de que aquilo tivesse se dado. O garçom, logo substituído, não voltaria ao salão, sairia pela porta do fundo daquela casa de consulado, longe da gente estrangeira que vinha acusar os

maus modos locais, rir dos usos primitivos e pouco sofisticados dessa terra exótica e fincar bandeiras de alguma sorte de domínio.

Adam tinha o péssimo hábito da cocaína. Aquilo que começa brilhante e depois deságua em loucura sombria. Falava, ria, impermanente, superfície. Ia mais e mais nisso, a princípio discretas saídas ao lavabo.

A cada retorno, o desdobramento da aflição e agressividade, leve provocação nos gestos e nas palavras, afiando-se progressivamente. Até — Liz sabia e já esperava, fora desmesurada também — passar do ponto e, quase convulso, ser levado embora pelo parceiro, na prevenção de algum destempero mais grave. John observava e via: os olhos arregalados de Adam eram os mesmos olhos de Elizabeth, quando de sua segunda internação, poucos meses após o nascimento de Robert, época em que ela ensaiava fugir de casa. Olhos de pânico e de morte, ela perguntando, já sob contenção de enfermeiros e tranquilizantes:

— Então era isso mesmo? Só isso aí? — John jamais alcançara a natureza dessa indagação, sua perplexidade tamanha. Daí, nunca mais seria a mesma. Hostil às vezes; seus modos quase sempre mordazes.

Numa de suas intempestividades dissera um dia — lampejo da memória — algo sobre um cavalariço da sua infância. O que estaria mofado nos baús da infância de Liz lhe parecia, relanceado assim, assustador, mas logo racionalizava a genética naquilo, mãe e tia malucas, como são trabalhosas as mulheres.

Aqueles olhos pareciam a John espelhos de terrores, não tivessem bastado os seus próprios — não demorara a reconhecer que Liz não seria jamais auxílio, antes, fardo complexo. Liz mergulhava no sumo da noite.

Gostava das noites frescas, orvalhadas, e essa estava assim, lembrava-lhe os verões e as primaveras em Londres. A luz do dia sempre lhe trazia algo de insuportável, a luminosidade era faca inclemente em seus olhos pequenos.

Pelas noites, movia-se melhor, mais inteira. Então, quando passou a vivê-las e desprezar os dias gastando-os com o sono, John chamou os médicos, moldadores da humanidade previsível e controlável, para que lhe invertessem o turno e restituíssem alguma normalidade. Enganava-os, descartando as pílulas prescritas; atirada naquelas madrugadas encasteladas, bebendo uísque, imaginando poemas, até John se encher daquilo e buscar nos seus amigos médicos injeções compulsórias que a punham dócil e obtusa feito uma ovelha idiota.

Quando sinalizava tolerância à medicação, vinha a superdose, porque a mulher deveria se comportar à sua altura, jamais acusar, não pedir tão abstratamente: dela esperava-se a manutenção, preferencialmente o coro e o reforço de suas teorias e práticas, não havia outro modo possível. Concordava com Richard quanto ao deletério que havia em mulheres como Virginia Woolf. Gostava de dizer, às rebeldias mais exaltadas de Liz, que a privava disso ou daquilo como um modo de curvá-la, pisando-lhe figuradamente o pescoço:

— Vou pisar no teu pescoço até você pedir água. — Era assim que, quando contrariado, a mantinha a pão e água somente, a despensa trancafiada e os empregados proibidos de lhe oferecer o que quer que estivesse além da ração estabelecida.

Daí que, medicada, mais calma, portanto, ele retornava lhe estendendo presentes, cheques, aos quais, inicialmente anestesiada, ela permanecia indiferente, até se retomar em parte do que realmente era e torrar toda a gratificação em artigos inúteis, agrados exagerados aos amigos e pessoas mais próximas. Desprezava os médicos na mesma medida em que Virginia os desprezava: uns desentendidos, esses psiquiatras fuinhas e cheios de si, classificava-os.

Eclodia novamente revoluções em casa: greve de fome, greve de fala — John a chamava de sindicalista e socialista, era depreciação —, planejava a salga das refeições, o desarranjo dos objetos, comportamentos abruptos para desconcertá-lo nas aparências sociais.

Mas o mundo diplomático já estava familiarizado com os destemperos da mulher de John Fleet e diplomaticamente tratava a questão com o silêncio protocolar.

Havia ocasiões em que no calor de suas estrondosas rebeliões domésticas lembrava-se de Clarissa e do quanto ombreara com o pai contra a mãe, os modos dele sempre insidiosos; quanto a julgara e condenara, como estivera certa de serem corretas as premissas conservadoras de Richard, as mesmas que hoje a massacravam. Era aí que sentia, do modo mesmo que podia, se redimir com a mãe morta, vingá-la, enfim, trazendo confusão, transformando em inferno o sistema que a subjugara e lhe retirara sentido de vida.

Sua primeira internação, Richard a providenciara. Mandou chamá-la no quarto e a aguardou na sala de visitas, bebendo chá, rodeado por três enfermeiros grandes. Quando desceu as escadas, sorriu ao pai o sorriso cúmplice de toda a vida. Mas, antes de vencer os lances finais daqueles degraus, lentificou os passos.

— Papai? Quem são esses homens?

— Amigos meus, minha filha — ele respondeu, como se um dia de sol.

Paralisada, rente ao corrimão, desconfiada, ainda havia jovialidade em si, ela estendeu a conversa a distância, para ganhar tempo, indo ressabiada:

— Mas o que fazem aqui esses senhores que eu não conheço?

Richard tentou o melhor sorriso, que saiu duro, contudo.

— Vieram lhe ajudar, querida. — A voz impassível, tranquila, porém um quase imperceptível tique nervoso de Richard, que somente Clarissa e

Elizabeth flagravam, levíssimo pinçar de lábios à esquerda, quando extremamente tenso ou contrariado, a alarmou, de par com as presenças desconhecidas ali.

— Ora, ora! Eu presumo que sejam enfermeiros ou, pior, médicos. Não estou doente, papai. — Sua voz saiu trêmula, agastada, mais aguda e desafinada que o habitual. Quando ensaiou passo de fuga, os três homens saltaram sobre o seu corpo, tensos, sôfregos, ela se debatendo, a incredulidade assomada de que aquilo estivesse se dando, lágrimas nos olhos, gritos, Richard de costas sem olhá-la, aquele traidor. Aquele filho da puta, seu pai.

O percurso em camisa de força na ambulância, sem sedativo, ela fez com pensamentos violentos abalroando qualquer ideia boa e circulando na negação, ultrajada pelo que sentia como a segunda maior punhalada de sua vida. A primeira lhe imputara Clarissa com o suicídio — mas esta não fora exatamente uma traição —, um ato, de certa forma, longamente anunciado, até mesmo esperado. Do pai não suporia deslealdade assim.

— É para o seu bem, filha! — Foram as únicas palavras que ele dissera de costas, paralisado durante todo o entrevero anterior à sirene ensurdecedora daquele carro de hospital gradeado por dentro.

— Qual bem? De quem? O seu bem? O que é "bem"? — gritara ela de volta, antes que os palavrões trancafiados há anos que ela sequer soubera existentes e a ele direcionados começassem a irromper, transbordantes.

— Satanás sem rabo! Traidor covarde! Fascista! Manipulador! Mentiroso! Eu acreditava em você, olhe para mim, bem aqui dentro dos meus olhos, homem ancestral, assassino de minha mãe, ser virtual, volteador, você matou, sim, a minha mãe, homem sem poesia! Vinte caras! Conservador bolorento! Me fez odiar a minha própria mãe com essa sua bondade maquiavélica e asquerosa! Falso! Odeio você e tudo o que representa, e que não é pouco, não!

Então, pelo longo caminho que a levava ao manicômio fora de Londres, estrategicamente longínquo, que é para fora dos olhos que se destinam os loucos, sempre, à invisibilidade, sujeira varrida para debaixo do tapete, ocorrera-lhe, pela primeira vez, que durante todos esses anos não se dera conta de que uma porção sua o odiava.

Suas milimétricas perversidades refreando pequeninos prazeres ou expectativas, como pirulitos retirados da sua boca no clímax da doçura; apontamentos incisivos a todos os erros, olhos punidores, encobridores; a imputação da imbecilidade materna sugerida, sobrepairando com sutileza aos discursos. No retorno desse rápido inferno, Richard a esperando na mesma sala de visitas com um ramalhete de rosas cor de champanhe, ignorou-o, como se uma pedra.

Jogou no tapete a caixa de bombons que desconcertado, em *mise-en-scène*, John lhe estendera, o homem-autômato. Subiu as escadas dizendo que eram tolos demais se pensavam que aquilo se resolvia com flores e chocolates. Ela os odiaria eternamente, sem trégua, a fogo brando, em banho-maria.

Tão banais, tão pouco conscientes de sua própria violência, buscando compensações à morte do desejo, que era o seu modo mesmo de caminhar pela vida, em miúdos, calando bocas, tentando transformar em putas todos ao seu redor. Veio primeiro o piano austríaco, que Liz jamais tocou. Cães de raças exóticas, os quais não conseguiu amar, a raiva ocupava espaço sem amor em si. Daí, um bilhete de navio para cruzeiro pelas Baleares, que ela rasgou.

Não.

São Paulo, 00h02

Em não haver pai nem mãe, por disfuncionais que lhe tivessem sido, Elizabeth sentira e sentiria adiante vagar pelo mundo sem qualquer trilho.

John, havia muito, a declarara à deriva, não tangenciava que se trouxesse algo do mundo de dentro, talvez mesmo sequer fizesse ideia do que pudesse ser tal coisa — mundo de dentro.

Em morrer-lhe assim tão voluntariamente a mãe, que é dizer matar-se, Elizabeth sentia-se perenemente bamba, insuficiente. Todas as coisas continuavam a despeito da vida da mãe, o mundo desleal, girando sem ela, tudo seguindo normalmente como se Clarissa nada tivesse sido, era um esfacelamento. Seu amor tímido e mais entranhado que expresso não fora potente o bastante para salvar a mãe.

Esse pensamento circulara tão insistente em sua mente que lhe produzira uma espécie de sulco a então se desdobrar e determinar tudo o que ela acabara sendo: no signo de não ser suficiente, não pertencer. O que se irradiava pelo coração como aviso: cuidado! Tudo é vão.

Sua impermeabilidade à mãe a conduzira ao lugar da omissão, ombreada, nas guerras afáveis e invisíveis entre pai e mãe, com a sanha destrutiva de Doris Kilman, que lhe acenava todos os dias haver roubado a filha, acusando Clarissa de ser uma mãe lastimável e Liz, um ser diminuto.

Anos depois, à africana Petronília, sob jugo assim, rutilada entre ódio e devoção, que era o eixo de sustentação aprendido por Doris Kilman, guiaria em sua fé: lavar-se das más ciências tribais, extirpar-lhe o xamanismo, suplicá-la na travessia do inferno, só assim alguma redenção.

Entre tilintar de copos, algumas gargalhadas atravessando o ar, uma bossa nova ao fundo, voltou a Antonio, mas não havia mais nada lá. Robert a vigiava obliquamente, medindo cada um de seus passos, sem encará-la. Ludmila entretinha os convidados. John, diplomático, cheio de mesuras, mas também seco e monolítico. Pensou em que se transformaria aquela festa de repente se se pusesse nua sobre a mesa para repasto das suas idosas. No quão mentirosos somos todos nós. Na pouquíssima lucidez das relações. Que esqueletos guardariam aqueles ali em seus armários? Uma festa a celebrar o fato de não estar internada parecia-lhe patética. Mas havia Ludmila e só ela a agradar, feitas ambas do mesmo tipo de fibra.

As flores, pequenas explosões aqui e ali, eram êxtases melancólicos. Elizabeth sentiu a proximidade complexa de Piotr. Alto e magro como uma espécie de porteiro da mansão dos mortos, nele a vida parecia claudicar, pálida. Também parecia comprazer-se em olhar o mundo de cima, deliberadamente inclinando o queixo e os olhos para baixo, na mira de qualquer interlocutor. O seu forte sotaque russo, sua frieza balcânica.

Piotr sempre sentira que a qualquer momento Elizabeth pudesse desvairar numa loucura caudalosa e temerária, ainda que houvesse tentado se atrair por encantos menos óbvios, fracassara, os olhos sempre fixos nas características que a exasperavam: suas oscilações, o seu modo de circular entre dureza e candura eram algo que a irritava; sua maneira sub-reptícia gentil e sorridente de puxar o tapete; sua capacidade hereditária de fazer-se esplendorosa ausência em cheio, corpo presente, espécie de títere. Ele se aproximava dela sem encontrar, contudo, um liame qualquer para alguma conversa plausível.

Apenas a consciência de que chegavam aqui ambos e, aparentemente, todos os demais, por detrás dos seus imperativos sociais, extenuados, vagas

tristezas saltando de suas efusões fabricadas, a pontiaguda sensação de que cada qual a seu modo, nalgum aspecto, houvera fracassado.

Sagaz ela sempre fora em tais contextos, então, puxou assunto:

— Diga-me, querido Piotr. Como está Palma de Maiorca?

Com um suspiro um tanto contido — sem ela, abrira uma clareira mais fácil —, ele respondeu que Maiorca continuava ofuscante e bela. Um tanto espanhola — o que quer que isso sugerisse — e, ao mesmo tempo, algo catalão, fora do eixo, em termos, uma síntese que a generalizava numa ou noutra vertente.

— Exsudando salinidade, sol e brisas úmidas — refilou, gracejando. — Estamos sempre, permanentemente ungidos pela sua língua de miasmas marítimos, Bella! — Piotr era pródigo em superficializar qualquer conversa, rasurando toda possibilidade de se entrever o que de fato houvesse em si, muito, dele, não se saberia, exceto que todo movimento vinha de desaguar nalguma ambiguidade.

O rosto de Liz levemente se iluminou à lembrança do apelido que ele cunhara havia tanto tempo — única pessoa no universo a tratá-la por Bella. Mas logo a percepção de que a luz desse nome continha obscurecimento também, a percepção de que todo cálculo em Piotr se direcionava ao diminutivo, à desqualificação gentil — um rematado narcisista.

Essa Bella, uma boa de uma mimada, uma frívola, isso sim, na sua perspectiva, era o que ele, em repulsão, começava a pensar, acedendo aos caprichos vinculares de Antonio, só por isso se submetia a tal disparatada viagem para a cidade cinza que era essa São Paulo, em muito parecida com a Ucrânia, o rancor crescendo feito fermento instantâneo, então, era automático que ali mesmo se afastasse para que atrocidades maiores não sobreviessem. Dos atilamentos de que se tecem as relações. Levemente embargada, Liz voltava à linha de idosas timidamente sentadas, como se estátuas.

Uma festa feito arquipélago de ilhas que precariamente se comunicam. Nisso, conforme a noite avançava nas suas horas aparentemente infinitas, via, fracassava também. Não havia atualidade naquelas relações. Zumbis que precariamente se sustentavam ali com malhas esfarrapadas de um passado mais inventado que real. Somente seus esbarrões passados justificavam aquela festa, mas não era combustível suficiente para que se chegasse a algum lugar novo e desconhecido. Uma festa que carecia de frescor. A sensação onipresente em Liz, desde sempre, de um não ser e um permanente não pertencer.

Caminhando na vida avulsa. Entretanto — e isso era índice de humanidade —, Liz, distanciada, os via em tentativas. Todos ali eram náufragos pedindo sobrevida, tentando alguma articulação, John, o diplomata, não se rasurava de todo, o preconceituoso, sempre ladeado por Robert, o anódino.

Liz seguiu à cozinha, talvez o centro, quem sabe o coração de todas as casas possíveis, o seu aquecimento, alguma fartura. Os garçons e o *chef* ali a observavam silenciosos e discretos, um deles acorrendo em preocupação — a senhora precisa de algo? —, mas ela tão embotada, não respondendo, somente buscando algum socorro numa cadeira, algum solitário amparo da mesa à frente para continuar existindo. Aquela cozinha.

Permaneceu absorta, anestesiada por eternos quinze minutos antes que a hora se fechasse trazendo outra hora que também se fecharia e assim sucessivamente, o peso de existir sob o signo das horas que vão se deglutindo a si mesmas, caminho lento de dominós rumo à derradeira queda, única certeza que se terá. Voltaria, sim, ela sempre voltava, antes do colapso, antes do sem-volta, à circunstância. Cambaleante ou combativa, voltaria àquela sala. Era filha de Clarissa Dalloway, a anfitriã perfeita, seu verniz civilizatório, sua dor secreta, alguma raiva, então, com o esforço dos séculos se levantaria erguida no melhor sorriso e voltaria àquela sala.

São Paulo, 00h49

Antonio observava com discrição cada oscilação de Elizabeth, sua realeza exótica; diante dela parecia tartamudear.

Vinha da cozinha como se alguém que no caminho se recompusera, John parecia tão pouco para essa mulher que afinal o escolhera. Gelado demais para o calor da confusão que a habitava, mas fogo que lhe parecia extinto também. Assim como o seu próprio. Quando é que desistimos assim? Que gatilho invisível esse a nos assassinar em vida ou semivida, que é o que pareciam carregar em peso todos naquela festa, suas circunstâncias veladas, pequena galeria de mortos-vivos rastejantes e soberbos. Em que preciso momento ele próprio se abandonara para viver relação tão canibalesca com Piotr?

Voltava os olhos para Liz intrigado. O que nela se rompera e parecia ancestral? Aquelas pessoas na sala, exceto por Ludmila, que flutuava leve e sorridente, como se em outra esfera, por entre os convivas que parcamente disfarçavam certo mal-estar, suas conversas cultas, aparentemente descontraídas, dissimulando desejos indivisáveis. O cuidado para que qualquer coisa inominada não se quebrasse irremediavelmente ali. Piotr observava Antonio, pensando que alguma música retirada das entranhas da madeira do violino talvez salvasse um pouco do que pudesse sobrar daquela noite: a festa em homenagem a uma transitória lucidez, portanto uma festa sã, para além de qualquer medida. Numa mesura contida apanhou com solenidade o estojo do violino que deixara no vestíbulo como se um guarda-chuva e o abriu. Posicionou o instrumento no ombro e, pedindo silêncio com o olhar soberbo, toda a dureza do Leste, iniciou os acordes de *Peer Gynt*, de Grieg, anunciando antes:

— Esta vai para a nossa muito querida Mrs. Elizabeth Dalloway Fleet, que uma vez confessou enxergar fadas, elfos, luminares por entre as notas de Grieg. — O leve burburinho cessou na sala e daquela madeira Piotr arrancou um lamento potente, quase choro. O imenso sofrimento calado de quem já passou da metade da vida, meio atordoado e perdido nisso que chamam maturidade, a eterna contenda entre amor e morte, sua interdependência.

John, aquele flanco de aparências, Robert, o seu comensal. Elizabeth se exasperava e, nem a música neutralizava isso, se dava pela milésima vez conta de que tarde demais escolhera uma duplicação espectral do próprio pai, na figura de John, aquela familiaridade sedutora em princípio, convertida no martírio de seguir as inumeráveis horas de uma existência ao lado de alguém tão plano, tão sem surpresas, sua ausência de humor, suas paralisias ao imprevisto.

Genuinamente se amparava numa representação convincente e quase acreditava nisso. Vê-lo ali naquela festa, algum desvelamento pela bebida, leve distração, era algo que pedia olho firme.

Mas pior que tudo era enxergar nele a sua própria covardia espelhada. Arrastar-se na paixão da contrariedade, acostumar-se a ela para então fraudá-la, sem, contudo, empunhar alguma força de escape, apenas resistência e a constatação da energia absurda gasta em tal gravitação, quase um campo magnético.

Talvez se merecessem, revolvia, ali, noite alta. Quem sabe mesmo tivessem nascido eles como tampa e balaio, o vinho lhe provocava levitações, desfoques, transigências, engodos de momento, furores de um instante. O espírito do vinho lhe dizia, naquela festa, de repente, se fechando em súbita compreensão, que aquele vínculo era forte bastante para devastá-los na lentíssima erosão de suas vidas, a cada rispidez, sarcasmo ou agressão aberta, no mais insidioso dos venenos humanos, sua inabalável indiferença atenta, performada, calculada para o efeito.

Antonio era o que poderia ter sido, mas que, no fundo turvo, não era, pouca substância. De chofre, um afeto quente brotando em direção a Robert, filho que se estranhava, que não fora seu, mas carne sua, fugidia, cheia de medo. Suas velhas, as festas do corpo, acenavam cansaço, esperavam que as liberassem, mais escravas de Liz do que ela própria, de seu desejo torto, oh, Ms. Kilman demoníaca, jazendo num asilo, túmulo em vida, o bônus em não se lembrar de que pervertera um caminho, sua mente, uma nébula cada vez mais pálida.

As horas indo embora, impressas nalguma memória, o álcool fazendo tudo lânguido, ressaltando verdades, Elizabeth viu Spencer, mais avermelhado e inchado que o habitual, cortejando Ludmila, Trudy ensimesmada numa poltrona. Sua Ludmila, a filha que a vida lhe enviara. Spencer feito um baital, sua peçonha, seus modos letárgicos e pegajosos, arreganhando presas cheias de ganas e então perscrutou Ludmila, a recatada mulher do deserto, sua irresistível atração por aquele que ao seu lado era um velho carcomido. Talvez guardassem identificação secreta pelas coisas velhas, sem que o soubessem.

O indevassável em cada um, fronteiriço ao perigo. Como se de repente a festa se encantasse noutro ritmo incandescente e só ela conseguisse enxergar a loucura assomando, feito sonho, em lentidão, a nora se esgueirou com o homem faminto por sangue novo em direção ao escritório e, antes que alguma indignação ciumenta sobreviesse, qualquer senso de proteção ao filho evanesceria, num quase imperceptível gemido que expressava a percepção de que Ludmila também compunha a nau que afundava com pessoas que desesperadamente buscavam amparo nos destroços.

Esquematicamente passava então a sentir aquela festa.

A noite se insinuava diabólica como, em verdade, todas elas terminam. Sombras líquidas alongando aquele tempo fora do tempo, um campo de artemísia que se desfazia em absinto na taça de Trudy. Verde totalmente bórico.

O cenário era aquele de nuvens migratórias negras, azuis e acinzentadas sob lua que caía em cheio formando um vasto diorama no começo, como se em eclipses à beira-mar. Ao redor da mesa, perdidos, extensos, Kathy e Joanne, Shelley e Mark.

— Ouça! São as *Gymnopédies* de Erik Satie na batuta de Riri Shimada! — entrecortou, alarmada, o vácuo de silêncio naquele instante, Kathy, nariz aquilino.

— Prefiro as *Sarabandes*, as *Gnossiennes* — desfez Shelley, desejando deixar à mostra que realmente não precisava de bengalas do gênero para criar encantos ou demonstrar força, sensibilidade e inteligência. Kathy, boca que chispava labaredas. Amargor de losna na taça onde dançava *la fée verte*, a fadinha verde do absinto se equilibrando entre gelo e torrões de açúcar.

Mark, apertando olhos cuja graça só mesmo os míopes, explodiu, em gritos:

— Preste bastante atenção, Shelley: pra mim chegou, fim. Não quero mais, nada, nada. Isso tudo aqui é vago e diluído demais. Isso é loucura!

Shelley, maxilares rijos, mordeu a língua antes de vociferar o que não queria, virou a taça que não tinha nem gelo nem doçura de açúcar, taça que era só intensidade verde e, num langor etílico e inebriado que amanhã se dissiparia em sã, dolorida e ensolarada consciência, concordou, numa facada que não esperava, em tom monocórdio, o melhor que encontrou:

— Pra mim está perfeito, querido.

Spencer seguia distante, em alheio silêncio, ali, mas não lá, como que enredado em ópio, enfim, atado às esmeraldas que tinham verdor de tília.

Shelley livrou-se de suas roupas amarras pudores e saiu da mesa rumo ao mar imaginário. Mark segurou a sua mão:

— Vago e diluído demais, Mark — insistiu ela.

Ele:

— Preciso de chão, quero hora, quero dia, alguma linha, um rumo qualquer.

Shelley fixou o olhar em sua boca e. E. Porque ia perguntar a ele o que não era afinal loucura nessa vida. Mas preferiu calar-se.

— Beba. — Foi o que soube dizer, continuando ali no parado, no nada, olhando o fosso escuro que era a expressão dele, meia-noite. Desolada, uma menina deserdada, avulsa, longe de casa, mendiga, ela perguntou: — Por que tudo nos conduziu a este momento, a esta mesa? Tudo partilhado, tudo obviamente perecível. Em que preciso instante as coisas começaram a desandar? Como, raios, viemos parar nesse buraco, nesse beco sem saída, doentes, abjetos, mesquinhos?

Aconteceu então que os outros — tédio, preguiça, lassidão, vagar — não mais existiam ali.

Trudy despertou:

— O problema é esse: isso que está em mim e que só se inteira, só se completa no outro, esse que não sei, que não acho e que talvez não exista. E quando o suspeito, torno-me lança, farpa, espinho, aço, oco. Falo banalidades, flerto com abismos, não dou pausa para o respiro. Quero muito, quero tudo, o total, o fruto, a lama, o osso, o tapa na cara de quem se esconde e é descoberto. Alguém suporta? Será que o mundo precisa de mais alguém dizendo que, ao final, a luta insana é travada a sós, de mim para mim mesma?

Shelley, vagando por um suposto mar, já se tornara passado no espaço de um quarto de hora. Tênue lembrança de um romance que não ia.

Foda-se tudo. Shelley andava repleta de si e nem contabilizava mais o total do que queria. O absinto misturado com champanhe, em nuvens esbranquiçadas.

— Vem cá, Mark, me dá um abraço.

E ele veio, braços indecisos, timidamente ávidos por baixo de algum véu invisível que era medo a tentar desmagnetizá-los e convencê-los de que, na lógica das coisas, não, náufragos que eram. Ou que sim, irisados, encharcados de absinto, endiabrados, por que não?

Incomodadas, como se não caminhassem também sobre lâmina afiada, quem sabe enciumadas, as idosas de Elizabeth quiseram se retirar, em nenhum momento estiveram ali à vontade; murchas feito flores de ontem, intuíam, naquele encadeamento, que à Liz não mais pertenciam; das rupturas, elos enferrujados que se desgastam, suas soldas perecíveis.

No momento em que finalizaram as despedidas, John atendeu o telefone, a perplexidade lavando a embriaguez, puxou Liz num canto da sala, circunspecto.

— Elizabeth, acabam de telefonar de Londres comunicando o falecimento de Ms. Kilman. — Num tropeço, ele a amparou, ela lívida, emoções contraditórias tempesteando dentro, imagens rápidas se desenrolando na mente, memórias edulcoradas, toda a contradição em extremos de amor e ódio que representara aquela alemã. Não sabia se aquela festa acabava ou se agora mesmo é que começava. Como desentranhar de si bizarra alemã com quem ombreara em rigidez e perversões, a quem de modo culpado imputava parte de seu sofrimento, suas bizarrias, mas por quem tivera afeto caudaloso?

— Morte súbita, falência generalizada dos órgãos vitais — emendou John, de modo pausado, visivelmente cauteloso e preocupado, acenando para que Robert se aproximasse.

Ela teve o ímpeto de sair dali. Ímpeto de fuga daquilo que a assaltava, mas jamais impulsão para atravessar o oceano e estar lá para velar a ossatura pesada, proeminente e descarnada da mulher que a guiara no descaminho, a mulher um tanto morta. Não sabia se morria também ou se renascia, naquele exato instante, os movimentos letárgicos, enxergava tudo ali, toda cor e movimento em câmara lentíssima. A vida é sozinha mesmo que se carrega, pensou.

Ludmila de repente surgiu. Estivera ou não em retirada de infidelidade? E quem era ela para julgar o que ou quem quer que fosse? O tempo indo e vindo na cabeça, as horas se aglutinando, futuro, passado, presente, tudo numa só linha, desde as memórias mais remotas às inventadas, parecia não dar trégua, horas tornadas dias que se despejavam em anos que se embaralhavam dentro, em avanços e recuos.

— Por favor, John, não acabe com a festa dessas pessoas, elas seguem felizes a seu modo, enquanto podem, aqui.

Robert, sua palidez, postou-se ao lado da mãe, o anteparo de silêncio que sabia oferecer. Ludmila achegou, gotas de mercúrio eram eles, por menos que quisessem, uma força invisível os atraía. Morria no outro lado do mundo Ms. Kilman, sua iniquidade, mas, dentro de Liz, resistiria viva, como Mrs. Dalloway, feito fantasmagoria a definir-lhe os passos e a infelicidade.

— Morta, morta, morta! — quase gritava Elizabeth, sem aclarar a modulação, o acento entre o espanto, a angústia, quiçá libertação daquele quarto escuro de orações, sua janela emperrada, a face cavalar, violência de entreditos.

Do que necessita perecer e deixar lugar para que outras coisas se refaçam ou, de seu agudo vazio, enfim, renasçam.

— A festa está só começando — decidiu Elizabeth Dalloway Fleet, que tinha íris e açucenas nas mãos.

Vanessa Maranha integrou várias antologias de contos, entre elas *Mais 30 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira* (Record, 2007). Em 2004, venceu seleção de contos da Universidade Federal de São João del-Rei. Em 2012 venceu o Prêmio Off Flip; em 2013, o Prêmio Ufes de Literatura com o livro *Quando não somos mais* (Edufes, 2014) e o Prêmio Barueri com *807 dias* (Multifoco, 2012). Foi finalista ao Prêmio São Paulo de Literatura 2015 com o livro *Contagem regressiva* (Selo Off Flip, 2014). *Começa em mar*, romance, recebeu Menção Honrosa do Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura 2016. Em 2019 participou da antologia de contos distópicos *Tudo soma zero* (Bestiário, Porto Alegre).

Ao optar por uma estratégia de composição que privilegia o diálogo entre gêneros distintos — ficção e não ficção —, e ao apostar numa narrativa fronteiriça, em que ensaio, biografia e romance se cruzam, Vanessa Maranha constrói uma história marcada pela ambiguidade, a exigir do leitor o exercício da invenção na construção de sentidos possíveis. Dominam esse universo limítrofe mulheres fortes — Elizabeth Dalloway e Virginia Woolf —, que desafiam expectativas patriarcalistas, num enfrentamento renitente com a sociedade de seu tempo. Personagens inspiradoras que, ao assumirem o rumo de suas vidas, nos convidam a perceber, afinal, os desejos "profundamente escondidos e inarticulados" que existem (e persistem) para além da existência cotidiana.

Fabíola Padilha (Ufes)
Flávio Martins Carneiro (Uerj)
Marcus Vinicius de Freitas (UFMG)

EDUFES